

Adiante!

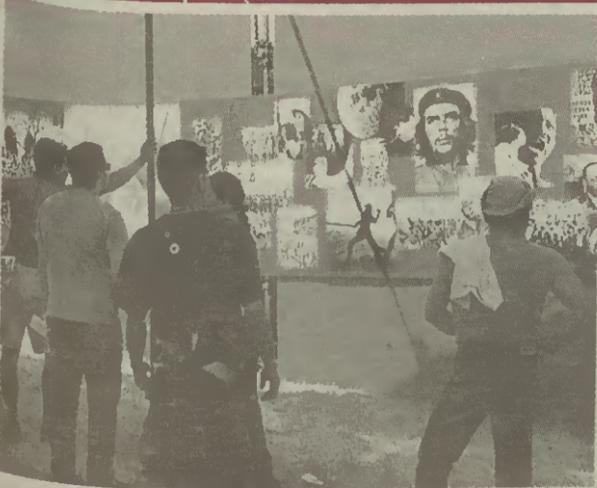
A Festa do ano 2000 culminou com um vibrante comício

Olhem para esta Festa!



A Festa, marcada pela vigorosa participação da juventude, culminou no comício de domingo que mostrou, uma vez mais, a força do PCP. «Um Partido», como afirmou Carlos Carvalhas, de que «os trabalhadores, o povo e o Portugal do século XXI precisam».

Debates e Exposições



Um Partido vivo

A política esteve presente nas exposições, nos debates sobre temas nacionais e em iniciativas de solidariedade internacionalista, em que participaram militantes do PCP e convidados estrangeiros.

Págs. 4 a 15

Artes e espectáculos



Uma Festa das artes

Vários palcos levaram à festa muitas centenas de artistas portugueses e estrangeiros. E também houve teatro. E cinema de animação. E vídeo. E uma verdadeira festa de livros.

Págs. 16, 25 a 29 e 34

Desporto



Milhares participaram

As actividades desportivas, este ano, reuniram milhares de participantes em diversas modalidades. Da Corrida ao Xadrez, passando pela Ginástica, Futebol e diversos jogos tradicionais.

Págs. 34 a 37

Avante!
Proletários de todos os países
UNI-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matrícula: 47058.
NIF - 500 090 440

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93

E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lígia Calapez
Manuel Jorge Veloso
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Sérgio Morais

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 924 04 47
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Continente e Regiões
Autónomas)
50 números: 8 100\$00
25 números: 4 200\$00

EUROPA
50 números: 21 850\$00

EXTRA-EUROPA
50 números: 30 600\$00

GUINÉ-BISSAU,
S. TOMÉ E PRÍNCIPE
e MACAU
50 números: 23 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



A 24.ª edição da Festa do «Avante!»

Resumo

30 Quarta-feira

Na sequência da reunião da Comissão Permanente do PS, José Junqueiro afirma que um eventual chumbo do Orçamento de Estado irá provocar uma interrupção do «clima de desenvolvimento e aumento de emprego». Em Faro os citricultores distribuem cerca de 20 toneladas de laranjas à população como forma de protesto contra a dificuldade de escoamento da fruta nacional no mercado. Vladimir Putin assume-se oficialmente responsável pela tragédia no submarino Kursk. À semelhança do sucedido em Londres, um jornal italiano publica as identidades de 16 pessoas acusadas de pedofilia.

31 Quinta-feira

Em encontro com Jorge Sampaio, Durão Barroso apresenta ao Presidente da República as razões da ameaça de apresentação da moção de censura contra o Governo. Fernando Rosas, deputado do BE, afirma que o prejuízo económico e social para o País resulta de um mau Orçamento de Estado e não da sua reprovação. Bill Clinton realiza uma visita de dez horas à Colômbia, onde, sobre fortes protestos e acusações, anuncia um programa de combate ao tráfico de droga e armas, resumindo-se a um apoio militar ao combate à guerrilha FARC.

1 Sexta-feira

Tem lugar na Quinta da Atalaia, com uma intervenção de Carlos Carvalhas, a abertura de mais uma edição da Festa do Avante! António Guterres responde negativamente às exigências de Durão Barroso numa carta enviada por este ao primeiro-ministro ameaçando com a apresentação de uma moção de censura contra o Governo. O governo indonésio divulga os nomes das pessoas envolvidas no processo do «setembro negro» em Timor, entre os quais não figuram nomes como os de Eurico Guterres e do general Wiranto. Bill Clinton decide não avançar com o projecto de defesa antimísseis norte-americano, deixando assim a decisão para o seu sucessor. Fidel Castro anuncia a sua participação na Cimeira do Milénio da ONU em Nova Iorque.

2 Sábado

Jaime Gama, ministro dos Negócios Estrangeiros, afirma que a ameaça de moção de censura de Durão Barroso é uma «reminiscência da escola política de grupos totalitários». Chegam ao porto de Díli cerca de duzentos refugiados timorenses familiares de membros das milícias, após um ano passado no campo de refugiados de Kupang. O governo indonésio e independentistas da região de Aceh acordam em prolongar por tempo inde-

finido as tréguas bilaterais, que hoje chegavam ao fim. A selecção nacional de esperanças de futebol vence a equipa da Estónia, entrando assim com o pé direito nas eliminatórias do mundial de 2002.

3 Domingo

Tem lugar na Quinta da Atalaia o comércio de encerramento de mais uma Festa do Avante!, que ali decorreu com a participação de dezenas de milhar de pessoas. O Ministério da Educação comunica a nove instituições universitárias privadas que passarão a institutos politécnicos, visto não preencherem os requisitos necessários para fazerem parte do primeiro subsistema. O vice-primeiro-ministro russo anuncia que as operações de recuperação dos marinheiros mortos no submarino Kursk deverão iniciar-se entre os dias 28 e 30 deste mês, devendo a operação durar três semanas. No primeiro jogo das pré-eliminatórias para o campeonato mundial de futebol a selecção nacional vence a Estónia por três bolas a uma.

4 Segunda-feira

O Sindicato dos Quadros Técnicos apresenta ao Governo as reivindicações salariais da Função Pública para o ano fiscal de 2001, constando um aumento de cinco por cento para o próximo ano e uma actualização em um por cento dos salários de 2000. Bernard Kouchner, administrador da ONU no Kosovo, reconhece que não pode impedir o governo jugoslavo de realizar eleições nesta província. Vladimir Putin, durante um encontro com o primeiro-ministro japonês, recusa-se a ceder as quatro ilhas Curilhas, alargando mais uma vez o prazo da assinatura de um tratado de paz russo-nipónico. Quatro portugueses de ascendência cabo-verdiana com idades de 20 e 21 anos são detidos em Nice, França, acusados de violar duas jovens francesas de 19 anos.

5 Terça-feira

Nogueira Leite, secretário de Estado do Tesouro, apresenta a sua demissão ao ministro Pina Moura, alegadamente devido a razões pessoais. Durão Barroso anuncia a apresentação de uma moção de censura ao Governo já para dia 15 de Setembro, dia em que se inicia a primeira sessão legislativa. António Guterres e Wahid, presidente indonésio, acordam em realizar uma reunião quadripartida entre a Indonésia, Portugal, Austrália e Timor Leste, a fim de acharem uma melhor forma de resolver o problema timorense. Multiplicam-se na Alemanha os pedidos de demissão de Roland Koch, ministro-presidente da região do Hesse pelo partido CDU, acusado de responsável por mais uma fuga aos impostos do Partido Cristão-Democrata.

Aconteceu

Esclarecimento do PCP

Esta semana, o Gabinete de Imprensa do PCP veiculou em nota para as redacções dos órgãos de Comunicação Social a seguinte posição da direcção do PCP:

1. A direcção do PCP não altera a sua firme postura ética e de respeito por princípios partidários de não discutir na praça pública opiniões e reflexões de membros do Partido que, tal como muitas outras, se integraram no conjunto de múltiplas opiniões transmitidas por militantes do Partido durante a primeira fase de preparação do XVI Congresso e então foram expressas no quadro da vida democrática interna do PCP.

2. A direcção do PCP anota entretanto que, se a livre expressão de opiniões, seja em reuniões do Partido ou por carta aos organismos executivos, é um legítimo e inalienável direito dos militantes e dirigentes do Partido, já a divulgação pública de uma carta que tinha restritos destinatários e se supõe para eles ter sido exclusivamente escrita constitui um lamentável, condenável e inaceitável procedimento que em nada contribui para a serenidade do debate colectivo.

3. A direcção do PCP confia que os militantes do Partido compreenderão que o facto de a divulgação desta carta de há seis meses ser feita em vésperas da Festa do Avante! desvenda claramente uma tentativa de prejudicar o êxito da Festa e a intervenção e afirmação políticas do PCP.

4. Esclarece-se ainda que, no perfeito conhecimento de opiniões diversificadas dos seus membros (em que se incluem as de Carlos Brito), em duas reuniões sucessivas (a segunda das quais em data posterior à da carta em causa, que é de 10 de Março), o Comité Central do PCP adoptou orientações e propostas para a preparação do XVI Congresso consagradas em documentos que aí foram aprovados e são do domínio público.

São esses documentos que exprimem a reflexão colectiva da direcção do PCP e, consequentemente, outras avaliações, juízos e apreciações que sejam emitidos são da pura responsabilidade individual de quem as profere.

Clinton adia «guerra das estrelas»

O presidente norte-americano, Bill Clinton, admitiu que os EUA não estão preparados para construir um sistema de defesa antimísseis balísticos - projecto vulgarmente conhecido por «guerra das estrelas» - argumentando que «com a informação que tenho neste momento, não sei se temos confiança suficiente na tecnologia» e deixando para o seu sucessor (que o substituirá já em Janeiro próximo) a decisão final sobre este controverso projecto que, desde sempre, tem suscitado a mais viva oposição da Rússia e da China, que acusam os EUA de, com ele,

estarem a violar flagrantemente o Tratado sobre Mísseis Antibalísticos, assinado em 1972 pelos EUA e a então União Soviética e considerado o primeiro passo na redução de armamento estratégico no mundo. A Rússia já

rejeitou liminarmente alterar este tratado (como recentemente os EUA têm pretendido) e que prosibe a construção de sistemas de defesa como este da «guerra das estrelas» que os EUA têm até agora defendido.

CGTP exige aumentos de 6%

A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - CGTP vai exigir ao Governo um aumento salarial mínimo de seis por cento no próximo

ano, segundo afirmações à Lusa do secretário-geral da CGTP, Manuel Carvalho da Silva. Afirmou este dirigente sindical que os aumentos para o próximo ano «não podem ser inferiores àqueles que a CGTP apresentou para este ano», ou seja seis por cento com um mínimo de cinco contos por trabalhador. Esta exigência de

aumentos significativamente superiores à inflação esperada para este ano tem por objectivo compensar a subida das taxas de juro e o aumento do preço do petróleo. Entretanto, a UGT também já se pronunciou em

sentido semelhante, reivindicando para o próximo ano aumentos salariais entre cinco a seis por cento. Também o Sindicato dos Quadros



Técnicos já entregou ao Governo as reivindicações para as negociações da Função Pública em 2001, reclamando uma correcção de 1% aos salários deste ano e uma actualização de 5% para o próximo ano.



Beatificação escandalosa

O Papa João Paulo II desencadeou mais uma vez a controvérsia e a indignação ao

beatificar o Papa Pio IX, conhecido como «o último papa rei», que chefiou a Igreja Católica entre 1846 e 1878 e deixou para a história um pontificado totalitário e ultra-reaccionário, além de anticomunista, anti-socialista e anti-semita. Foi ele que determinou a «infallibilidade do Papa» e proclamou o dogma da Imaculada Conceição de Maria, a par de outras coisas mais temporais e não menos graves

como a reivindicação da «soberania temporal dos papas», a definição de «inimigos» aplicada ao liberalismo, ao socialismo e ao comunismo, a oposição às doutrinas que consignam a soberania popular, à separação entre a Igreja e o Estado e ao reconhecimento da igualdade de todas as religiões perante a lei, chegando ao cúmulo de mandar fuzilar os patriotas garibaldinos que lutavam pela implantação da República italiana. Apesar de ter igualmente sido beatificado o Papa João XXIII - o grande impulsor do Vaticano II e da reforma progressista da Igreja Católica neste século - o Papa polaco não evitou a onda de indignação que alastra pelo mundo, incluindo o católico, com este seu escandaloso branqueamento de Pio IX.



Crónica Internacional

Em nome de Deus

• Jorge Cadima

Qual é o país em que o n.º 2 do regime, por razões de índole religiosa, passa um dia por semana «sem viajar, escrever, participar em actividades políticas ou usar electricidade» (*International Herald Tribune, IHT*, 8.8.00), «sem guiar ou ser conduzido, sem falar ao telefone, sem fazer funcionar qualquer máquina, sem ligar ou desligar os interruptores da luz, sem escrever» (*IHT*, 9.8.00) e em cuja igreja «as mulheres e os homens rezam separadamente» (*IHT*, 9.8.00)? E que, ao referir-se ao n.º 1 do regime, diz tratar-se de um «servidor de Deus Todo-Poderoso» (*IHT*, 10.8.00)? Apesar de serem notícias dos nossos dias, poucos portugueses saberão dar a resposta certa e poderão até ficar surpreendidos com ela. Mas a verdade é que esse país pode vir a ser os Estados Unidos, caso os candidatos do Partido Democrático vençam as próximas eleições presidenciais.

As convicções religiosas são, naturalmente, uma questão pessoal, do foro íntimo e que merecem respeito, quaisquer que elas sejam. Mas quando se procura fazer política ou capitalizar politicamente com a religião, essas questões deixam de ser do foro pessoal e passam a ser de interesse público. Quando o candidato à vice-Presidência dos EUA pelo Partido Democrático «invoca Deus quase uma dúzia de vezes no seu discurso» logo após o anúncio público da sua candidatura (*IHT*, 10.8.00), ou quando os jornais promovem a faceta religiosa de um candidato (como fez o próprio *IHT* de 8.8.00, por exemplo no título: «escolha de Lieberman é vista como uma decisão audaz; religião pode vir a tornar-se tema de campanha»), não estamos perante questões de índole religiosa, mas sim de índole política.

Não estamos perante questões de índole religiosa, mas sim de índole política



Bush uma humilhante derrota política (*IHT*, 8.8.00). Votou a favor da venda de aviões de combate F-15 à Arábia Saudita em 1992. Apoiou o envio de tropas norte-americanas para a Bósnia em 1995. Em Abril de 1999 apresentou no Parlamento norte-americano uma proposta de lei para financiar abertamente os terroristas do UÇK (em conjunto com outra 'estrela' desta campanha eleitoral norte-americana, o Republicano McCain). É apoiante dos planos de criação do sistema antimísseis (a versão actual da reaganiana 'Guerra das Estrelas') que viola abertamente os tratados internacionais em matéria de prevenção de corrida aos armamentos.

O descrédito do sistema político nos EUA atinge proporções tais que o abstencionismo é desde há muito tempo o comportamento maioritário do eleitorado. Os EUA são também um país onde o fundamentalismo religioso (de várias índoles) tem créditos firmados e enorme força financeira e política. No outro grande partido da classe dominante norte-americana, os Republicanos, a direita religiosa controla parte significativa do aparelho partidário e das suas políticas. Talvez estejam aí as raízes do actual fervor dos Democratas por fundamentalismos religiosos. Até às eleições de Novembro os candidatos do sistema político norte-americano irão falar muito de famílias trabalhadoras e de sociedades de compaixão. Mas, quem quer que vença as eleições fará a gestão corrente: o rearmamento, as ingerências, os 'genocídios humanitários', as guerras imperiais para promover os lucros do grande capital norte-americano. Em nome de Deus, claro.

Editorial

A FESTA

Que «não há festa como esta» é coisa constatada e sabida por muitos milhares de pessoas desde que, em 1976, realizámos a primeira Festa do «Avante!», nas instalações da antiga FIL. Na altura, foi visível para toda a gente, inclusive para os nossos adversários, que estávamos perante uma realização ímpar - pela sua dimensão, pelo seu conteúdo, pelo seu processo de construção, pelas suas raízes populares, pelas suas potencialidades de crescimento. Foi visível igualmente que só um partido profundamente ligado à classe operária, aos trabalhadores e ao povo, com uma prática de funcionamento interno democrático e fraterno, com um sólido colectivo possuidor de uma decisiva capacidade militante, enfim com as características e a identidade específicas do PCP, está em condições de erguer e fazer viver uma festa como esta. Daí, portanto, as diversas tentativas levadas a cabo no sentido de procurar acabar com este exemplo «perigoso» das potencialidades da imaginação criadora, da militância activa, da dedicação, da determinação, do esforço dos comunistas.

A Festa foi, como se sabe, obrigada a mudar de local por diversas vezes: da FIL para

de irreverência, de convívio são e de notável sensibilidade política: eis alguns dos factores que muito contribuíram para o tal passo em frente e para o enorme êxito desta Festa.

Festa do convívio e da fraternidade, da alegria e da camaradagem, da cultura e do desporto, da gastronomia e do artesanato, do debate e da reflexão sobre os grandes problemas do País e do Mundo, a 24.ª Festa do «Avante!» foi ponto de encontro de muitos milhares de comunistas vindos de todo o País. E se é evidente que o Partido não esteve todo na Festa, é igualmente óbvio que foi o Partido que ali esteve. Com efeito, a Festa do «Avante!» foi mais uma vez a expressão concreta do partido que somos, deixando bem clara a determinação dos comunistas de continuarem a sê-lo, deixando bem claras as diferenças existentes entre o PCP e todos os restantes partidos nacionais - diferenças que decorrem da sua identidade, da sua visão específica do mundo e da vida, do seu funcionamento interno profundamente democrático, do conteúdo da sua militância, do seu objectivo maior de construir no nosso país e com o nosso povo uma sociedade liberta de todas as formas de opressão e exploração, a sociedade socialista.

Tudo isto, importante sempre, é-o mais ainda num momento em que o partido do Governo, mal chamado socialista, depara com crescentes obstáculos à concretização da sua política de direita ao serviço dos grandes grupos económicos e contrária aos interesses dos trabalhadores, do povo e do País. Tanto mais que o PCP é, como a realidade mostra todos os dias, a única grande força de oposição a essa política de direita e é, como o mostram as suas propostas e o seu projecto, a única alternativa de facto a essa política.

Momento maior da Festa na sua vertente política, o comício de domingo à tarde foi como que um imenso plenário nacional de militantes aberto a amigos e simpatizantes do Partido - plenário que mostrou indubitavelmente o que quer e o que não quer, que respondeu com a firmeza e a determinação necessárias a quem quis fazer da Festa aquilo que ela não é nem quer ser, que fez questão de demonstrar, de forma conclusiva, as características e o conteúdo da sua intervenção na vida, na actividade e na luta do Partido.

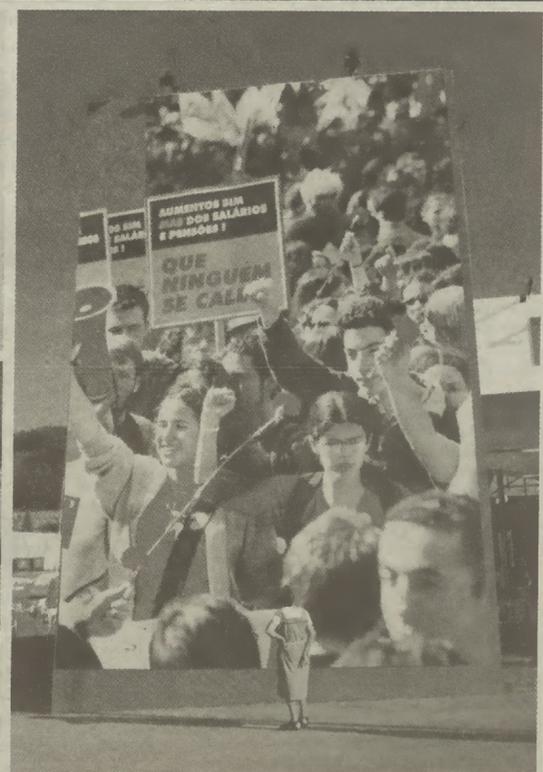
À medida que o Secretário-Geral do Partido procedia a uma análise circunstanciada dos problemas nacionais, situava incisivamente na política de direita as origens desses problemas, enunciava as grandes reclamações dos trabalhadores e do povo, sublinhava a importância decisiva da luta para a superação da actual situação e para a conquista de uma alternativa de esquerda, apontava as grandes tarefas do Partido no momento actual - a multidão de militantes, amigos e simpatizantes do Partido pontuava o seu apoio e expressava o seu entusiasmo. Apoio e entusiasmo iniludíveis e que voltaram a expressar-se inequivocamente quando Carlos Carvalhas definiu com rigor o quadro preparatório e o ponto de partida do XVI Congresso do Partido.

Não há festa como esta. Não há partido como este.

“O comício foi um imenso plenário nacional de militantes aberto a amigos e simpatizantes do Partido”

o Vale do Jamor, daqui para o Alto da Ajuda, depois para Loures e, finalmente, para a Atalaia - num terreno comprado graças à participação financeira de muitos milhares de militantes e amigos do Partido e onde têm vindo a ser introduzidas, de ano para ano, consideráveis melhorias.

A 24.ª Festa do «Avante!» constituiu um passo em frente em relação a todas as suas edições anteriores. O ambiente de alegria efusiva e serena e de convívio fraterno vivido durante três dias no magnífico e cada vez mais aprazível espaço da Atalaia; a presença de milhares e milhares de pessoas que, não sendo comunistas, ali quiseram estar e confraternizar com os comunistas; a diversidade e a elevada qualidade das manifestações culturais, desportivas, recreativas; a presença internacional assegurada por representações de dezenas de partidos comunistas e outras forças progressistas e de esquerda; a dimensão nacional traduzida na presença - nalguns casos portadora de assinalável criatividade e beleza - de todas as organizações do Partido; a impressionante presença juvenil, visível quer na impressionante massa de jovens visitantes quer na Cidade da Juventude, da qual a JCP fez um espaço



Fotógrafos da «Festa!»

- Artur Manuel
- Carlos Nabais
- Gonçalo Pereira
- João Aboim
- João Garcez
- Jorge Cabral
- Jorge Caria
- José Frade
- Marina Vieira da Silva
- Rogério Feitor
- Sérgio Morais



O orgulho

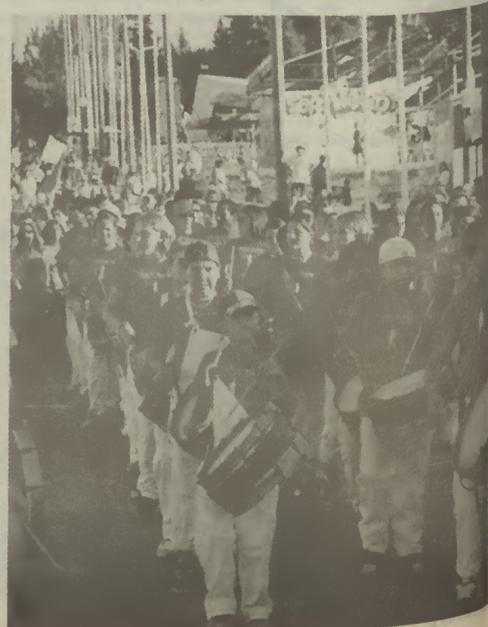
Muitos se interrogam por que é que ano após ano tantos jovens, tantos homens e mulheres, prescindindo dos seus tempos livres, rumam a este belo espaço da Atalaia para erguer a Festa do «Avante!».

Qual é o segredo que faz com que, neste mundo de individualismo, do salve-se quem puder, da força do dinheiro, tantos portugueses e também, é justo dizê-lo, tantos jovens estrangeiros aqui assentem arraiais, dando o seu trabalho benévolo e a sua contribuição gratuita para que a Festa seja um êxito?

Pode encontrar-se a resposta por a Festa do «Avante!», como já afirmámos, ter a força de um grande e tocante encontro humano em torno da arte, da cultura, do convívio, dos valores e aspirações que fazem parte integrante do património progressista da humanidade; por aqui se viver um clima de fraternidade e uma atitude perante a vida e o mundo, um projecto político, uma capacidade de sonhar e transformar que dão novas razões e energias para se seguir adiante.

Certamente que é por tudo isto.

Mas é também porque os que a constroem têm orgulho nesta Festa que sentem como sua, que lhes pertence. Porque ao longo destas semanas aqui encontram amigos e camaradas de diversos pontos do país em interajuda e em trabalho colectivo. Porque ao seu lado na construção e em cooperação de trabalho, tanto está um jovem como um mais idoso, um homem como uma mulher, um trabalhador manual como um intelectual e porque aqui se respira uma firme confiança no valor e no futuro dos nossos ideais e convicções comunistas, porque aqui se celebra não a resignação mas a vontade de lutar e de transformar, porque aqui está presente a solidariedade e a generosidade e porque aqui não há a exibição e a arrogância das fortunas e do dinheiro, mas da força do trabalho, das razões e das



do trabalho na alegria da construção

esperanças do povo trabalhador e porque esta é a Festa de um Partido que não vira as costas às dificuldades, de uma grande força da liberdade, da democracia e do socialismo: o Partido Comunista Português!

«Novo ciclo» velha política

A nossa Festa tem lugar depois de o secretário-geral do Partido Socialista ter anunciado «um novo ciclo político», mas mantendo a velha política. Uma espécie de «vira o disco e toca o mesmo!».

Anunciar um «novo ciclo político» e passar ao lado das necessárias actualizações salariais, do trabalho precário, que continua a aumentar, das baixas reformas, dos jobs for the boys, isto é, dos tuchos para a rapaziada socialista é «vira o disco e tocar o mesmo!».

Anunciar um «novo ciclo político», tal como anunciou eleitoralmente a sua paixão pela educação e depois a sua paixão pela saúde, é «vira o disco e tocar o mesmo!» Na educação, por exemplo, continuamos a ter baixas taxas de escolarização e nos 2.º e 3.º ciclos estamos longe dos 100%; temos uma baixa frequência no secundário, a manutenção de elevadas taxas de insucesso escolar e de abandono escolar; mantém-se o *numerus clausus* no acesso ao ensino superior público e a falta de saídas profissionais. Na saúde, continua sem solução a falta de médicos e enfermeiros, as listas de espera, o bom aproveitamento do SNS e até a paralisia no que respeita à concretização de medidas legislativas aprovadas durante o mandato anterior... Tudo isto, sublinhe-se, depois das públicas e declaradas paixões.



Intervenção de Carlos Carvalhas na abertura da Festa

E o primeiro-ministro, que ao anunciar o «novo ciclo» deu vários exemplos sobre a excelência do futuro Orçamento em relação aos impostos, devia ter dito ao povo português por que é que, após cinco anos de governação, ainda não fez a reforma fiscal e por que é que não aceitou as propostas do PCP sobre esta matéria, que há muito poderiam estar em vigor, por que é que só no penúltimo Orçamento aceitou a proposta do PCP que fez com que mais de dois milhões de portugueses pagassem uma taxa inferior de IRS e recebessem ainda este ano reposições de largas dezenas e centenas de contos e por que é que, desde a chegada do Partido Socialista ao Governo, os benefícios fiscais subiram de 133 milhões de contos para 440 milhões de contos/ano, ou por que é que as grandes

instituições financeiras pagam um IRC ridículo ou, ainda, por que é que um governo que enfaticamente disse desde o início querer governar com «consciência social» mantém estas gritantes injustiças. Se um trabalhador ganhar, por exemplo, 2 mil contos a trabalhar, paga 150 contos de IRS, mas se ganhar a mesma quantia em mais-valias resultantes da venda de acções não paga praticamente nada! Isto é, quem recebe a trabalhar por conta de outrem paga impostos, mas quem enriquece dormindo é isentado! Magnífica consciência social!

Camaradas, hoje não é dia para analisarmos a situação política, para apresentarmos as nossas propostas e enunciarmos as tarefas partidárias, mas tão-só para formalmente darmos início à Festa do «Avante!». E para saudar todos quantos trabalham no órgão central do nosso Partido e para agradecer e saudar também de uma forma muito especial aos construtores da Festa, à juventude, à JCP, pelas contribuições que aqui deixaram e que, pela sua presença e animação, também a assinalam e marcam como a Festa da juventude!

Com as suas raízes populares, com o seu encanto e magia, a Festa é um espaço aberto a diferentes credos e quadrantes políticos e é também ponto de encontro anual de amigos e camaradas.

Que todos aqui se sintam bem, neste acolhedor espaço da Atalaia, que queremos seja um espaço de convívio, de alegria, de confraternização, de fraternidade, de cultura, de solidariedade e de debate de ideias!

Viva a 24.ª Festa do «Avante!»

Viva a JCP!

Viva o Partido Comunista Português!



Exposições no Espaço Central

Os combates do presente e do futuro

O Pavilhão Central voltou a oferecer amplos e variados motivos de interesse aos seus visitantes. Na organização espacial do conjunto de elementos que o compunham foi visível o esforço no sentido de inovar relativamente a edições anteriores, tendo o mesmo sido procurado no que se refere ao formato gráfico da apresentação da informação, especialmente dirigido para a valorização da imagem, com recurso, inclusive, ao videowall.

Era claro o propósito de simplificar a leitura, torná-la atraente, viabilizando, por esta via, uma melhor percepção da mensagem. No que se refere às exposições, bem se pode dizer, esta foi uma aposta conseguida. Patente esteve uma diversificada e abundante informação, através da qual foi dado a conhecer o essencial das posições do PCP no que se refere às grandes questões e problemas da actualidade política no País e no mundo.

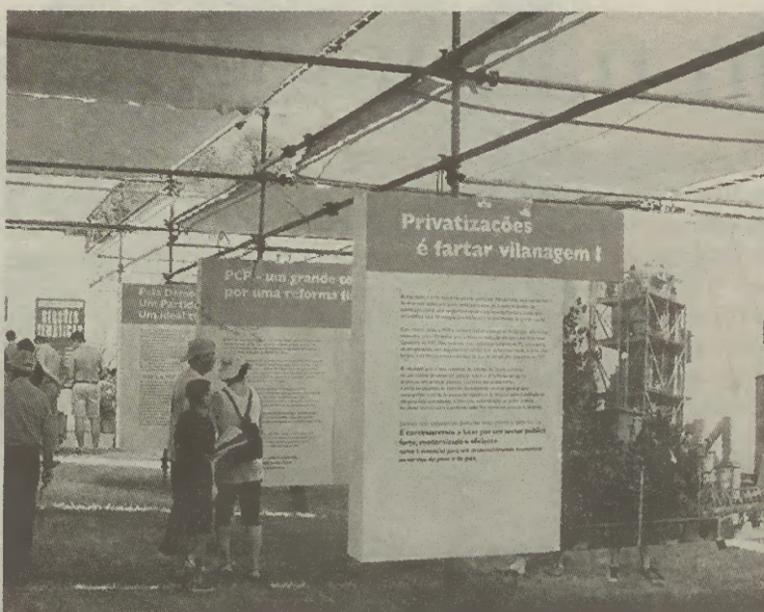
«PCP - um Partido para o nosso tempo» foi o tema de uma dessas exposições. Combinando o texto, a fotografia e o vídeo, explicitadas foram ao longo de 14 painéis as razões pelas quais o PCP assume um papel indispensável e insubstituível na sociedade portuguesa.

Uma intervenção social e política, inigualável, em defesa dos interesses dos tra-

balhadores e das populações, dirigida para a solução dos problemas dos portugueses e do País, enriquecida por um «actualizado património de reflexão e luta sobre as grandes questões da sociedade», com uma «obra valiosa no poder local» e com uma «qualificada intervenção na Assembleia da República e do Parlamento Europeu».

Património de luta

No caso da exposição «Século XXI - Combates do Futuro», para quem acesse ao espaço pela entrada principal, logo encontraria um painel com cerca de trinta metros em formato circular preenchido na sua totalidade com uma retrospectiva das profundas mudanças que a humanidade conheceu neste século.



Conhecer de perto as opiniões e posições do PCP

armados em 1998 que geraram 10 milhões de refugiados; o fosso crescente entre os países mais ricos e os mais pobres (em 1820 a distância era de três para um, elevando-se de 44 para um em 1973, atingindo 72 para um em 1992).

Dados que conferem pleno sentido à antevisão sobre aquelas que serão as lutas do futuro. Delas se ocupou também a exposição, elencando, como inevitáveis, entre tantos outros, os combates dirigidos para «valorizar o trabalho e os trabalhadores», para «vencer a pobreza e as desigualdades», para «garantir a paz, a soberania e a segurança dos povos», para «proteger a saúde e o futuro do planeta azul», para «aprofundar a democracia e assegurar os direitos dos trabalhadores», para «superar o capitalismo, construir o socialismo e o comunismo».

• J.C.



Uma história de lutas pela liberdade e a democracia

Rumo ao XVI Congresso

Falar dos Congressos do PCP - e foram 15 ao longo da sua longa história de 79 anos - é evocar o laborioso estudo e reflexão sobre as grandes orientações estratégicas que nortearam a sua intervenção política em cada momento da vida nacional.

Revisitar esse património de luta foi a proposta oferecida aos visitantes na exposição dedicada aos Congressos do PCP. Com os olhos postos no próximo Congresso, a realizar em 6, 7, e 8 de Dezembro próximo, esta viagem a esse passado heróico através de 18 painéis foi a oportunidade para recordar ou conhecer factos e elementos que estão indissolavelmente associados a lutas e combates pela liberdade e a democracia, pelos direitos dos trabalhadores, contra a tirania fascista e a opressão, sem nunca perder de vista esse objectivo maior que é o de superar o capitalismo e construir o socialismo e o comunismo.

A mesma perspectiva que anima os muitos milhares de militantes comunistas que têm em mãos a preparação do XVI Congres-

so. Trata-se, como sublinhou na sua reunião de Fevereiro o Comité Central do PCP, da «grande tarefa deste ano para todo o colectivo partidário», devidamente «articulada e complementada com a intervenção, a dinâmica de luta e a acção geral do Partido».

Uma tarefa, como sublinha ainda aquele órgão dirigente, que «partindo do Programa e dos Estatutos em vigor e das orientações e Resoluções aprovadas pelos XIII, XIV e XV Congressos», permita que o Congresso cumpra o objectivo de «realizar um grande esforço para imprimir uma maior dinâmica e iniciativa na intervenção política do Partido, na sua ligação aos trabalhadores, aos jovens e a outras camadas sociais, alargar a sua influência social, política e eleitoral, reforçando o seu poder de atracção política e ideológica, numa perspectiva de grande confiança na luta pelos seus valores, ideais e projecto e de afirmação da sua identidade».

• J.C.

Sempre através da imagem, em grandes formatos, representados estavam factos e situações marcantes deste período: as desigualdades e a exploração, a fome e o subdesenvolvimento, a opressão e a pobreza, mas também as lutas libertadoras dos povos e a afirmação dos trabalhadores e do movimento operário, a constituição dos partidos comunistas, as conquistas e avanços nos direitos sociais e cívicos, os progressos da ciência e da técnica.

Um outro olhar, este sobre o futuro, compunha ainda esta exposição. O ponto de partida é a própria realidade presente: 150 milhões de trabalhadores no desemprego e 900 milhões no subemprego; 800 milhões de pessoas sujeitas à fome; 1200 milhões de pessoas a viverem com menos de um dólar por dia; mil milhões de analfabetos; 100 milhões de crianças votadas a viverem ou trabalharem na rua; 27 grandes conflitos



Um passado heróico

O «Avante!», órgão central do PCP, esteve presente na Festa. Por várias formas. Uma delas foi por via de grandes painéis, em vários pontos do recinto, através dos quais era feito o convite ao visitante para uma leitura do jornal que, semanalmente, veicula «um olhar diferente sobre a realidade».

Profusamente distribuído na Atalaia foi também um folheto. Nele explicadas são as razões que justificam um olhar atento sobre o nosso jornal. Inserido na campanha de promoção «Mais Avante, melhor jornal», visando alargar a sua difusão e o número de assinantes, este folheto lembra por exemplo que «ler o «Avante!» é, à partida, interessar-se o leitor pela visão diferente que os comunistas lançam sobre o mundo que querem transformar». Quanto ao mais, «folheia-se como um outro jornal qualquer», «talvez com mais motivos de interesse», mas seguramente «com a fundamental preocupação de ser a voz do PCP e de reflectir a opinião do Partido sobre a realidade política nacional e internacional, informando com rigor e verdade».

Avante!

Em posição de destaque, bem no coração da Festa, o «Avante!» teve ainda o seu espaço próprio. Orientado para a Praça da Paz, numa posição cimeira em relação à morfologia do terreno, um stand acolhia uma exposição com fragmentos alusivos à história do nosso jornal. Lá estavam testemunhos breves desse passado heróico, «feito de coragem e de dignidade nascidos da confiança no ideal e no projecto comunista».

Uma história de 70 anos de luta onde se inscrevem os nomes de heróis e mártires, como os de José Moreira, Maria Machado, Joaquim Rafael, José Dias Coelho, entre outros, «exemplos de vidas vividas e acabadas na luta antifascista e cujos nomes pertencem ao património histórico do «Avante!»».

Uma história, como se podia ainda ler num dos painéis, marcada pela «dedicação de gerações de comunistas que consagraram a sua inteligência, capacidade e engenho à construção do jornal».

O mesmo combate que empenhada e firmemente prosseguimos no presente.

• J.C.

Novos caminhos nas artes

Este ano a Festa do Avante! lançou um desafio inovador aos artistas plásticos e outros: conceber projectos originais para serem realizados na Quinta da Atalaia. À iniciativa foi dado o nome de Arte de Transformar e neste âmbito, estiveram patentes quatro trabalhos. Um junto ao lago, denominado «A Partir de Tudo», de Susana Nogueira, constituído por finos tecidos e gizos que o vento transformou em sons e movimento; outro intitulado «Acorda», criação conjunta de 10 artistas da Faculdade de Belas-Artes do Porto, que produziu

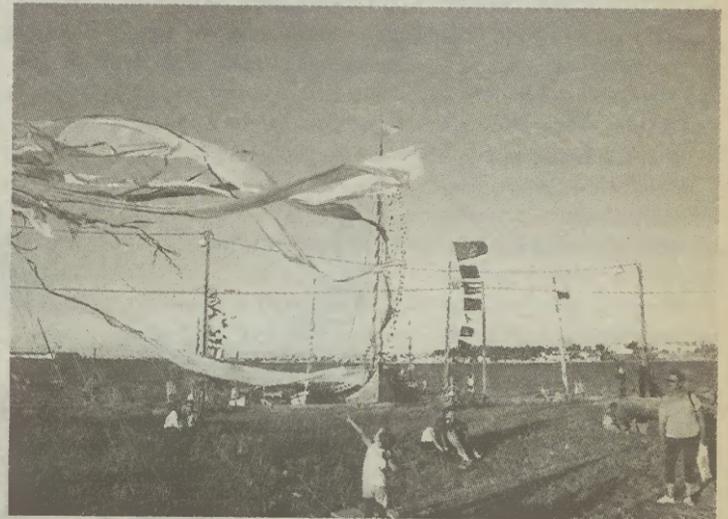
da Festa num espaço situado no Pavilhão Central dedicado às artes audiovisuais. Aqui, decorreu ainda durante a Festa uma mostra de vídeos, nos campos da vídeoarte, ficção e documentários, bem como estiveram a funcionar instalações audiovisuais.

«The Factory», da autoria de Marco Barreto; «auto-retrato», de Margarida dos Santos; «Eu a ti conto-te tudo», de Tiago Madeira; «Under Your Comrad» de Paulo Freitas; «Breath», de Carlos Abreu; e «Imaginassom», obra colectiva de Mário Sirgado, Rita Pereira,

Rui Simões, Rita Nunes e João Nicolau.

Este espaço, como referiram ao «Avante!» três dos seus dinamizadores que preferiram falar em nome colectivo, teve como objectivo alargar as áreas de intervenção artística que se reúnem às artes plásticas, utilizando novas técnicas de expressão e formas de representação artística.

Satisfeitos com a adesão do público, a quem não estranharam reacções de surpresa ou mesmo de desagrado, os organizadores contam poder prosseguir esta experiência nas



Junto às faluas do Tejo, o projecto de Susana Nogueira deu cor, sons e movimento à zona

um belo efeito nocturno de com cordas fluorescentes; o terceiro da autoria de Jorge Figueira, era um painel, intitulado «Vontade de...» que podia ser visto perto da entrada da Quinta da Princesa. O quarto tratava-se de uma peça original de Patrícia Figueiredo, representada pelo Sound Video Artes Ensemble, um grupo de nove performers que aliaram as palavras à dança e à música.

Este último trabalho esteve em cena durante os três dias

João Sobreiro foram as instalações que milhares de visitantes tiveram oportunidade de contemplar.

A mostra de vídeo incluiu trabalhos, na área da Vídeoarte de Edgar Pêra, Elsa T.L. Almeida, Catarina Campino e Hanno Soans, Andreia Helena Rebelo e Rita Nunes; na Ficção, de Nuno Olim, Nuno Ricou Salgado e Maria Helena Garcia e Sandra Matos; no Documentário, de Caroline Barraud, Gonçalo Luz, Pedro Sena Nunes, Laurent Simões,

próximas edições da Festa, nomeadamente no âmbito da Bienal, salientando que estas novas formas de arte há muito que estão presentes nos circuitos das galerias e exposições nacionais e internacionais. Por isso, não há razão para que não estejam presentes na Festa de um Partido Comunista, tanto mais que uma das temáticas cada mais frequente é precisamente a manifestação de ideias, de crítica e de reflexão social.

• C.N.



Virtudes e virtualidades na Internet

O já tradicional espaço dedicado à Internet no pavilhão central da Festa do «Avante!» alargou este ano a sua presença.

Para além dos computadores on-line, onde os visitantes (sobretudo jovens e quase sempre com fila de espera) podiam navegar pelo ciberespaço, e do computador off-line que permitia conhecer toda a página do PCP na Web, o stand da Internet albergou também uma série de debates para e com internautas de diferentes áreas de interesse e níveis de conhecimento.

Pôde ali falar-se das virtudes, problemas e virtualidades que a Internet traz, por exemplo, à educação e ao ensino ou à defesa do ambiente; mas também se falou de veículos de propulsão, como das questões relativas a direitos, liberdades e garantias neste novo

contexto. Henrique Sousa, do Secretariado do Comité Central do PCP, foi o guia de uma viagem que teve por tema as migrações e o combate ao racismo (a «excursão» incluiu uma passagem pela emigração portuguesa). Foi também bastante animada a conversa sobre software aberto (a chamada open source e o sistema operativo Linux).

No stand, onde sempre estiveram presentes camaradas que mais directamente asseguram esta nova frente de intervenção do Partido, estava afixada uma lista de moradas de correio electrónico e de páginas Web de organizações do PCP. Ficava-se ali a saber também que já existem quase 800 subscritores do web-mail (listagem de destinatários regulares de informação do Partido enviada por correio electrónico) e que o número de visitantes da página do

PCP subiu de 17 mil em Janeiro para 28 mil, em Maio e Junho.

Marcando o espírito de interactividade subjacente à Internet, os «navegadores» podiam enviar para a Casa Branca postais de solidariedade com Mumia Abu-Jamal ou de protesto contra o bloqueio a Cuba. Mas também podiam enviar, para outros destinatários, postais com fotos da Festa.

No site do PCP estava disponível – e foi frequentemente consultada – informação sobre a Festa do «Avante!» deste ano. E a verdade é que, se na Quinta da Atalaia a Festa acabou e procede-se agora ao trabalho de desimplantação, no espaço virtual a Festa continua e é um dos destinos que maior número de visitantes tem atraído ao site <www.pcp.pt>.

• D.M.

Olhó robot

A ciência e a tecnologia tiveram lugar de destaque, com duas áreas próprias, no Pavilhão Central. Aos dois stands afluíram em caudal permanente numerosos visitantes, a tal ponto que por largos períodos do dia houve necessidade de restringir a entrada por grupos organizados. O que ocasionou inevitáveis filas de espera. A avaliar pelo que se ouviu, porém, ninguém terá dado por mal empregar o seu tempo.

É que perante o interesse das pessoas, fosse à passagem pelo sector dedicado à engenharia de materiais, fosse no espaço da robótica, na presença de sofisticadas aparelhos ou de simples demonstrações sobre a aplicação de novas técnicas, houve sempre

aturadas e pacientes explicações capazes de satisfazer a mais insaciável curiosidade.

Um trabalho só possível graças ao esforço e empenhamento de professores e monitores do Departamento de Electrónica e Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e da Faculdade de Ciências da Universidade Nova, que colaboraram na montagem e organização da exposição, e se mostraram inextinguíveis na vontade de divulgar de modo acessível informação sobre áreas de conhecimento e da investigação habitualmente distantes do grande público.

• J.C.



Poder local e democracia

● Margarida Folque

Sistema eleitoral é eficaz

O debate sobre «Poder Local, democracia, novas leis eleitorais» recaiu essencialmente sobre as alterações às leis eleitorais para as autarquias que o PS defende e que, a verificar-se, significaria um empobrecimento da democracia.

Esta a opinião de Jorge Cordeiro que, juntamente com Abílio Fernandes, Presidente da Câmara Municipal de Évora, Jorge Gouveia Monteiro, vereador da Câmara Municipal de Coimbra, e o deputado António Filipe, participou neste debate. O PCP discorda que, a pretexto da «estabilidade» e «governabilidade», se altere um sistema eleitoral que se tem revelado eficaz, quando o que o PS e o PSD querem é acabar com a eleição directa dos presidentes de Câmara. Estes passariam a sair da lista mais votada e ficariam com o poder absoluto para eleger os vereadores que... naturalmente seriam do seu próprio partido, dando uma «machadada» muito significativa nos

mecanismos de controlo e fiscalização democrática.

Por sua vez, Abílio Fernandes que ao longo de vários mandatos tem presidido à Câmara de Évora, quer em maioria absoluta quer em maioria relativa da CDU e sempre com a participação de vereadores dos outros partidos, pode garantir que essa colaboração não só não impediu a governabilidade da Câmara como se revelou um factor de enriquecimento. Adianta mesmo que hoje, com a CDU em maioria relativa, 98% das decisões são tomadas por unanimidade.

Que proximidade?

Jorge Gouveia Monteiro, vereador da CDU na Câmara

Municipal de Coimbra, de maioria absoluta do PS, apresentou uma realidade completamente diversa. Nesta Câmara verifica-se uma centralização de poderes no Presidente, que sonega informações aos vereadores de outros partidos e cria todos os mecanismos possíveis para impedir a participação dos cidadãos nas reuniões públicas da Câmara.

Apesar disto, a existência de um vereador da CDU permite-lhe o acesso a informação e situações de interesse para a população e para a cidade que de outra forma nunca chegariam à opinião pública, assim impedida de influenciar decisões que lhe são prejudiciais.

Também existem indícios sobre uma nova retoma pelo PS de alterações à lei eleitoral para a Assembleia da República, nomeadamente a da introdução dos círculos uninominais, sobre a qual António Filipe se pronunciou.



Aqui, o pretexto apresentado pelo PS é o de «aproximar o deputado dos eleitores». Pura demagogia, diz António Filipe, lembrando que o PS centra sempre a sua campanha eleitoral na figura do candidato a primeiro-ministro como se de eleições para primeiro-ministro se tratassem.

Pela proposta do PS pode mesmo acontecer que forças políticas com maior número de votos elejam um menor número de deputados. Para além de a aproximação do deputado aos eleitores se fazer na acção concreta, como o fazem os deputados da CDU, a eleição de um deputado por círculo eleito-

ral leva, seguramente, a que a maioria dos cidadãos desse círculo nele não se revejam.

Na realidade as alterações que o PS e também o PSD pretendem introduzir visam tão-somente a sua alternância no poder, já que, na prática, apenas estes dois partidos elegeriam deputados.

Debate sobre sistema fiscal

Urge fazer a reforma

«Reforma Fiscal, para quando?» Esta a pergunta lançada por Octávio Teixeira na intervenção inicial com que abriu o debate realizado sobre o tema, sábado à tarde, no fórum do Pavilhão Central. Estava dado o mote para uma reflexão que viria a prolongar-se por quase duas horas, atentamente seguida por um público interessado que esgotou o espaço e que interveio activamente no período de perguntas e respostas.

Sobre os motivos que levam a que esta continue a ser uma reforma adiada, não obstante todas as promessas em contrário, começou por falar o líder parlamentar do PCP, que estava acompanhado na mesa por Lino de Carvalho. Situando a questão, lembrou, concretamente, as declarações proferidas em defesa de uma reforma fiscal que «toda a gente» considera necessária e inadiável. Só que quando vão para o Governo, disse, esquecem o prometido e mascaram o impasse e a falta de vontade política em promover a reforma fiscal mandando elaborar «estudos e mais estudos». Só o Governo PS, nos seus cinco anos de gestão, realizou 49 estudos, segundo Octávio Teixeira, que encontra uma única razão de fundo para explicar este sucessivo adiamento: «é que fazer a reforma fiscal implica entrar em confronto com interesses instalados na sociedade portuguesa».

Por outras palavras, trata-se de levar as centenas de milhares de pessoas que podem e devem pagar, mas não pagam, a que passem a pagar. «Só quando estes pagarem é que os que agora pagam mais do que deviam, concretamente os trabalhadores por conta de outrem, poderão vir a pagar menos», sintetizou Octávio Teixeira, pondo assim em evidência aquela que para os comunistas é a chave do problema.

Sistema injusto

Alguns números avançados por Lino de Carvalho ilustram bem o quadro de profundas injustiças e distorções do actual sistema fiscal. O IRS contribui com quase metade da totali-

dade das receitas fiscais do Estado, enquanto o IRC contribui com menos de um terço, ficando-se o contributo das chamadas profissões liberais por apenas três por cento do bolo.

Melhor ainda se compreende a iniquidade do sistema se se disser que as declarações de rendimento dos trabalhadores por conta de outrem e dos pensionistas e reformados (que contribuem com 88 por cento do total das receitas do IRS) correspondem a um rendimento médio anual de dois mil contos, ao passo que as declarações das profissões liberais não ultrapassam em termos médios os 900 contos anuais, apresentando os rendimentos médios anuais do comércio e indústria um valor de 635 contos.

Números que dizem tudo. Ora é esta realidade que urge alterar, como foi dito, e que implica mexer forçosamente com os interesses de sectores empresariais, designadamente com o sistema financeiro e bancário. Estes últimos, como recordou Octávio Teixeira, pagam hoje a taxa de imposto mais baixa existente. Enquanto o IRC pago sobre os lucros da generalidade das empresas é de 34 por cento, a banca paga em média apenas 20 por cento de taxa de imposto. Mais: segundo o último relatório do Banco de Portugal relativo a 1999, essa taxa paga pelos bancos baixou para os 16 por cento.

O caminho da luta

É pois a situações verdadeiramente escandalosas como esta que importa pôr cobro, na perspectiva do PCP, que defende idêntica atitude relativamente aos benefícios de que gozam os grandes grupos económicos; que, na prática, também não pagam impostos.

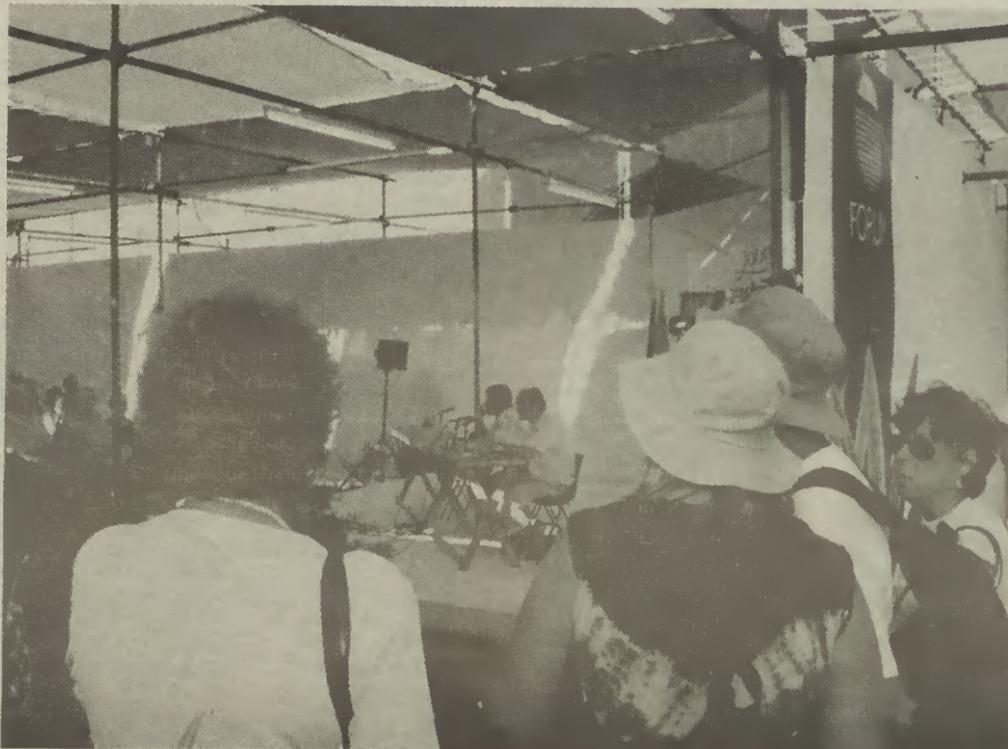
Trazido à colação por Octávio Teixeira foi também a situação das profissões liberais que pagam em termos médios, anualmente, menos impostos que os trabalhadores por conta de outrem. O mesmo se verifica com a generalidade de muitas pequenas empresas.

Ora é por este conjunto de razões, como sublinhou Lino de Carvalho, que a reforma fiscal não avança. Fazê-la, sublinhou, «implica entrar em conflito com todos estes interesses instalados». E isso o poder político não tem tido a coragem de fazer. «Vão adiando e assim continuarão se não houver uma forte pressão dos trabalhadores, dos sindicatos, dos partidos de esquerda», sublinhou a propósito Octávio Teixeira, antes de reiterar o firme propósito do PCP em prosseguir o combate até que o Governo seja obrigado a avançar com a reforma fiscal.

Uma reforma que, de resto, terá de ser muito mais ampla, não se confinando aos rendimentos do trabalho, que não podem fugir ao fisco, e aos lucros, que desfrutam de inaceitáveis benefícios.

Uma reforma fiscal digna desse nome não pode simultaneamente, do ponto de vista do PCP, deixar de aplicar um imposto sobre a riqueza, isto é, sobre o património, seja o imóvel seja o património móvel. Um dos exemplos dados sobre a gritante injustiça actual foi o da habitação. «Qual a lógica de tributar alguém que tem uma habitação que custou 20 mil contos e não tributar quem tem um património de 10 milhões de contos investidos em ouro, obras de arte ou acções?», interrogou-se Octávio Teixeira. Para o dirigente comunista também aqui radica uma das razões que leva o Governo a adiar a reforma fiscal.

São estas opções, reveladoras de uma orientação de classe, que só o caminho da luta, como aponta o PCP, pode alterar.



● J.C.

Direitos e combates dos trabalhadores e do seu Partido

O calor da discussão juntou-se à alta temperatura que, no início da tarde de sábado, semeava a sede e atevava a transpiração entre as dezenas de pessoas que acorreram ao Fórum, para o debate sobre «Direitos dos trabalhadores, combates do presente e do futuro».

Às exposições iniciais de Jerónimo de Sousa, membro da Comissão Política do PCP, e dos camaradas Paulo Trindade e Odete Filipe, destacados sindicalistas na Administração Pública e no sector da metalurgia, seguiu-se uma dezena de intervenções, algumas das quais apontando críticas, debilidades e deficiências.

O culpado?

Um mineiro, reagindo às afirmações de Odete Filipe sobre a luta pela igualdade de direitos entre os sexos, disse que os homens são «egoístas», englobando na crítica «mesmo militantes do Partido». Um não militante do PCP mas activista da CDU mostrou desagrado pela «grande unanimidade e falta de discussão». Logo de seguida, outro camarada acentuou que «o problema é da correlação de forças» e valorizou a «luta heróica» que tem permitido defender direitos conquistados com o 25 de Abril e até alcançar novos. Vários camaradas realçaram o importante papel do PCP e do movimento sindical unitário neste combate, perante uma violenta e desigual ofensiva do capital, e um ex-trabalhador da Petrogal deixou uma metáfora fortemente aplaudida: quando não se consegue erguer um peso que exige a força de dez homens, não podemos culpar por isso o único homem que se esforçou para o levantar.

Vibrantemente saudado foi também Dias Lourenço, veterano combatente da causa dos trabalhadores e destacado dirigente do PCP durante muitos

anos, para quem valeria a pena vir à Festa só pelas oportunidades de debate político que são proporcionadas. Tal como noutras intervenções — nomeadamente a de um jovem da Amadora, militante comunista há 5 anos —, o público do Fórum sublinhou com fortes aplausos a reafirmação do marxismo-leninismo como ideologia e guia para a acção do Partido. Foi igualmente aplaudida a afirmação de que o Partido «é bastante amplo e fraterno» e «todos» devemos «respeitar os outros os camaradas» e não trazer o debate interno para a praça pública.

Paulo Trindade, no final do colóquio, notou que «nós dizemos abertamente que defendemos os trabalhadores, mas ninguém ouve os outros partidos dizerem que defendem o capital». Odete Filipe apontou como exemplo do esforço de internacionalização da luta a Marcha Mundial contra a Pobreza e a Violência (com manifestações marcadas para 7 de Outubro, em Lisboa, e posteriormente em Bruxelas e Nova Iorque), mas ressaltou os elevados custos materiais de iniciativas que envolvem grandes deslocamentos de milhares de pessoas.



Jerónimo de Sousa notou que do público vieram «mais contribuições do que questões», registou as diferenças de opinião expressas (que, como pudemos observar, não impediram que oradores com opiniões diferentes se juntassem

em aplausos comuns) e realçou o facto de o PCP ter mantido a decisão de promover debates políticos abertos nesta Festa. Apelou ao prosseguimento da discussão, no quadro da preparação do próximo congresso do Partido. Depois de citar exemplos de combates bem sucedidos, dos trabalhadores da Autó-europa e da Opel e no sector têxtil do Vale do Ave, contrapôs a realidade aos que já tinham previsto para o ano 2000 o fim do PCP e o esvaziamento dos sindicatos, para concluir que «o capitalismo não vai ser o fim da história» e que o PCP tem um papel insubstituível a desempenhar.

O debate acabou em autêntico comício, com um entusiasmado público a aplaudir e a gritar «PCP!».



Responder à globalização

«Globalização e desenvolvimento económico» era o tema proposto para o debate de sexta-feira à noite, no Fórum, e desenvolvido, a partir de diferentes pontos de partida, por Agostinho Lopes, membro da Comissão Política do PCP, Sérgio Ribeiro, economista e ex-deputado ao Parlamento Europeu, e Fernando Correia, jornalista.

Mas, entregue a palavra ao público, as preocupações voltaram-se para a necessidade de resistir e responder à globalização capitalista, baseada na liberalização das formas de aumento da exploração e de obtenção do maior lucro à máxima velocidade e no maior local mais propício. Admitindo a enorme desigualdade existente entre capital e trabalho na correlação de forças a nível mundial, foram apontados atrasos na «globalização da luta» dos trabalhadores, dos comunistas e demais forças progressistas, mas também foram registadas algumas iniciativas, de características diversas, que têm sido realizadas com sucesso nos últimos anos.

O busilis

Na «ronda» de respostas e comentários, os três oradores fizeram questão de concordando com a falta de uma resposta «globalizada» de esquerda, insistir em que esta só poderá ser construída a partir da luta organizada ao nível de cada país.

Fernando Correia sublinhou as consequências de também se verificar uma flagrante desigualdade na produção e distribuição de notíCIAS. Defendeu que, no con-

texto actual, os avanços tecnológicos estão a complementar os interesses das classes dominantes. Recordou que os comunistas portugueses sempre foram internacionalistas, pelo que é natural o empenhamento do Partido numa luta internacionalizada, mas sem nunca menosprezar a luta no plano nacional.

Sérgio Ribeiro começou por lembrar que «é fácil pedir propostas concretas» e «já Lênine escreveu sobre “Que fazer?”». Para a luta global pelos interesses dos trabalhadores e o socialismo, colocou a tónica ao nível das empresas, onde são con-

cretizadas a exploração e a injustiça. Em resposta a uma das interpelações, afirmou não ter encontrado forma melhor que o centralismo democrático para organizar um colectivo para a acção e apelou a que não se procure nas formas de organização razões que podem provir de outras origens. Valorizou o facto de, ao contrário do que sucede noutros países, os trabalhadores portugueses não estarem «órfãos» de um partido que os orienta e estimula para a luta organizada.

Agostinho Lopes concordou com a premência das preocupações sobre que resposta encontrar para esta globalização e recordou que, face a teses que privilegiavam as lutas internacionais, o último congresso do PCP afirmou que «é essencial a luta a nível nacional».

«Tanto maior será a resposta na convergência internacional, quanto mais desenvolvida for a luta em cada país», afirmou, nomeando alguns passos dados na convergência a nível europeu, tanto no plano político (a intervenção conjugada nas eleições e na actividade no Parlamento Europeu), como no plano social e laboral (as manifestações sindicais de Lisboa e Porto, durante a Presidência portuguesa da UE, as movimentações de agricultores e a manifestação de 29 de Maio em Évora, as acções de ecologistas contra a Shell e a resposta solidária dos trabalhadores da Renault contra despedimentos e encerramentos de fábricas). Referiu, igualmente, as manifestações de Seattle. Reconhecendo que «precisamos avançar muito mais», lembrou, no entanto, que «há momentos de resistência e momentos de atacarmos».



Espaço de «O Militante»

A conversa aconteceu

É fácil aos visitantes da Festa do «Avante!» localizar o espaço de «O Militante». Ele encontra-se sempre numa zona nobre do Pavilhão Central. Não é particularmente ostentoso mas reflecte sempre a importância desempenhada pela imprensa do Partido.

Uma banca vendia os últimos números de «O Militante» e do «Avante!» e outros materiais temáticos do PCP, ainda que a atenção geral dos visitantes recaísse em geral sobre o prelo com que, na clandestinidade, se imprimiam esses materiais. Camaradas que então trabalharam com este prelo expli-

caresse a importância da imprensa do Partido ao longo da clandestinidade e as dificuldades que o PCP enfrentava para defender as suas tipografias, que muitas vezes andavam de um lado para o outro para evitar a sua localização pela PIDE. A tónica principal foi, porém, posta na necessidade de que hoje continua a colo-

vez mais cedo. Provam-nos mais uma vez as lutas no secundário, levadas a cabo por jovens na sua maioria de idade inferior a 18 anos, mas também a enorme campanha de solidariedade, no ano passado, com o povo de Timor-Leste ou as suas preocupações com questões do ambiente.

Os problemas dos trabalhadores foram, aliás, analisados de forma profunda por José Ernesto Cartaxo.

Numa análise bastante crítica à política social do Governo do PS e à sua acção concertada com o patronato, este dirigente sindical denunciou as tentativas de limitar a luta dos trabalhadores pelas suas reivindicações e aspirações, de contenção dos salários, de «apertar o cinto». O desemprego, os despedimentos, o trabalho precário foram outras questões analisadas por José Ernesto Cartaxo, contra as quais a CGTP se tem batido.

António Dias Lourenço, por sua vez, fez uma retrospectiva sobre a resistência

e o papel do PCP desde a sua fundação, ou seja, a história da resistência ao longo do século XX que, para Dias Lourenço, foi «passado» e é «presente».

Passando em revista os principais acontecimentos políticos do século, Dias Lourenço considerou o marxismo-leninismo como um importante legado que os comunistas portugueses receberam e que lhes serviu de «guia para a acção».

Se alguns hoje acusam o PCP de estar ultrapassado e fora da realidade, a verdade é que o PCP, tendo uma história de 80 anos que nenhum outro partido tem, sempre foi capaz, como nenhuma outra força política, de dar resposta a situações novas.

M.F.



Armas nucleares, militarização, NATO e novas estratégias

O império das armas

O novo conceito estratégico da NATO, o regresso à «guerra das estrelas», a militarização da União Europeia, foram alguns dos factos/perigos para que se alertou no Colóquio sobre «Armas nucleares, militarização, Nato e novas estratégias».

«Armas para pressionar, armas para o negócio, armas para intervir.» A política de globalização imperialista aposta nas armas como recurso incontornável. Por isso vivemos hoje «num mundo mais inseguro, militarizado, em que as armas nucleares ganham novo peso». Esta poderia ser uma de entre as sínteses possíveis do Colóquio que, no início da tarde de domingo, reuniu algumas dezenas de pessoas no Fórum e que contou com a participação de Albano Nunes, Rui Fernandes e Sandra Benfica. Um debate sobre temas que «não nos entram directamente pela porta dentro», mas que nem por isso deixam de afectar as nossas vidas.

A guerra da Jugoslávia, que «como se provou posteriormente não teve razões humanitárias», foi um primeiro tema abordado por Albano Nunes, que salientou duas consequências imediatas que lhe vieram ligadas.

Antes do mais, esta guerra precedeu o novo conceito estratégico da Nato que, na sua Cimeira pelos 50 anos desta organização militar, o alterou no sentido de facultar uma intervenção directa em qualquer ponto do mundo em que considere os seus interesses ameaçados.

A guerra surge ainda como pretexto para a militarização da Europa, que estaria «mal preparada militarmente»...

Uma questão também abordada por Rui Fernandes, que denunciou a «operação de

mistificação» em curso no nosso país, que consiste em confundir capacidade de defesa com capacidade de intervenção. E que tem mesmo, e de imediato, elevados impactos económicos. Mais severos, de acordo com a apreciação do próprio ministro português da Economia, do que os impostos «pela caminhada para a moeda única».

Guerra das estrelas Armas pela hegemonia

Que tem a «guerra das estrelas» ou o novo conceito estratégico da Nato a ver com o agravamento das contradições do desenvolvimento ou com democracia e soberania nacional?

Na verdade, muito mais do que à primeira vista pode aparentar.

No fundo, o que está em causa, nas palavras de Albano Nunes, é a «globalização imperialista», concretamente «a imposição de uma nova ordem ao serviço do grande capital».

Esta nova ordem passa pelo reforço das funções coercivas do Estado, por políticas intervencionistas, com a criação de brigas de intervenção rápida, pelo domínio de novas armas. Diferentes formas de uma mesma política do capital com o objectivo de conter as «inevitáveis explosões de descontentamento popular» resultantes do aumento do fosso entre ricos e pobres.

A mesma «globalização imperialista» visa impor aos

Estados políticos que nada têm a ver com os interesses dos respectivos povos. Em Portugal temos vindo a assistir ao envolvimento do nosso país, por sucessivos governos, nas políticas belicistas promovidas pelos EUA e Nato. Há tropas portuguesas na Bósnia e no Kosovo e a estruturação das forças armadas tende a processar-se em função dos objectivos do imperialismo.

São factos que constituem, em si, um «alerta para o futuro» e colocam em causa a «democracia, independência e soberania nacional».

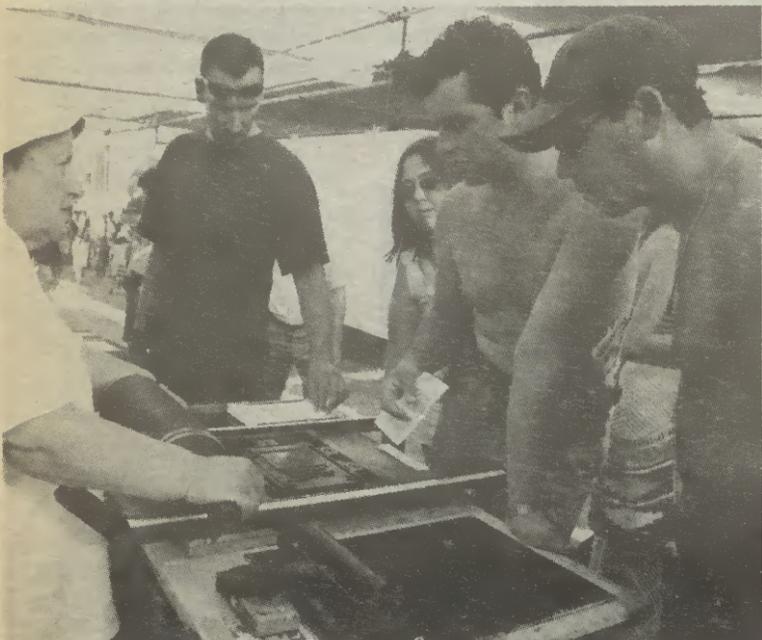
Contra a militarização

Pela dissolução da Nato, em defesa das Nações Unidas e contra a sua instrumentalização, por verdadeiros esquemas de segurança, contra a militarização europeia. Estas são algumas das grandes linhas de actuação do PCP no que respeita a uma política de paz e de defesa dos interesses nacionais.

Política que se insere também na mais ampla acção das forças da paz em Portugal, nomeadamente do Conselho Português para a Paz e Cooperação. E naturalmente no plano internacional.

No fim da sua intervenção no colóquio, Sandra Benfica referiu acções recentes ou em curso, como a *Petição mundial contra as armas nucleares*, que tem também como objectivo informar as pessoas, e que está a registar uma resposta francamente positiva, ou a *Marcha Ibérica contra as bases nucleares*. E lembrou, muito oportunamente, que «nós também temos uma base militar norte-americana» no nosso país.

L.C.



O prelo mereceu a atenção geral dos visitantes

cavam como ele funcionava e imprimiam a primeira página de um «Avante!» clandestino.

Mas dentro deste espaço, num recanto abrigado, com mesa e alguns bancos compridos, sob o nome genérico de «à conversa com...», todos os anos acontece o diálogo.

E «à conversa» esteve este ano Blanqui Teixeira sobre «A imprensa do Partido», Bernardino Soares, sobre «As lutas dos jovens», José Ernesto Cartaxo sobre «As lutas dos trabalhadores», Luísa Araújo sobre «As lutas das mulheres» (ver em separado) e António Dias Lourenço sobre «Páginas da história do PCP».

Blanqui Teixeira debruçou-se sobre o papel da

car-se de aumentar a divulgação e o estudo da imprensa do Partido, como forma de os militantes aprofundarem o seu conhecimento sobre as posições e propostas do PCP e melhor actuar.

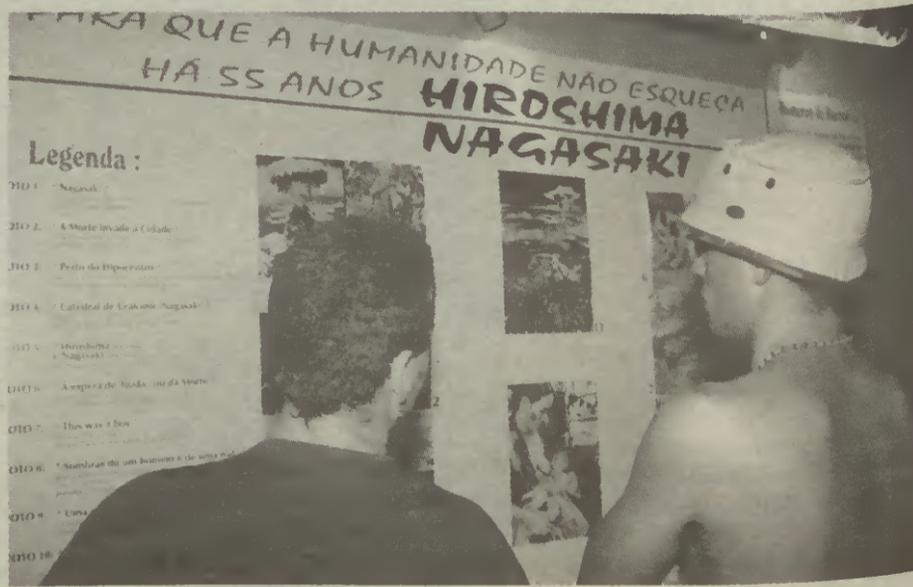
Um partido que luta

As lutas dos jovens do ensino secundário, que levaram às ruas mais de 60 mil estudantes, foram valorizadas por Bernardino Soares que denunciou a campanha iniciada por Cavaco Silva, na década de 80, para inculcar nos jovens o individualismo e, assim, impedir a sua unidade e luta.

Mas a consciência política dos jovens desperta cada



Dias Lourenço diz que a resistência pertence também ao presente





Organizações

● Henrique Custódio

O Portugal de cada um fruído por todos nós

Através das suas Organizações Regionais, o Partido levou de novo o País à Atalaia: do Minho às Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores e passando por todo o território continental, lá esteve mais uma vez o Portugal de cada um para fruição de todos nós. Um Portugal a corpo inteiro, dado que os problemas e vivências de cada região marcaram a respectiva presença trazida por quem os vive no dia-a-dia.

Organizando por ordem alfabética a viagem pelo País que cada visitante pôde realizar na Festa, a primeira paragem é forçosamente nos Açores, cujo pavilhão ostentava as propostas dos comunistas para os problemas desta região, tão bela quanto socialmente deprimida. As próximas eleições regionais justificam ple-

namente esta abordagem da realidade açoriana que, entretanto, oferecia ao visitante alguns dos produtos locais.

No Algarve, os apreciadores de marisco tinham ali assento certo, a par da doçaria regional única e para grandes gulosos. De caminho inteiravam-se da actividade política do PCP no distrito na exposição que dava também destaque à preparação do próximo Congresso do Partido.

Aveiro, este ano, destacou a pesca no seu pavilhão, nomeadamente a «Arte Xávega», em homenagem a uma das mais tradicionais actividades da sua orla costeira. Quanto à gastronomia continuava soberba e irresistível, desde o clássicos e muito procurados ovos moles até ao famoso leitão da Bairrada, servido em prato ou em sandes, sem esquecer os vinhos.

Beja, Évora e Portalegre e Litoral Alentejano tinham um vasto espaço à disposição do visitante, onde este ano ressaltava a evocação dos 25 anos

da Reforma Agrária, aniversário não apenas bem documentado na Festa como demonstrativo da sua importância estratégica para o desenvolvimento do Alentejo – desenvolvimento mais uma vez adiado com a destruição dessa grande conquista de Abril e decorrente regresso do latifúndio. A par disso, os pavilhões continuavam a oferecer os produtos, a cultura e a música dos vastos campos transtaganos, numa vasta panóplia de saberes e sabores.

Braga, distrito onde o aumento da influência do PCP teve, o ano passado, a expressão concreta da eleição de mais um deputado, trouxe à Festa com vigor redobrado o retrato da actividade do Partido e das lutas dos trabalhadores, sem esquecer os pitús da zona onde pontificam o obrigatório caldo minhoto, as fêveras e, tá bem de ver... o vinho da região!

Bragança trouxe um convidado muito especial – o Castanheiro –, a quem dedicou uma

exposição completa que tinha por designação genérica «O Castanheiro e a Castanha». A par disso, um azulejo da autoria da artista Ofélia Marrão tendo por motivo a *Domus Municipalis, ex libris* da cidade bragantina, oferecia-se irresistivelmente ao visitante, tal como a oferta gastronómica bem singular do distrito, com relevo para as alheiras de Mirandela e a posta mirandesa.

A Organização de Castelo Branco e Guarda surpreendeu os convivas com música ao vivo a acompanhar os repastos que, ali, começavam logo no queijo, presuntos e paios, enquanto ao lado se chamava a atenção para os problemas da desertificação e do envelhecimento populacional que continuam a afligir esta região.

Ocupando o seu tradicional lugar no topo de um miradouro com vista para o recinto da Festa, Coimbra lá estava a convidar para o petisco e o convívio, na boa



Café Concerto: dos blues à Dança do Ventre

Mais uma vez, o «Café Concerto de Lisboa» foi uma das «jóias» da Festa. Funcionando em recinto coberto, com mesas e cadeiras confortavelmente disponíveis para uma relação intimista com os espectáculos em palco e a tertúlia de amigos, tudo apoiado por um serviço de bar competente e variado, o «Café Concerto» não teve mãos a medir no seu comprovado sucesso. Como sempre, a programação apresentou-se criteriosa e inventiva, apresentando este ano a novidade de um espectáculo de Dança do Ventre interpretada por Ana Martins na

noite de sexta-feira, após a performance de Jon Fromer, Rebel Voices of Seattle e Herrera. No sábado, o destaque foi para o Canto de Intervenção (1960-1974) que, também à noite, apresentou um colóquio-recital a partir do livro de Eduardo M. Raposo, com canções interpretadas por Francisco Naia (voz), João Pimentel (guitarra) e Rui Curto (acordeão), a que se acrescentou a voz e a obra inconfundíveis de Manuel Freire. No domingo, foram os blues de Mojo Hand que fecharam a ouro a programação do Café Concerto.





O Portugal de cada um fruído por todos nós

tradição das noitadas coimbrãs que, todos anos, não deixam de estar presentes na Atalaia. O testemunho da luta dos trabalhadores surgiu, este ano, com a originalidade de se apresentar em forma de filme.

Leiria apresentou o «Stand do Vidro» e um forno de pão – já tradicional neste pavilhão –, motivos mais que suficientes para atrair a curiosidade do público que, está bem de ver, era igualmente cativado pela

ementa local: sopa de legumes, caldo verde, pastéis de bacalhau, polvo, orelha de porco e a famosa sopa de peixe.

Lisboa dava as boas vindas através de um pórtico abrindo para uma grande praça. Lá dentro, a exposição política abordava a preparação do Congresso do Partido, a luta dos trabalhadores, a qualidade de vida das populações, sem esquecer a campanha de recrutamento da ORL «Mais

mil no ano dois mil». A gastronomia era mais que muita e a dificuldade estava na escolha, enquanto as zonas de lazer e de repouso se multiplicavam por sombras e esplanadas. Relevo para o sucesso do Café-Concerto, que assinalamos noutra local.

A **Madeira** privilegiou a vertente política do seu pavilhão, no quadro das próximas eleições regionais a realizar nesta Região Autónoma, onde

o crescimento do PCP e da CDU abrem perspectivas de um reforço eleitoral. Todavia não foram esquecidos os produtos da região, sempre muito procurados, com relevo para os doces, licores e rendas.

O **Porto** apresentou a novidade de uma oficina de ourivesaria a laborar ao vivo produzindo peças originais durante a Festa, enquanto os painéis de diversas organizações do distrito, criados por artistas plásticos, mereciam (e tiveram) uma apreciação mais atenta dos visitantes que igual-

mente tinham ao seu dispor os trabalhos de filigrana e petiscos tão irrecusáveis como as tripas, os rojões ou a sopa mineira. E o Vinho do Porto, pois claro – o autêntico e inimitável néctar do Douro.

Em **Santarém** pontificava uma alusão decorativa ao 25.º aniversário da Reforma Agrária – que teve grande expressão no Sul do Distrito –, estando os petiscos da região a cargo da tasquinha do Ribatejo: lá estavam a sopa de pedra, o pão-de-ló de Rio Maior, as tijeladas de Abrantes, os bolos

regionais de Torres Vedras e, naturalmente, o bom e variado vinho ribatejano.

Setúbal é sempre um mundo: este ano apresentou a novidade do «Palco Novos Valores» (que tratamos numa peça à parte), uma vasta exposição política disseminada por toda a zona e versando os mais diversos temas políticos (as lutas da região, o Congresso do Partido, o Poder Local, a co-incineração, etc.) e, é claro, a muito procurada gastronomia da região, com relevo para os pratos de peixe e marisco.



Palco aberto a novos valores

Magnificamente colocado numa encosta do terreno, o Palco «Novos Valores», da Organização de Setúbal, dispunha de um anfiteatro natural que os visitantes habitaram com todo o conforto para assistir à programação praticamente contínua deste espaço, onde avultou a presença de jovens formações e intérpretes musicais, a par de actuações com repertório mais convencional, nomeadamente de raiz popular ou clás-

sicos da chamada música de intervenção. A noite de sexta-feira foi preenchida com as actuações de Jorge Lomba e da Orquestra Ligeira do Feijó, o primeiro «viajando» por canções de Abril e a segunda apresentando uma brilhante evocação de grandes temas das «big bands», como a de Glenn Miller. No sábado, a vocação deste palco de apresentar novos valores musicais rumou para o rock e pôs em palco as bandas Super Trix

(Londres), Pent Up (Barreiro), IRS (Amadora), Austin (Lisboa) e Dolly (Loures). Isto durante a tarde, porque à noite o ritmo «abrandou» com as populares melodias apresentadas por Álvaro Vilaverde e Entrecantos. Finalmente, no domingo nova surpresa: após as actuações dos grupos Arco-Íris e Erva de Cheiro e Catarina Pazes – mais uma vez fazendo incursões pela música popular e de intervenção –, a noite terminou com a actuação dum quarteto da Escola de Jazz do Barreiro, há dois anos constituída com o apoio da Câmara local, cuja actuação atraiu uma pequena multidão de apreciadores que não regatearam aplausos aos jovens músicos.





E lá foram cantando por essa Festa fora...

Foram 15 os grupos corais alentejanos que desfilaram pelo recinto da Festa cantando «em directo» para os visitantes que, fascinados, paravam de imediato para os ouvir ao se aperceberem que os grandes sons da Planície estavam ali, ao vivo e ao ar livre, cantando pela Festa fora como se campos fossem os caminhos da Atalaia. Apesar da dificuldade de audição – os grandes cantadores alentejanos ali presen-

tes apenas dispunham da força da própria voz a romper no bulfício do recinto – esta iniciativa da Organização do Alentejo comoveu e tocou todos os que com ela se cruzaram e tiveram o privilégio de acertar o passo com o desfile, dele se acercando para com ele fruir a beleza inextinguível dos cantos alentejanos, assim tão generosamente oferecidos pelos cantadores que jornearam pela Atalaia...

Viana do Castelo surgiu com uma iniciativa de última hora: uma campanha de recolha de fundos para a reconstrução do Centro de Trabalho do PCP, que recentemente foi atingido por um incêndio. O que não impediu, é claro, a apresentação de três magníficas e distintas áreas: um stand de artesanato, outro de venda de produtos gastronómicos e de doces regionais e um terceiro com uma adega regional.

Vila Real apresenta créditos firmados nomeadamente nas ementas servidas no seu

restaurante: o famoso javali, canelos, caldo de cebola e vinho da região têm uma procura crescente de Festa para Festa. A exposição política dava a conhecer os grandes problemas da região, onde o PCP tem conhecidas dificuldades de implantação.

Viseu levou à Festa uma diversificada oferta de produtos: artesanato local, mel do Caramulo e vinhos de Viseu, para só falarmos de alguns exemplos, destacando-se ainda as excelentes refeições servidas no bar.





Pela Atalaia, andaram seis brigadas de contacto que falaram a centenas de jovens

Espaço da Juventude • Isabel Araújo Branco

JCP em crescimento

O Espaço da Juventude é um lugar ímpar dentro da Festa, com o seu palco, a mostra de curtas metragens de animação, os debates, as exposições, os momentos de declamação de poesia, a banca de materiais e os bares Esplanada, Cocktail e Vegetariano. De referir, as 25 adesões à JCP durante os três dias da Festa.

O Palco Juventude foi um sucesso. Repetindo o êxito de anos anteriores, apresentaram-se as 10 bandas apuradas no Festival da Canção Juvenil - realizado em todo o país durante os últimos meses - e cinco grupos convidados.

Todos os músicos tiveram uma pequena multidão a assistir aos espetáculos, qualquer que fosse o estilo musical, do ska ao rock, passando pelo heavy metal e o pop. «Melhor não podia ser», afirmou ao Avante! Bruno Correia, o responsável pelo palco.

Brigadas de contacto

Muitos jovens que visitaram a Festa foram abordados por uma das seis brigadas de contacto da JCP. Tendo como ponto de partida a distribuição de um documento intitulado «PCP, Partido de Juventude», as brigadas, cada uma constituída por 10 pessoas, correram a Atalaia prontas para responder a qualquer questão.

Para além dos debates (ver texto nestas páginas), as exposições eram o espaço político por excelência. Naturalmente o ensino e as recentes lutas dos estudantes ocupavam um lugar destacado, com um mapa de Portugal com os números de participação das manifestações de 11 de Maio e dados sobre a situação da educação no nosso país.

Alguns números eram de tal forma eloquentes que dispensavam qualquer comentário: o ensino superior público tem 200 milhões de contos de orçamento, enquanto os benefícios fiscais às grandes empresas foram de 400 milhões de contos.

Os jovens trabalhadores eram o tema de outra exposição, que apresentava uma comparação entre os rendimentos de grandes empresários como Champalimaud, Belmiro de Azevedo, Soares dos Santos e Pinto Balsemão e casos paradigmáticos de alguns dos funcionários das suas empresas, com os ordenados e situação laboral.

Novos militantes

«Tem de se entrar com garra, pronto para lutar»

Pedro Lima, João Saraiva, Pedro Vitorino e José Cordeiro são quatro amigos de 18 anos que há mês e meio decidiram inscrever-se na JCP. Na base da decisão estão os ideais comunistas, mas antes de tomarem qualquer resolução quiseram participar no acampamento regional de Almada.

«No acampamento confirmámos as nossas expectativas e achámos que devíamos aderir», diz Pedro Vitorino. «Adorei aquilo. O espírito de camaradagem era excelente, mas os ideais é que me levaram a entrar na JCP», explica Pedro Lima.

«Quando se entra no Partido Comunista, tem de se entrar com garra, pronto para lutar. Por isso, esta é uma decisão que não se toma de um dia para o outro», acrescentou Pedro Vitorino.

Apesar do pouco tempo de

Atalaia na última semana. «É preciso um grande espírito de camaradagem e organização para montar tudo isto. Isso é espectacular e só nos vem confirmar, mais uma vez, que estamos bem aqui», conta João Saraiva.

Educação

Tendo acabado em Julho o 12.º ano e sentindo-se privi-

«O importante é fazer com que cada vez mais gente adira aos nossos ideais, acreditando mesmo neles, não pode ser só da boca para fora. E há que lutar contra o sistema que hoje vigora e que já deu muitas provas que não é bom. Cada vez há mais desigualdades, mais diferenças entre ricos e pobres. Há muito para corrigir no país e no mundo», afirma Pedro Vitorino.



Debates

Da palavra à acção

Quatro temas da actualidade foram debatidos durante os três dias da Festa pelos jovens comunistas: emprego, educação, Nato e o PCP.

Na tarde de sábado, o espaço da Juventude acolheu um debate sob o título «Emprego com Direitos», abordando a ofensiva do patronato contra direitos básicos dos trabalhadores, em especial os jovens. «Nunca tenham medo de se indignar», apelou Rui Santos, da Inter-Jovem, lembrando que, apesar do receio de perder o emprego, os problemas têm de ser denunciados.

Essa é, aliás, a tática das empresas: mantendo os funcionários durante anos com contratos precários ou a recibos verdes, procuram impedi-los de protestar e reivindicar. Felizmente, não têm conseguido e, apesar dos riscos, muitos são aqueles que não baixam a cabeça perante injustiças e ilegalidades.

Rui Vasco Silva, dirigente da JCP, lembrou que a precariedade é frequentemente apresentada como uma forma de liberdade dos jovens, para puderem mudar de emprego sempre que queiram.

«O contrato a prazo só deve ser usado em situações excepcionais, pois é uma maneira de controlar os jovens. Um posto de trabalho efectivo deve corresponder a um contrato de trabalho efectivo», defendeu.

Júlio Vintém, membro do Comité Central do PCP, afirmou que é importante a formação de células do PCP

nas empresas, como ponto de partida para a criação das comissões de trabalhadores, a posterior mobilização destes e as consequentes lutas e vitórias.

Ensino

«A revisão curricular e a luta dos estudantes» foram debatidas por Paulo Martins, membro do Movimento de Associações de Estudantes de Coimbra, Paulo Sucena, da Fenprof, e Mário Rui Peixoto, da JCP.

diz que está inserido no orçamento da saúde, mas não é uma questão do Ministério da Educação?», perguntou.

Paulo Sucena referiu a desresponsabilização do Estado face à educação, lembrando que foram entregues 22 milhões de contos do orçamento de Estado a escolas privadas, enquanto há milhares de escolas públicas sem laboratórios, bibliotecas ou ginásios.

O presidente da Fenprof condenou ainda o novo 10.º ano, que funciona como

Paulo Martins, acusou o Governo PS de manter as políticas do PSD, afirmando que o diálogo de que tanto se falava é um embuste. «Durante estes meses de luta, os estudantes mostraram que estão bem informados e que conhecem profundamente o que está em causa», afirmou, adiando que estão previstas novas lutas já para este mês.

Militarização

Na sexta-feira, num debate sobre «A Nato, braço armado do imperialismo», Sandra Benfica, do Conselho Português para a Paz e Cooperação, alertou para a corrida ao armamento que hoje se verifica e referiu que o orçamento militar dos EUA cresce todos os anos, nomeadamente na área da investigação.

Face a esta situação, os movimentos da paz não podem baixar os braços, até porque é evidente uma maior sensibilização das populações, expressa em reacções cada vez mais activas. Para a representante do CPPC, um dos caminhos é a luta contra as mistificações do papel de cada país nos conflitos.



As maiores críticas dos alunos recaem na falsa redução da carga horária, nas aulas de 90 minutos, no elevado número de cursos, na criação do 13.º ano e na área-projecto.

forma de «seleccionar os alunos que supostamente servem para ir para a universidade e os que vão para o mercado de trabalho no fim do secundário».

Partido da juventude

Se o comunismo é a juventude do mundo, o PCP é inevitavelmente o partido da juventude. Isso ficou bem patente no debate que a JCP promoveu na tarde de domingo, recuperando o tema deste ano das brigadas de contacto.

A realidade prova esta ideia, pois, como referiu Luís Araújo, dirigente do PCP, o Partido incentiva a participação dos jovens na sociedade e na luta pelos seus direitos. Até porque «quando lutam pelo ensino, habitação ou trabalho, estão a lutar pelo aprofundamento da democracia em Portugal».

Luis Araújo referiu ainda que nos últimos quatro anos, aderiram 4 mil novos militantes e, destes, 40 por cento têm menos de 30 anos. «Isto é resultado do trabalho do PCP e da receptividade dos jovens às propostas comunistas», afirmou.

O deputado Bernardino Soares falou exactamente da actividade parlamentar do Partido, lembrando propostas como a lei da educação sexual, a despenalização do consumo de drogas, a revogação da lei de financiamento do ensino superior ou a recuperação do crédito jovem bonificado.

E, porque a história é importante, Aurélio Santos abordou o papel dos jovens no percurso do PCP, na sua formação - quando contribuíram para a definição do que seria o Partido -, nas lutas de massas, no MUD-Juvenil, nas campanhas eleitorais, nas associações e no 25 de Abril.

Curtas? Só de nome

• Rogério Feitor

Fazendo justiça à muita variada paleta cromática que todos os anos é utilizada pelos visitantes para pintar a festa, a JCP promoveu este ano uma mostra de curtas metragens de animação, com a colaboração do Cinanima. A mostra foi ainda valorizada pela presença de alguns realizadores destas obras que aproveitaram para responder a algumas perguntas colocadas pela assistência ou para ligeiramente sorrir e confirmar o espírito festivo que envolve todos aqueles que se deslocam a este grande acontecimento do panorama político e cultural do nosso país.

O programa foi o seguinte: no primeiro dia da Festa, sexta-feira, passaram «Cof Cof» de José Pedro Cavalheiro / Zepe e «A Caixa Negra» de Nuno Amorim. No sábado, o programa consistiu em «De Cabeça Perdida», de Isabel Aboim, «Fragmentos de Sal», de Cristina Teixeira e «A Suspeita», de José Miguel Ribeiro. Finalmente, no último dia, foram exibidos «Fado Lusitano», de Abi Feijó, «Evasão-Invasão», de Paulo Simões / Fernando Galrito / Joana Rebelo e «A Noite», de Regina Pessoa.

A mais conhecida de todas era, sem dúvida «Fado Lusitano» mas todas as outras curtas metragens demonstraram que o cinema de animação em Portugal se ergue inabalavelmente, encantando tanto as crianças como os graúdos.

Grandes filmes

A destacar desde já o bastante poético e aéreo «De Cabeça Perdida», a lembrar a origem dos poetas por

Mia Couto ou a narrativa realista de Tabuchi; o poema-filme «Fragmentos de Sal» de Al Berto transformado em imagem por Cristina Teixeira, ou como a busca da nossa própria identidade através da criação e do diálogo podem ultrapassar os simples fragmentos; «A Suspeita», o título mais longo das curtas metragens, uma curiosa, divertida e bastante bem feita homenagem a Hitchcock e aos seus oníricos comboios; e o inevitável «Fado Lusitano», narrativa da história de Portugal enfeitado pela voz de Mário Viegas, peça de resistência do inefável tempo do cavaquismo.

Dos autores dos filmes nem todos se apresentaram, o que foi pena, já que os presentes aproveitaram o espaço e o tempo para adicionar a terceira dimensão que falta nesta arte bi-dimensional.

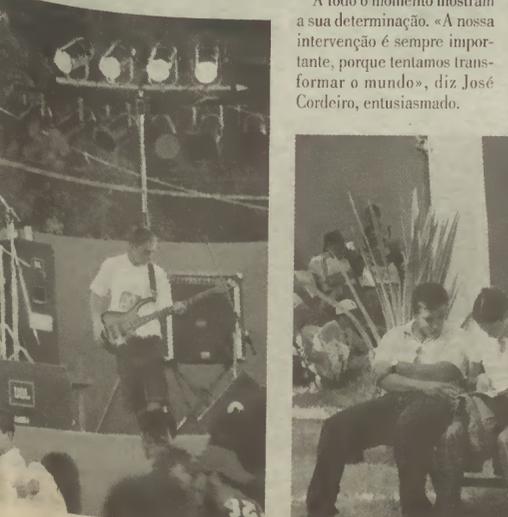
A interactividade com o público foi bastante bem conseguida, destacando-se neste plano os sinceros comentários e sorrisos de Fernando Galrito que, com a sua dicotomia «Evasão-Invasão», parece ter encontrado a cabeça perdida de Isabel Aboim e transformado em sonhos o sal dos fragmentos de Al Berto.

Por fim não se esperavam os comentários de Abi Feijó e a sua recusa de passar o filme da sua protegida Regina Pessoa, devido a não se encontrarem reunidas todas as condições necessárias para a sua exibição.

E, já durante «A Noite», vem-me à cabeça um pensamento do lendário director da Cinemateca Francesa, Henri Langlois: «Entre não exibir um filme ou exibi-lo em condições deficientes, prefiro exibi-lo». E que melhor local para exibi-lo senão nesta mistura eclética de idades, cores, sons e imagens que dá pelo título de Festa do «Avante!»?



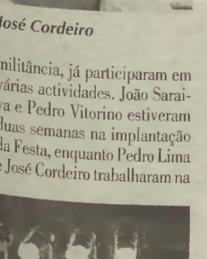
Abi Feijó e Isabel Aboim, dois dos realizadores convidados para a Mostra de Curtas Metragens de Animação



João Saraiva



Pedro Vitorino



José Cordeiro

militância, já participaram em várias actividades. João Saraiva e Pedro Vitorino estiveram duas semanas na implantação da Festa, enquanto Pedro Lima e José Cordeiro trabalharam na

Palco 25 de Abril

● Francisco Costa

A força da palavra dita e dos sons cantados

«Querem convencer-nos de que a nossa época é a época de uma derrota. Vivemos o império do “pensamento único”, a ditadura das políticas neoliberais que assolam o planeta, deixando à sua passagem um rasto de miséria, racismo, exploração, exclusão...»

Foi com estas palavras dirigidas a um público eminentemente jovem que já preenchia confortavelmente o larguíssimo recinto fronteiro ao **Palco 25 de Abril** que os **Hechos Contra el Decoro** terão querido sublinhar, a meio da sua actuação na tarde de sábado, o verdadeiro significado das suas canções, porventura submergido pela força dos sons que, à superfície, enquadravam uma música de forte impacto rítmico e tímbrico.

E, de facto, temas como *Referendum*, *Esto es lo que hay*, *Línea de Fuga* ou a «medley» *Un Mundo-Ausencia-La Fábula* tornaram muito claro ao que vinha o impetuoso grupo espanhol.

Mas, já antes, a «chamada geral» tinha sido feita sucessivamente pelos portugueses dos **Despe e Siga** e dos **Da Weasel**, claramente mobilizadores em crescendo contínuo desse grande ajuntamento da malta mais jovem, que mais facilmente suportava os rigores do intenso calor que se fazia sentir.

Os primeiros confirmaram a popularidade que a sua descontratada postura em palco e a hilaridade surreal de algu-

mas das suas canções costumam despertar no público - como se comprovou com as reacções a *Sempre em Pé*, *Bule Bule* ou *Rádio Ska*. Quanto aos segundos, o conteúdo fortemente intervencionista de uma temática moldada pelo *hip hop* e pelo *rap* despertou na multidão presente a correspondente e generalizada empatia, expressa no sublinhar de temas como *No Princípio era o Verbo*, *Adivinha*, *Toda a Gente* ou *Remorso*.

Já com **Lúcia Moniz** se virou por momentos a página para a música *pop*, numa das vozes e figuras mais agradáveis ultimamente surgidas na cena musical (e que nesta área ficou a marcar este ano), aliás muito bem acompanhada na sua presença insinuante por um grupo de músicos de notória eficácia instrumental.

E assim se preparava terreno para o surgimento em cena, já ao cair da tarde, dos **Clã**, grupo hoje famoso que em 95 passara pela «prova de fogo» das 15 horas de sábado, na apresentação no mesmo palco do seu (então) primeiro álbum: *Lusoqualquercoisa*.

Agora definitivamente instalado no primeiro plano da música popular, depois de êxitos como *Kazoo* e *Lustro*, o excelente grupo do Porto confirmou amplamente a boa surpresa que já constituía a sua estreia na Festa, desta vez arquitectando, em termos absolutos, um dos mais conseguidos concertos deste ano.

Mais uma vez particularmente incansável e espectacular esteve, de princípio a

fim, **Manuela Azevedo**, com uma voz de recortes bem cambiados e poderosos quanto basta para sublinhar com uma dicção impecável textos de grande persuasão e qualidade. Mas também na sua movimentação de palco e na musicalidade com que alternou momentos de simplicidade e ternura com irrupções de potente afirmação prosódica, a vocalista dos **Clã** demonstrou ser um verdadeiro caso sério no actual panorama da



Despe e Siga



Cándido Mota



Hechos Contra el Decoro



Da Weasel



Músicas de Sol e Lua



Brigada Victor Jara e Convidados

Confiança, entusiasmo e determinação evidentes no comício

• Domingos Mealha



A política e o povo no coração da Festa

O facto de à Festa do «Avante!» irem milhares de pessoas que não são comunistas mostra que, contra fortes e duras adversidades, mantém-se a íntima ligação entre os trabalhadores e o seu Partido.

O comício de domingo à tarde mostrou claramente que, ao lado dos militantes do PCP, há um amplo léque de portugueses e portuguesas que acompanham as tomadas de posição do Partido, ouvem as opiniões dos comunistas, confiam e estão dispostos a agir nas lutas de todos os dias. Mas isso não impediu que alguns tentassem encaminhar a presença de não comunistas na Quinta da Atalaia para a conclusão de que, afinal, a maior realização político-cultural que se faz no País seria, apenas ou sobretudo, uma «romaria» de *comes-bebes-danças-e-fumas*.

Na verdade, a política, como a vê o PCP nas diferentes esferas onde os militantes intervêm, e o povo, como destinatário e sujeito da transformação da sociedade, estão intimamente entrelaçados, nas batalhas do dia-a-dia, nos três dias da

Festa e no comício, o momento político mais importante que se vive na Atalaia.

O comício estava marcado para as 18 horas, no Palco 25 de Abril, onde a Brigada Victor Jara fez a festa dos seus 25 anos, seguida das batidas sonoras e vistosas dos Tocá Rufar. Pouco depois das 17.30 muda o palco, instala-se a tribuna, começa o ensaio de som. Não arredam pé, neste interim, os muitos jovens que ocupavam boa parte do recinto onde, em breves quinze minutos, houve exhibições de gigantones, chocalheiros, uma escola de samba e Zés-Pereiras, a entusiástica entrada de uma «manifestação» da JCP.

A sombra de uma árvore ou dos pavilhões que limitavam o anfiteatro eram acolhedores pontos estratégicos onde casais de idosos e famílias

com carinhos de bebé montavam verdadeiros piqueniques. Aos primeiros acordes da «Carvalhesa» quase toda a gente corresponde com alegres rodas de baile, palmas ritmadas ou saltinhos de pé-de-dança, agitando bandeiras vermelhas ou simplesmente rodando os braços.

O baile dá lugar ao aplauso e a palavras de ordem, quando, pontual, Manuela Bernardino, do Comité Central do Partido e da sua Comissão Central de Controlo, sobe à tribuna e chama ao palco os representantes das delegações estrangeiras, os membros da Direcção Nacional da Juventude Comunista Portuguesa, da Comissão Nacional da Festa do «Avante!», do Comité Central e organismos executivos e o secretário-geral do Partido.

Sucessivamente, são chamados a intervir Elsa Paixão, da Comissão Política da Direcção Nacional da JCP, José Casanova, da Comissão Política do CC do Partido e director do «Avante!», e Carlos Carvalhas – cujas intervenções publicamos nas páginas seguintes.

Ver, ouvir e participar

Em época de *interactividades*, geralmente conotadas com as telecomunicações, foi particularmente interessante acompanhar o modo como reagiram os milhares de pessoas que participaram no comício da Festa. Em vez do comício-espectáculo e dos líderes-artistas, predominantes noutros partidos, aqui conta a mensagem, vale a identificação entre a palavra do orador e a expectativa de um público atento, informado e interveniente. Não são «massas amorfas» as que mantêm prolongados períodos de silêncio escutando explicações mais detalhadas e «acordam» precisamente para aplaudir quando se fala nas lutas dos estudantes do Secundário ou no esforço abnegado dos construtores da Festa; para apurar os longos anos em que o PS andou a apaparicar o PP ou para vaiar as privatizações; para saudar os resultados positivos da acção dos eleitos comunistas e sublinhar as vitórias conquistadas pela luta dos trabalhadores; para aplaudir a reafirmação dos princípios do marxismo-leninismo e da primazia da opinião colectiva e do debate fraterno no interior do Partido. O público do comício esteve ali a ver, ouvir e participar.





O Partido e a Festa da Juventude

Esta é uma festa de alegria, uma festa de solidariedade, uma festa de convívio, uma festa de amizade, uma festa de cultura. Uma festa que afirma o nosso projecto, o nosso ideal, e a luta desenvolvida pelos comunistas na construção de uma sociedade mais justa, pelo socialismo rumo ao comunismo. Um ideal constante em todos aqueles que vivem a transformar a vida.

O PCP é o partido da juventude, defende os direitos dos jovens e a sua participação activa na sociedade, as suas aspirações, os seus desejos e as suas lutas.

A JCP tem um papel muito importante no esclarecimento, dinamização e formação ideológica da camada juvenil portuguesa, levando desta forma o projecto do PCP de criação de uma democracia avançada, que seja uma democracia simultaneamente política, económica, social e cultural, representativa e participada, onde seja o povo aquele que mais ordena.



Intervenção de Elsa Paixão

ção, saúde e educação, por um ensino público gratuito e de qualidade, pelo cumprimento do estatuto do trabalhador-estudante e pelo acesso ao ensino nocturno de qualidade. E estão

Força para a luta

A participação juvenil na Festa do «Avante!» faz-se sentir de forma mais marcante de ano para ano, tornando-a uma festa de encontro de gerações, uma festa de ensinar, uma festa de aprender.

Aqui, neste mundo, aprende-se sempre coisas diferentes, leva-se sempre uma mensagem nova, uma nova força para continuar a luta. E hoje a luta é contra as políticas neoliberais desenvolvidas pelo governo do PS, uma luta contra a política que ataca os direitos juvenis, que fez sair à rua mais de 60 mil estudantes do ensino secundário, no mês de Maio.

Viva a luta dos estudantes do ensino secundário! Viva a luta de todos os estudantes! Viva a luta dos jovens trabalhadores, por mais salário, melhor emprego e contra as discriminações!

Os jovens estão na luta pela qualidade de vida, por ar, água e terra, por habitação,

na luta contra o racismo, a discriminação, a violência e a pobreza.

Mais para a JCP

Os jovens comunistas têm desempenhado um papel importante e dinamizador na luta, na discussão dos problemas do mundo, da solidariedade, combatendo a imposição de um «pensamento único» e o avanço do capitalismo, defendendo a libertação de todos os povos.

Queremos um milénio sem injustiças, sem guerras, sem sofrimento e sem pena de morte. Queremos a felicidade.

É preciso virar à esquerda, é preciso uma política de esquerda para a juventude, é preciso trazer mais gente para a JCP e para o PCP.

A JCP tem também um papel muito importante no reforço e rejuvenescimento do Partido Comunista Português e, para o XVI Congresso do Partido, a JCP quer recrutar mais 1000 novos membros para o partido.

A JCP, como organização revolucionária da e para a juventude, mantém uma actividade regular nos diversos colectivos das organizações regionais, e é no seio da JCP e do PCP que os jovens encontram espaço para debater, falar, analisar, agir e intervir.

Acreditamos que podemos mudar o mundo.

Ao levantar bem alto a nossa bandeira, somos e continuaremos a ser a mudança, e o nosso punho fechado é a força de vencer, porque o caminho está na luta e a luta, é o caminho.

Camaradas,

Se a festa é festa e houve festa outra vez / é porque há gente, há povo, / há Partido Comunista Português!!!

Viva a Festa do «Avante!»!

Viva a Juventude Comunista Portuguesa!

Viva o Partido Comunista Português!





Olhem para esta Festa!

O «Avante!» voz do PCP

Há um ano, anunciámos aqui a remodelação e a campanha de difusão do «Avante!». Hoje, podemos anunciar que a campanha de difusão se traduziu num aumento de vendas de cerca de 20%. É muito e é pouco: com a vossa colaboração, camaradas, é possível fazer chegar mais longe o nosso Jornal – fazer chegar mais longe a voz, a opinião e as propostas do PCP, os problemas, as lutas e as vitórias dos trabalhadores portugueses e de milhões de trabalhadores que, em todo o Mundo, não aceitam a exploração e o capitalismo como destino final da história da humanidade.

Quanto à remodelação, concretizámo-la procurando cumprir o compromisso aqui assumido, ou seja, procurámos tornar o nosso jornal mais atractivo mantendo e acentuando as suas características de órgão central do PCP.

O «Avante!», tal como esta Festa que tem o seu nome, são expressões concretas das características, da intervenção, da vida, da história do nosso Partido. O nosso Jornal é hoje, e continuará a sê-lo no futuro, o digno continuador do «Avante!» que, durante 43 anos, enfrentou a tirania, a opressão e a censura fascistas, que foi o portavoiz dos ideais de Abril e das suas conquistas. A Festa do «Avante!» – festa do PCP, festa que nenhum outro partido nacional é capaz de realizar – é um exemplo flagrante do papel singular desempenhado pelo nosso Partido.

A força de um Partido vivo

Aos que nos condenaram ao «declínio irreversível», dizemos: olhem para esta Festa, vejam aqui a força de um partido vivo, activo, orgulhoso do seu passado, solidamente implantado no presente e de olhos postos no futuro.

Aos que decretaram a morte do nosso ideal comunista, dizemos: olhem para esta Festa, vejam como nela estão presentes, e lhe dão força e conteúdo, o nosso projecto comunista, a nossa ideologia marxista-leninista, a nossa condição de partido da classe operária e de todos os trabalhadores, a nossa profunda democracia interna, a nossa postura de clara solidariedade internacionalista.

Aos que não param de pregar o fim da militância comunis-

ta, dizemos: olhem para esta Festa, vejam esta cidade construída na base do trabalho colectivo, da força das convicções, vejam esta cidade construída na base de uma militância revolucionária consciente e assumida.

Aos que, há muitos anos vêm decretando o envelhecimento e o definhamento do PCP, dizemos duas coisas: primeiro, olhem para esta Festa, vejam os muitos milhares de pessoas que, há décadas, estão convictamente com o PCP e que há muitos anos vêm com satisfação à Festa do «Avante!» e participam com entusiasmo na sua construção – pessoas que não são jovens (que, em muitos casos, são até de idade avançada) e cuja presença no PCP e na Festa muito nos honra; e a esses propagandistas do envelhecimento e do definhamento do PCP dizemos ainda: olhem para esta Festa e, se não quiserem ser cegos, vejam o papel decisivo que têm os jovens – especialmente os jovens da JCP – na sua construção; vejam a multidão de jovens, comunistas e não comunistas, que fazem desta Festa a grande Festa da Juventude.

E se quiserem continuar a ser cegos, podem continuar a repetir aos quatro ventos a sua versão: mas a melhor resposta à mentira e à deturpação está aqui mesmo, na Atalaia, na força incontestável da verdade que é a Festa do «Avante!».

Uma Festa de braços abertos

A Festa do «Avante!» é a nossa festa e, assim sendo, é uma festa que abre os braços e recebe fraternalmente todos os que aqui querem estar connosco. E é assim, porque é a Festa do PCP – deste nosso Partido que, com quase oitenta anos de idade, é – pelo seu projecto transformador e profundamente humanista – o mais jovem de todos os partidos nacionais; deste Partido cujos oitenta anos de vida são outros tantos anos de luta, de coerência de princípios, de firmeza revolucionária; deste Partido que é o protagonista de uma história que tem as suas raízes na história do povo português e dela é parte integrante; deste Partido que conta com a existência de um colectivo partidário consciente, sólido, determinado, combativo – colectivo partidário que tem como referências essenciais na sua intervenção militante, a permanente defesa dos interesses e direitos dos explorados e a perspectiva da construção de uma sociedade liberta de todas as formas de opressão e exploração; deste Partido que, muito justamente, se orgulha dos seus militantes e do qual, muito justamente, os seus militantes se orgulham; deste Partido que, com quase oitenta anos de vida, é o Partido da esperança e do futuro, é um Partido para o Século XXI, é um Partido que tem o socialismo e o comunismo como meta maior da sua luta; deste Partido que ocupou, ocupa e ocupará sempre o lugar que os seus ideais, os seus princípios e os seus objectivos exigem; deste Partido a que, orgulhosamente, chamamos «o nosso Partido»; deste nosso Partido Comunista Português.

Viva a Festa do «Avante!»
Viva o «Avante!»
Viva a JCP
Viva o PCP.

Cá estamos mais uma vez no comércio da Festa do «Avante!». Cá estamos mais uma vez saudando todos os que contribuíram para o êxito desta importante realização e fizeram deste belo espaço da Atalaia um espaço de fraternidade, de alegria, de solidariedade, de camaradagem, de convívio. Cá estamos para, em nome do colectivo do «Avante!», saudar, em primeiro lugar, os construtores da Festa, esta imensa equipa de operários em construção, de homens, mulheres e jovens que, graças a um esforço, a uma entrega, a uma criatividade totais ergueram e fizeram funcionar durante três dias esta cidade nova; para saudar todos os que, com a sua intervenção cultural, musical, recreativa, desportiva, artística, política contribuíram para o enriquecimento do conteúdo da nossa Festa; para saudar a presença entusiástica e massiva dos muitos milhares de visitantes, comunistas e não comunistas, sem os quais a Festa não seria festa – e de, entre esses visitantes, salientar os jovens cuja presença dominante é garantia de que a Festa do «Avante!», sendo a grande festa do presente, é seguramente a grande festa do futuro; para saudar, também, e agradecer o apoio e a ajuda dada à construção e funcionamento da Festa, às corporações de bombeiros, forças de segurança, departamentos oficiais, empresas públicas e privadas, federações e associações desportivas e associativas, câmaras municipais e juntas de freguesia, nomeadamente a Câmara Municipal do Seixal e a Junta de Freguesia da Amora; para saudar, igualmente, de forma muito fraterna e solidária, os camaradas e amigos representantes de dezenas de partidos comunistas e de outras forças revolucionárias, progressistas e de esquerda que aqui estão connosco – para transmitir a expressão da nossa solidariedade internacionalista e os votos de muitos êxitos na sua luta aos camaradas e amigos vindos da Alemanha, de Angola, da Argentina, da Bélgica, da Bolívia, do Brasil, de Cabo Verde, do Chile, da China, da Colômbia, da Coreia, de Cuba, da Dinamarca, da Espanha, da França, da Grécia, da Hungria, da Índia, do Iraque, da Itália, do Japão, do Laos, de Marrocos, de Moçambique, da Palestina, do Peru, da República Checa, do Saará Ocidental, do Sudão, de Timor Leste, do Vietname



Intervenção de José Casanova



Cresce a contestação à política de direita

A poucas horas do fim destes três dias da nossa Festa, mas com muita festa ainda para viver, creio que se renova em todos nós um legítimo sentimento de orgulho e alegria por o nosso Partido ter sabido integrar e fazer viver no seu rico património de valores, características e realizações este grande e tocante encontro humano onde brilham e se cruzam convicções, emoções e afectos; onde se afirma o papel do trabalho, da criação, da beleza, da arte, da cultura; onde dialogam e se fundem tradição e modernidade; onde a juventude emerge como força luminosa e insubmissa de renovação, de esperança e de futuro; onde se reafirmam e reavivam compromissos de vida e de luta; mas, onde também, como marca mais sólida, perene e promissora desta Festa, se afirmam as profundas raízes populares do PCP, a actualidade e vitalidade dos ideais comunistas, a projecção histórica de um inigualável combate – que vai irromper pelo novo século e novo milénio – pela liberdade e dignidade humanas e por um valioso projecto de democracia e socialismo para Portugal.

Que ninguém se deixe confundir: sem prosápias de perfeição ou santidade, longe de qualquer jactância ou arrogância, o Partido Comunista Português e os seus militantes continuarão a falar e agir para que uma visão mais densa, esclarecida e aberta sobre a sua verdadeira identidade, características, projecto e acção triunfe sobre a maré de caricaturas e deturpações preconceituosas que há décadas enfrentamos.

Que ninguém se iluda: o nosso comum sentido de responsabilidade fará com que o Partido Comunista Português, a que nos orgulhamos de pertencer, saia da Festa do «Avante!» voltado para a vida e para o futuro, determinado a cumprir mais e melhor os seus compromissos com os trabalhadores e o povo, empenhado em lutar pela alternativa de esquerda que faça Portugal sair da *cepa torta* que tem sido a alternância entre PS e PSD, firme-

mente disposto a enfrentar com coragem os desafios e batalhas que se perfilam no horizonte.

A direita que explique por que muda de voto

Já o dissemos muitas vezes e voltamos a repeti-lo: porque somos um partido sério e responsável, nós



não anunciamos votos sobre um Orçamento que ainda não foi apresentado e que ninguém fora do Governo conhece, leu ou analisou.

Mas que a seriedade da nossa postura não seja utilizada para criar confusões, alimentar esperanças vãs ou interpretações abusivas: um Orçamento na linha

dos anteriores – isto é, um Orçamento que seja instrumento e expressão da política de direita – terá o PCP o mesmo voto contra que os anteriores.

E como não se passa um dia sem que algum comentador venha dizer que o PCP não pode viabilizar o Orçamento por causa de ter um Congresso à vista, há duas coisas que deviam ficar absolutamente claras:

– a primeira é que não é o PCP que tem de explicar por que é que não muda de voto. São o PSD e o PP, que no passado votaram a favor, que têm de explicar por que é que dizem ir agora votar contra, numa altura de descontentamento;

– a segunda, e bem mais importante, é que, em matéria de Orçamento, bem podem deixar o Congresso do PCP em paz, porque, quanto à atitude sobre o Orçamento e o Governo do PS, o que nos guia não são pretensas condicionantes internas, mas as nossas convicções profundas, os nossos deveres, compromissos e responsabilidades perante os trabalhadores e o povo, os nossos juízos soberanos, a nossa coerência no combate a uma política injusta, a nossa determinação de não abandonar, antes honrar, os valores e objectivos de uma nova política, de uma política de esquerda para Portugal.

Quando vemos o primeiro-ministro a fazer a rábula da vítima coitadinha, a sacudir para outros as responsabilidades por uma eventual crise política, que são suas e do PS, a construir novas versões da inesquecível ameaça cavaquista sobre os frigoríficos (que já não se podiam comprar em caso de derrota do PSD), só nos apetece dizer que, na vida política, entre outras, também faz falta alguma memória.

E, tivesse o primeiro-ministro alguma memória, lembrar-se-ia dos longos anos em que o PS andou a apaparicar o PP (seja o de Monteiro ou o de Portas) e das vezes sem conta que dirigentes do PS o consideravam um partido sensato e responsável.

Tivesse o Eng. Guterres alguma memória e, depois de cinco anos a realizar a política de que a direita gosta e com que lucram os interesses de classe que representa (mesmo que grite muito para disfarçar), não viria pedir apoio e solidariedade ao PCP para sustentar essa mesma política e no preciso momento em que anuncia mais austeridade, ainda maior contenção dos salários e cortes nas despesas sociais.

Tivesse alguma memória, e recordar-se-ia dos tempos ainda recentes em que os responsáveis do PS não davam grande importância às noções de esquerda e direita e, perguntados se o PS ia virar à direita ou à esquerda, logo respondiam que nem uma coisa nem outra, que seguiam era em frente – e bem podemos dizer que, de tal maneira seguem em frente, que, teimando continuar, não tardarão a estampar-se.

Grandes reclamações

Que ninguém espere que, imitando outros e só para garantir títulos na comunicação social, nos ponhamos aqui a fazer ameaças, ultimatos e desafios ao Governo em relação ao Orçamento para 2001.

Mas o primeiro-ministro, o seu Governo e o PS, em vez de inventarem novos ciclos para uma política velha, sacudirem culpas e responsabilidades e se entreterem com pequenas cosméticas, fariam bem em ouvir e atender a exigência funda e forte que vem da realidade nacional e a reclamação clara que vem pela nossa voz de que é tempo, e mais que tempo, de mudar de política.

É tempo, e mais que tempo, de abandonar a política de direita que, como já se viu com 10 anos de cavaquismo e cinco de governos do PS, pode nalguns períodos criar ilusões e anestésias, mas na verdade é repetidamente incapaz, incompetente e inadequada para enfrentar os grandes problemas do País.

É tempo, e mais que tempo, de pôr termo a uma política que faz com que, em épocas de supostas «vacas gordas», os trabalhadores sejam sempre os que menos beneficiam, mas em épocas de «vacas magras» sejam sempre os mais castigados e agredidos.

É tempo, e mais que tempo, de uma política que, com carácter premente e imediato, promova **significativas actualizações extraordinárias dos salários** que, como os ministros não sentem mas os trabalhadores sofrem por de mais, estão ser sofregamente comidos pela alta dos preços, e de uma política que combata eficazmente a inaceitável **precarização, insegurança e perda de direitos** que hoje ataca o mundo do trabalho e, com especial brutalidade, os trabalhadores mais jovens.

É tempo, e mais que tempo, de – como o PCP de há muito e com carácter pioneiro defende e propõe – concretizar uma **verdadeira reforma fiscal** que, no seu conteúdo real e não em vagas palavras de comício de Guterres, ponha termo a uma escandalosa injustiça fiscal que o PS manteve durante cinco anos, alivie a carga fiscal sobre os rendimentos dos trabalhadores, que são os grandes pagadores de impostos, combata a evasão e a fraude fiscais e tribute devidamente a especulação financeira, o grande capital e os grandes patrimónios e fortunas.

É tempo, e mais que tempo, que a **reposição da taxa de bonificação** no crédito à habitação que o Governo agora anunciou, depois de 6 meses de persistência no erro e na insensibilidade face à aflição de tantos milhares de famílias, e que o PCP, como mais ninguém, reclamou desde a primeira hora, tenha **efeitos retroactivos a Abril deste ano**.

É tempo, e mais que tempo, de pôr termo a um processo furioso de **privatizações** que, aplaudido pelo PS, pelo PSD e pelo PP, não tem criado um posto de trabalho e tem feito desaparecer muitos, e se tem traduzido num vergonhoso crime e assalto contra o património público e o interesse nacional, num enriquecimento absolutamente ilícito e imoral de grupos económicos e numa via rápida para o controle por estrangeiros de sectores-chave da economia nacional.

É tempo, e mais que tempo, de o PS e o seu Governo abandonarem e desistirem dos seus projectos de **novas leis eleitorais** que seriam um grave retrocesso na democracia portuguesa, liquidariam o direito que os portugueses há 24 anos exercem de eleger directamente as Câmaras Municipais e, nas legislativas, criariam mecanismos antidemocráticos forçando a concentração de votos no PS e PSD.

É tempo, e mais que tempo, de enfrentar os graves problemas do **ensino**, de acabar com o «numerus clausus» e de aprovar as propostas do PCP para criar melhores condições aos pais para acompanharem a vida escolar dos filhos e instituir a **gratuidade dos manuais escolares na escolaridade obrigatória**.

É tempo, e mais que tempo, de pôr termo à crescente tutela e subordinação da política do Ministério da Saúde pelos grandes interesses económicos, de reorganizar, modernizar e humanizar o Serviço Nacional de Saúde, enfrentar eficazmente o escândalo das listas de espera, e reduzir os gastos do Estado e dos cidadãos com os medicamentos, nomeadamente pela generalização dos genéricos, e doa a quem doer.

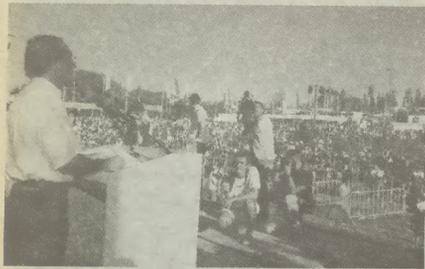
É tempo, e mais que tempo, de na sequência da aprovação da lei de Bases de Segurança Social fazer uma verdadeira reforma democrática desta área e mobilizar recursos para uma acentuada melhoria das pensões e reformas.

É tempo, e mais que tempo, de o Governo mudar uma política de **integração europeia** que não defende os interesses nacionais, arruína a agricultura e arrasta Portugal, passo a passo, para avarizar desastrosas evoluções federalistas para uma «construção europeia» em que os interesses da finança e do grande capital passam sempre à frente dos direitos sociais e que, por muitas e boas razões, precisa radicalmente de outro rumo.

Pela satisfação destas justas e inadivéis reclamações, que, estamos certos, colhem um amplo apoio na sociedade portuguesa e em muitos votantes de outros partidos, o PCP dará o melhor do seu esforço, tenacidade e capacidade de intervenção.

Mas porque sabemos que raramente alguma coisa boa chega numa bandeja, aqui deixamos talvez a mensagem política mais importante neste momento da vida nacional: a mensagem de que, hoje como amanhã, **o que mais importa e mais vai contar e decidir é a intervenção directa, a opinião e a luta (e quem sabe, o voto) de todos quantos se revejam nestes objectivos** e os considerem justos e necessários ao País.

Na chamada *rentrée* já vimos da parte da direita a reclamação da **remodelação do Governo** e até,



mais prosaicamente, a reclamação da demissão de um ministro, sendo neste caso, até um dos fundamentos que sustenta a «ameaça» de uma moção de censura descoberta durante o mês de Agosto. Reparem que estes não pedem a mudança da política com a qual nas questões mais essenciais estão de acordo. Não exigem, por exemplo, o fim dos privilégios à banca, ou a melhoria dos salários, ou o fim das privatizações das empresas básicas e estratégicas, mas a mudança dos titulares das políticas e a separação de ministérios.

O problema da segurança dos portugueses reside assim, para a direita, na figura de um ministro e os problemas da economia parece resolverem-se com a separação do Ministério da Economia e Finanças em pastas diferentes.

É o verbalismo oposicionista, com muito barulho, muitas declarações inflamadas, muitas encenações sobre questões parcelares e pontuais, para disfarçar que o que querem não é a mudança mas apenas o poder, para continuarem com outras caras, com outros protagonistas, a política de direita.

Há até um partido muito populista nas críticas ao governo que inclusive chama à tribuna do seu comício algumas das vítimas da política que defende e que não lhes diz que foi ele que viabilizou o último Orçamento e com este, as verbas para a segurança, para a saúde e o ensino, para as reformas e para os vencimentos da Administração Pública. É a demagogia a todo o vapor!

Pela voz do primeiro-ministro ficámos mais uma vez a saber que este está preocupado com a manutenção do seu Governo, que confunde com estabilidade, mas não está preocupado com a estabilidade de quem tem um trabalho precário, de quem afluere reformas de miséria, de quem há meses está numa lista de espera para uma operação cirúrgica, ou de quem foi reformado antecipadamente.

São os mesmos tíques cavaquistas que também se repetem quando há coincidência de votações das oposições (versão PS das forças de bloqueio) e a mesma prática partidária como se vê, por exemplo, nas nomeações para lugares da Administração Pública a quem tem cartão do PS.

Recorde-se que a promessa de realizar concursos para os lugares de chefia da Administração Pública foi uma das mais sublinhadas e uma das mais demagógicas na campanha eleitoral do PS em 1995!

E o que é que se passou?

1.º - A promessa só se concretizou em Lei depois dos cidadãos com cartões rosa, os famosos boys, terem ocupado os principais lugares da Administração Pública.

2.º - Como não podiam protelar mais a lei, os concursos previstos nesta passaram a ser meros expedientes, concursos com feitiço e com medida para encobrir a continuação das nomeações de facto de membros do PS, como explica o recente caso dos delegados regionais do Instituto Português da Juventude! É uma hipocrisia!

O que se tem passado e o que se passou recentemente com os delegados IPJ.

As clientelas do PS estão à frente das pessoas e do interesse geral do país.

É assim na Administração Pública e é assim nas políticas económicas.

No essencial, o Governo e direita são os responsáveis pelas consequências da política de concentração da riqueza e pelos problemas em que o País está enredado: défice monumental das contas externas, que já se situam ao nível de quando o país esteve sob a batuta do segundo programa do FMI; crescimento económico inferior ao da média europeia, o que significa que o País não se aproxima em termos reais da média europeia, antes se afasta; crescente endividamento das famílias e das empresas, quebras da produção industrial e crise na agricultura e nas pescas. Com a política de privilégios para as actividades bancárias e financeiras e para os grandes grupos económicos; e com a política de menino bem comportado na União Europeia, o País vai assistindo à fragilização e à liquidação do seu aparelho produtivo e a factos escandalosos como vimos neste mês de Agosto, ao serem entradas milhares de toneladas de citrinos algarviês quando eles faltam em tantas mesas de famílias carenciadas! Isto é inaceitável.

É esta política que vem aumentando o mal-estar, o descontentamento e a preocupação com o futuro de tantos portugueses e portuguesas e que é por isso mesmo também contestada por muitos membros do PS.



A insegurança tem causas e responsáveis

Nestes últimos tempos - e independentemente de certos empolamentos ou sensacionalismos - é uma realidade que o País tem vindo a ser confrontado com graves casos de insegurança que preocupam justamente os cidadãos.

Como temos afirmado, estas questões não se resolvem com a substituição de um ministro, por mais desadaptação ou inabilidade política, que este tenha revelado, embora, se este entrasse em férias «sabáticas», nada se perderia. Nem se resolveu com demagogia, procurando ampliar e cavalgar reais sentimentos de insegurança, como outros irresponsavelmente têm feito.

As respostas têm que ser dadas em vários planos, de forma coordenada e com seriedade.

Desde logo em relação ao caldo de cultura em que a criminalidade se desenvolve: a situação social, a acentuação das desigualdades, as injustiças gritantes, a exclusão social, os guetos urbanísticos, o trabalho clandestino e sem direitos, o insucesso escolar, a não ocupação dos tempos livres nomeadamente nas férias da população escolar...

Noutro plano, e tendo embora em atenção que os problemas da criminalidade não se resolvem apenas com polícia, é necessário que esta esteja motivada e dignificada, o que passa entre outros aspectos, pelo reconhecimento dos seus direitos civis e pela criação do Sindicato da Polícia.

Mas é necessário também que se acelere a concretização da polícia de proximidade que o PSD, com o apoio do PP, desmantelou ao criar as superesquadras e ao encerrar as esquadras de bairro. O policiamento de proximidade não pode ficar apenas pelas palavras. E não basta também o aumento de efectivos sem critérios visíveis. É necessário sobretudo racionalizar o efectivo existente. É caricato que só menos de metade dos efectivos da GNR, por exemplo, façam patrulhamento.

São milhares os profissionais, com formação policial, que desempenham funções de impedidos ou que trabalham em bares e oficinas, em actividades que pouco têm a ver com a sua formação e com horários e condições desumanas de prestação de serviço.

Sem aproveitamentos partidários, sem sensacionalismos, o PCP tem dado o seu contributo para a resposta a estes problemas, quer no plano da legislação laboral e nas medidas de política social, e de integração social como no domínio policial, quer em relação às justas reivindicações das forças de segurança, quer em relação aos «conselhos municipais de segurança», quer ainda pela proposta de uma lei de grandes opções de segurança interna e de uma lei-quadro das Forças de Segurança.

Um outro flagelo que infelizmente muitas vezes também está associado à criminalidade, sobretudo em relação à pequena criminalidade, é o da toxicod dependência.

Esta é uma questão de grande gravidade que atinge tantas e tantas famílias e exige grande seriedade na sua abordagem. O PCP nunca partidarizou este grave e complexo problema e considera inqualificável a hipocrisia e a demagogia manifestada pelo PP e pelo PSD sobre esta questão, tanto mais que estes partidos não apresentaram sequer uma medida nesta área.

O PCP não se limitou a defender a despenalização do consumo e a recuperação dos toxicod dependentes. Tem procurado apre-

sentar propostas sobre os diversos planos de combate à toxicod dependência.

De facto, em matéria de prevenção da toxicod dependência, combate ao narcotráfico e branqueamento de capitais, o PCP tem mantido uma iniciativa política à altura da gravidade do problema e das profundas preocupações dos portugueses com a situação.

A iniciativa qualificada do PCP está vinculada ao que de mais positivo se fez. Fomos pioneiros, por exemplo, na proposta da criação e alargamento da rede nacional de Centros de Atendimento e Comunidades Terapêuticas.

O alargamento da rede pública de tratamento de toxicod dependentes e a melhoria da articulação do sistema de saúde com o sistema prisional e com as novas estruturas que intervieram para convencer mais cedo jovens a tratarem-se em liberdade são direcções que nos parecem de grande urgência, assim como o aumento da oferta em relação às comunidades terapêuticas e o reforço do combate ao tráfico e ao branqueamento de capitais.

Defesa Nacional e Forças Armadas

A acção negativa do Governo atinge os mais diversos sectores e camadas sociais. O descontentamento dos militares é também real. A defesa nacional está cada vez mais estrangida pelos compromissos que o governo assumiu com a NATO e pela aceitação de um novo conceito estratégico declarando querer preparar



Um Partido de luta e de proposta

as Forças Armadas preferencialmente para missões no exterior, à revelia do texto constitucional. Aliás foi também nesta direcção que a Presidência Portuguesa da União Europeia perspectivou a construção de Forças Armadas supranacionais.

Com estes objectivos e com os compromissos que assumiu e sem meios financeiros para os executar o governo tem conduzido as FA's a uma grave crise.

Portugal é um país com grandes carências e sem grandes recursos, pelo que a racionalização e o rigor da sua aplicação deve ser uma exigência sempre presente (veja-se também o caso dos jipões para Timor).

Uma decisão que entendemos deve ser tomada e com urgência e que se justifica a todos os títulos - Portugal nunca se devia ter envolvido na guerra vergonhosa sob liderança americana que foi movida à Jugoslávia e com elevados custos para o Erário Público - é a retirada das Forças Armadas Nacionais do Kosovo e dos Balcãs. Além do mais temos responsabilidades e deveres para com Timor e com os países africanos de expressão portuguesa. É bom que o governo se lembre que não hesitou em dispor de todos os meios para apoiar a intervenção americana da NATO no Kosovo apesar de ser evidente então como hoje o é que a operação só agravaria os problemas existentes. Mas as questões das Forças Armadas não se ficam por aqui.

Há também os problemas estatutários e de índole socioprofissional e associativo que se protelam e que acentuam o mal-estar e a desmotivação dos militares.



Neste ano que nos separa desde a passada Festa do «Avante!» pudemos confirmar a justeza do nosso apelo, da nossa perspectiva e do nosso estímulo aos trabalhadores para lutarem pelos seus interesses e direitos, para confiarem neste Partido, na sua intervenção, nas suas propostas e na sua luta.

Foram milhares de pequenas e grandes lutas, muitas delas com êxito e resultados, em torno do direito ao trabalho e ao emprego com direitos, a melhores salários e horários, no combate à discriminação e à falta de cumprimento do Direito laboral.

Tantas lutas foram afluentes de vontades, de ânimos e de determinação que acabaram por confluir na grande manifestação de 23 de Março (a maior, mais participada e combativa manifestação da última década, realizada num dia normal de trabalho), convocada e organizada pela grande central sindical dos trabalhadores portugueses, a CGTP-Intersindical Nacional, ratificada na manifestação de 19 de Junho, no Porto.

Conferindo todo o mérito à CGTP, ao movimento sindical e às comissões de trabalhadores, há que sublinhar a decisiva intervenção e a iniciativa do PCP, única força política que, denunciando, combatendo e resistindo à ofensiva contra os direitos dos trabalhadores, simultaneamente concretizou propostas justas em sede legislativa; que não esperou por campanhas eleitorais para contactar e animar os trabalhadores, para dar combate ao pacote laboral, para valorizar os salários, para persistir na defesa do património de direitos sociais e laborais.

E desta tribuna queremos reafirmar a nossa vontade inquebrantável de demonstrar que somos um Partido de luta e de proposta, que damos a garantia de prosseguir os nossos objectivos de tudo fazer para que não sejam mais uma vez os trabalhadores e as trabalhadoras, nomeadamente as jovens gerações, a pagar a factura de uma política económica errada e injusta, que haveremos de prosseguir na luta dos salários, dos horários e das carreiras profissionais mais dignificadas e por melhor Segurança Social.

E, com a consciência de corresponder ao sentimento de tantos comunistas e de milhares de trabalhadores que trabalham e lutam na estrutura e na vida da CGTP-Intersindical Nacional, quero daqui, em nome do Partido Comunista Português, enviar uma solidária e combativa saudação à direcção da grande central sindical dos trabalhadores portugueses, neste ano em que comemora o seu trigésimo aniversário.

Este é de facto o Partido que interveio e animou a luta por justas propostas e reivindicações nas mais diversas esferas da vida nacional, que lutou pela qualidade e preços acessíveis dos serviços públicos e que lançou um vigoroso movimento de protesto contra o aumento dos transportes, do

gás, dos combustíveis e de outros bens e serviços, exigindo aumentos salariais para a reposição do poder de compra dos trabalhadores, nomeadamente, da Administração Pública.

Este é o Partido que avançou com iniciativas para a defesa e melhoria do Serviço Nacional de Saúde, do ensino e da segurança social e com propostas capazes de enfrentar e fazer recuar o grave flagelo da toxicod dependência.

Este é o Partido que, com a campanha «Mais justiça social, menos impostos para quem trabalha», denunciou as profundas injustiças do sistema fiscal, colocou na ordem do dia a necessidade da sua correcção e apresentou uma importante reforma de impostos sobre os rendimentos.

Este é o Partido que interveio para a concretização dos direitos das mulheres e pela «Tolerância Zero» às discriminações e às desigualdades e que na Assembleia da República e através das mulheres comunistas, que daqui saudamos, esteve sempre presente na luta pela intervenção em igualdade, pelos direitos, pela eliminação da violência sobre as mulheres e que tem dado e dá o seu apoio activo à «Marcha Mundial» das mulheres e à «Marcha Nacional» a realizar no dia 7 de Outubro, em Lisboa.

Este é o Partido que se bateu, juntamente com a JCP, pelos direitos e aspirações da juventude e da juventude estudantil e que deu uma significativa contribuição para que o Governo, confrontado com o descontentamento e o protesto de estudantes e professores, tenha recuado em relação à aplicação no próximo ano lectivo da «reforma» curricular.

Este é o Partido que esteve com os pequenos e médios agricultores nas suas diversas lutas, de que foi expressão a manifestação de 29 de Maio em Évora, e com os pequenos e médios empresários da indústria, do comércio e dos serviços, cada vez mais sujeitos às consequências negativas da política ao serviço dos grupos financeiros, e que lutou e luta pelo aumento das pensões e os direitos dos reformados e deficientes a uma vida digna.

Este é o Partido que não se resigna face a uma política de privatizações que afecta o presente e compromete o futuro do nosso país e que, coerente com esse compromisso, esteve e está com os trabalhadores da TAP, da Siderurgia Nacional, da Lisnave, das cimenteiras, da Portugal Telecom, da EDP e de outras empresas na defesa dos seus interesses nacionais.

Este é o Partido, o PCP, que colocou a necessidade de garantir que o investimento público no Barragem do Alqueva e na área de regadio não seja desviado para benefício individual de meia dúzia de grandes proprietários e multinacionais e que propõe uma nova reforma agrária para o desenvolvimento do Alentejo.

Este é o Partido do sonho e da esperança, da generosidade e da transformação social, com que os portugueses, a juventude e o País podem contar, o Partido Comunista Português!



Por uma intervenção dinâmica e exigente

Os próximos tempos são tempos de grande intervenção e exigência.

No dia 9 de Setembro, apresentaremos o nosso candidato à Presidência da República, que assegurará a presença no debate eleitoral «dos distintos valores, propostas e projecto do PCP para a sociedade portuguesa e contribua para o fortalecimento da exigência popular de uma alternativa de esquerda na política nacional».

Vamos intensificar a actividade – Partido e CDU – na batalha das eleições regionais da Madeira e dos Açores, estando ao nosso alcance o reforço eleitoral que é necessário para dar mais força a uma política de progresso e justiça social. Simultaneamente, estamos a preparar novas propostas legislativas e toda a dinâmica de intervenção para este segundo semestre. E estamos a finalizar também, os projectos de documentos para a terceira fase do nosso XVI Congresso. Tudo isto, a par de uma intensa iniciativa política. Com coerência entre palavras e actos, com fidelidade a valores e a princípios. Em que nos recusamos a ser prisioneiros de uma vida política marcada pelo espalhamento, pela superficialidade, pelo efémero, pela frase de efeito fácil. Em que a nossa escolha determinada, desde sempre, é pela intervenção e acção política, próxima dos problemas e preocupações dos cidadãos, mobilizadora das suas iniciativas e das suas lutas, agregadora das aspirações a uma nova política. Que não se resume ao discurso político dos dirigentes, mas se baseia na intensa iniciativa e actividade militante e solidária de muitas dezenas de milhares de comunistas nas fábricas, nos diversos locais de trabalho, nas escolas, nas suas zonas de residência, na Assembleia da República, no Parlamento Europeu, no Poder Local, nos sindicatos, nas colectividades e em numerosos movimentos cívicos.

Um modo de fazer política em que damos público testemunho de que a política pode não ser a actividade desacreditada de uma chamada «classe política» para servir os interesses de alguns, mas a forma nobre, generosa e necessária de todos os cidadãos participarem na construção do seu futuro colectivo.

A preparação e realização do nosso XVI Congresso nos próximos dias 8, 9 e 10 de Dezembro, em Lisboa, insere-se nesta nossa maneira de fazer política e de intervir ao serviço dos trabalhadores, do povo e do País.

Não fechámos nestes períodos preparatórios, nem vamos «fechar para balanço», vamos sim, continuar a trabalhar para que a preparação do nosso Congresso, em ligação com uma intensa actividade política voltada para a resolução dos problemas do País e dos portugueses, constitua em si mesma um importante meio de alargar a participação dos comunistas na vida e actividade do seu Partido. De avançar no estudo da realidade e das mudanças em Portugal e no Mundo, no aprofundamento dos caminhos para a construção da alternativa à esquerda que é necessária, na elaboração das propostas e da política alternativa de que o nosso país precisa para o novo século que começa.

Vamos fazê-lo assumindo a nossa identidade comunista, a nossa natureza de Partido da classe operária e de todos os trabalhadores, patriótico e internacionalista, com a sua base teórica materialista e dialéctica – o marxismo-leninismo – instrumento de análise e guia para a acção que, como sistema aberto, em ligação com a prática, se deve enriquecer e renovar com o incessante progresso do conhecimento, da experiência, da análise objectiva da história, recusando, quer a revisão oportu-

nista de conceitos, quer a estagnação e a cristalização da teoria e a dogmatização.

A reflexão e o debate que precisamos fazer têm de assentar nos nossos princípios orgânicos e de funcionamento, válidos para todos e que visam assegurar simultaneamente uma profunda democracia interna, uma única orientação geral e uma única direcção central. Implicam garantir a livre expressão das opiniões e o seu debate e assegurar a inserção dos contributos individuais no trabalho, na decisão e na acção colectivos.

Mas exigem e apelam também à activa mobilização e participação de todos os membros do Partido num debate e numa reflexão vivos e participados, sem quaisquer constrangimentos, rótulos ou crispacões, em que a opinião e a contribuição de cada um seja respeitada, em que a diferença e diversidade de opiniões expressas seja entendida como natural ponto de partida e como contributo para chegar às sínteses e às conclusões capazes de fazerem progredir o pensamento, a análise, a acção, a organização do Partido. Em que esteja claro, no pensamento de cada um e de todos, que todas as opiniões expressas no Partido merecem ser discutidas com atenção e elevação.

Em que todos tenhamos, como ponto de união e atitude para o debate a confiança, a lealdade e a fraternidade que devem imperar nas relações entre comunistas, entre todos quantos fazem parte deste grande colectivo de luta, de intervenção e de construção de tantos projectos e obras notáveis, de que a nossa Festa do «Avante!» é um valioso exemplo, em que se cruzam tantos milhares de percursos, de experiências e de contribuições individuais.

Alguns comentadores e alguma comunicação social, procurando deliberadamente converter a legítima e natural diferenciação de opiniões entre comunistas face à complexidade dos problemas desta nossa época em divisões e fracturas, logo se têm apressado em catalogar e arrumar em correntes de opinião, de modo ofensivo, redutor e simplista, dirigentes e outros quadros destacados do nosso Partido. E na generalidade deitam igualmente mão, para sustentarem as suas teses, a contraditórias versões de fontes anónimas quanto ao debate interno no nosso Partido e às reuniões da nossa Direcção. É um procedimento velho, mas inaceitável.

Este Partido, o PCP e a sua Direcção, orientam a sua acção pela defesa dos interesses nacionais, dos trabalhadores e do povo, tomando em cada momento as decisões necessárias relativamente aos problemas do País e não se deixará perturbar por tais operações.

Enganam-se os que imaginam que os comunistas portugueses aceitarão fazer o necessário debate e reflexão preparatórios do seu Congresso através da comunicação social e de falsidades ou versões distorcidas e contraditórias da sua vida interna, com o objectivo de criar inquietação no Partido, bem como divisões e fracturas.

E reafirmamos que, até às decisões do próximo

Congresso, as apreciações sobre a vida partidária, as análises, preocupações, orientações, prioridades e linha política do Partido que estão em vigor e representam a base comum de trabalho colectivo, são as que decorrem do XV Congresso, das decisões do Comité Central e, dos seus organismos executivos e não as interpretações, considerações e propostas públicas de tal ou tal militante.

Para nós a diversidade de opiniões não é considerada um mal a combater, mas um quadro natural de quem, como os comunistas, procura interpretar e

transformar o complexo mundo em que vivemos e em que o respeito e a afirmação de valores e princípios não é entendido como fechar ao que é novo. Mas este debate, que se quer com verdade e respeito pela opinião, deverá ser feito no Partido e com o Partido.

Este é o desafio que precisamos de cumprir e vencer na preparação do nosso XVI Congresso.

O reforço do PCP é do interesse dos trabalhadores, do povo e do País, e não apenas dos comunistas.

O nosso XVI Congresso é um grande momento que teremos de aproveitar e que não devemos deixar perder para aprofundar a nossa análise sobre os caminhos e os modos de fazer avançar a luta e os movimentos sociais, a iniciativa e a intervenção políticas; sobre os caminhos e os modos de reforçar o PCP à entrada do novo século, de ampliar a capacidade de atracção e mobilização do nosso projecto, dos nossos ideais e dos nossos valores, certos como estamos de que estes são portadores da modernidade, da actualidade e da capacidade de resposta às aspirações de libertação e de progresso dos que recusam como futuro da Humanidade um sistema fundado na exploração, na alienação e na opressão.

Só assim saberemos valorizar o notável e honroso património histórico do nosso Partido, edificado pelas sucessivas gerações de comunistas portugueses que lhe deram o melhor das suas vidas e souberam em cada época encontrar novas respostas e caminhos adequados ao desenvolvimento da sua intervenção, sendo agora imperativo que as actuais gerações de comunistas saibam, audaciosamente e com confiança, encontrar também o caminho e as respostas para os complexos desafios sociais, políticos e ideológicos da época e do mundo em que vivemos.

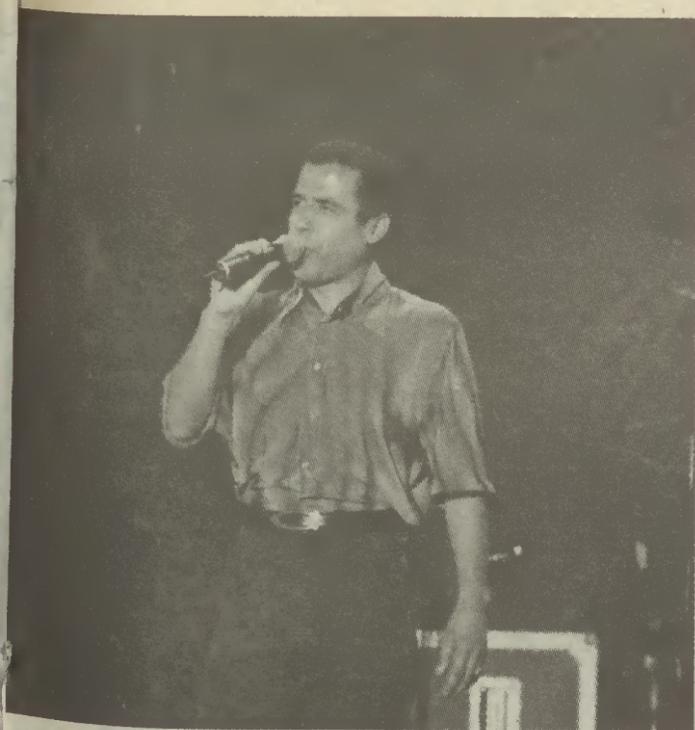
Só assim seremos capazes de não só honrar o património histórico do nosso Partido como proceder ao seu rejuvenescimento e renovação fazendo-o crescer e tornando-o cada vez mais influente. Um Partido que os trabalhadores, o povo e o Portugal do século XXI precisam. Um Partido que é comunista e que quer continuar a ser comunista! O Partido Comunista Português.

Viva a JCP!

Viva o Partido Comunista Português!

Viva Portugal!





Cheb Mami



Dixiegang, Laurent Filipe e Paula Oliveira

A merecida homenagem a «Satchmo»

Não podia começar de melhor maneira, a última Festa do «Avante!» do milénio: com a evocação do centenário do nascimento de Louis Armstrong, um dos maiores vultos da música afro-americana. E foi com grande sensibilidade que Laurent Filipe concebeu o espectáculo especial que, com essa intenção, lhe fora encomendado. Procurando representar e acompanhar as várias épocas da carreira de Armstrong, o talentoso trompetista português andou bem em convocar, primeiro, para uma marcha pelas ruas da Festa, os Dixie Gang, um grupo raro entre nós, amante e amador (no verdadeiro sentido da palavra) do jazz dos primeiros tempos da sua história – e que, no palco, recordou algumas peças do repertório dos famosos Hot Five e Hot Seven de «Satchmo».

Depois, a (assim chamada) Orquestra Louis Armstrong, sob a competente direcção de Klaus Nymark, teve a oportunidade de demonstrar coesão e brilhantismo instrumental em arranjos de boa cepa, que também nos recordaram a importante fase das big bands de Armstrong.

Finalmente, duas das mais destacadas vozes do jazz cantado português – Paula Oliveira e Maria Viana – devolveram-nos, a contento, alguns standards que Armstrong e Ella Fitzgerald gravaram em conjunto ou outras peças-chave do repertório clássico do mestre, desta vez com Laurent Filipe a citar no seu ágil e virtuosístico trompete solos históricos de Armstrong ou a contribuir com o seu descontraído canto para a atmosfera de entretenimento e festa que o concerto sempre representou. Uma atmosfera que seria, de resto, logo retomada por um convidado especial vindo de Nova Orleães para a Festa – o trompetista norte-americano Kermit Ruffins com o seu grupo «The Barbecue Swingers» – que, numa sequência de temas bem conhecidos, ali tão bem souberam reviver o jazz dos primeiros tempos. Assim, com este espectáculo-duplo, mais uma vez se cumpria a já consagrada tradição das sextas-feiras da Festa.

● F.C.



Kermit Ruffins e «The Barbecue Swingers»

música popular. Enfim, um grupo allamente coeso a servir verdadeiros standards como já são Corda Bamba, Pois é, Conta-me Histórias mas também Sopra do Coração, Doença do Bem ou esse novo H2Omem. Exemplar!

A presença do argelino Cheb Mami à frente de um fortíssimo grupo instrumental viria a confirmar serem inteiramente fundadas algumas das expectativas maiores para os espectáculos da noite de sábado. Optando por um inteligente alinhamento musical que, alternando tem-

pos e modos, evidenciou as melhores qualidades da voz que o público descobriu em gravações ao lado de Sting, o exilado cantor argelino alternou na sua música elementos do funk, do rock ou do raggae, numa simbiose de estilos a que certos elementos da instrumentação conferiram, do mesmo passo, uma identidade cultural indestrutível.

E a amena noite de sábado chegaria ao fim com um concerto naturalmente esperado com elevado interesse ou não estivessem em palco – sob a feliz sigla Músicas de Sol e

Lua – algumas das grandes vozes que, sucessivamente, nas últimas décadas, vêm marcando de forma decisiva muita da música portuguesa de maior qualidade: Sérgio Godinho, Janita Salomé, Vitorino, Filipa Pais, para além das virtuosísticas flautas de Rão Kyao.

Foi assim que a veterania e o talento destes vultos musicais nos devolveram, numa sequência hábil e em arranjos com novos contornos instrumentais e vocais, êxitos firmados nos vários géneros da música portuguesa, como

Os Ciganos, Senhora do Almurtão, Fado Triste, Barca dos Amantes, Queda do Império, Menina Florentina ou a recordação dessa constante presença que é a memória de Zeca Afonso, em Cantigas do Maio ou Coro da Primavera.

Um feliz e redondo aniversário

Presença habitual na Festa e grupo emblemático no tratamento renovador da melhor música popular portuguesa

Palco 25 de Abril

de raiz rural continua a ser a **Brigada Victor Jara**, um nome a todos os títulos prestigiado desde a sua criação em Coimbra nos idos de 74/75.

Comemorando os seus 25 anos de perseverante existência caracterizada pela constante qualidade das várias formações que conheceu ao longo dos anos, a **Brigada** soube mais uma vez construir um espectáculo de grande rigor e brilhantismo que, quase sem se dar por isso, preencheu toda a tarde de domingo antes do comício.

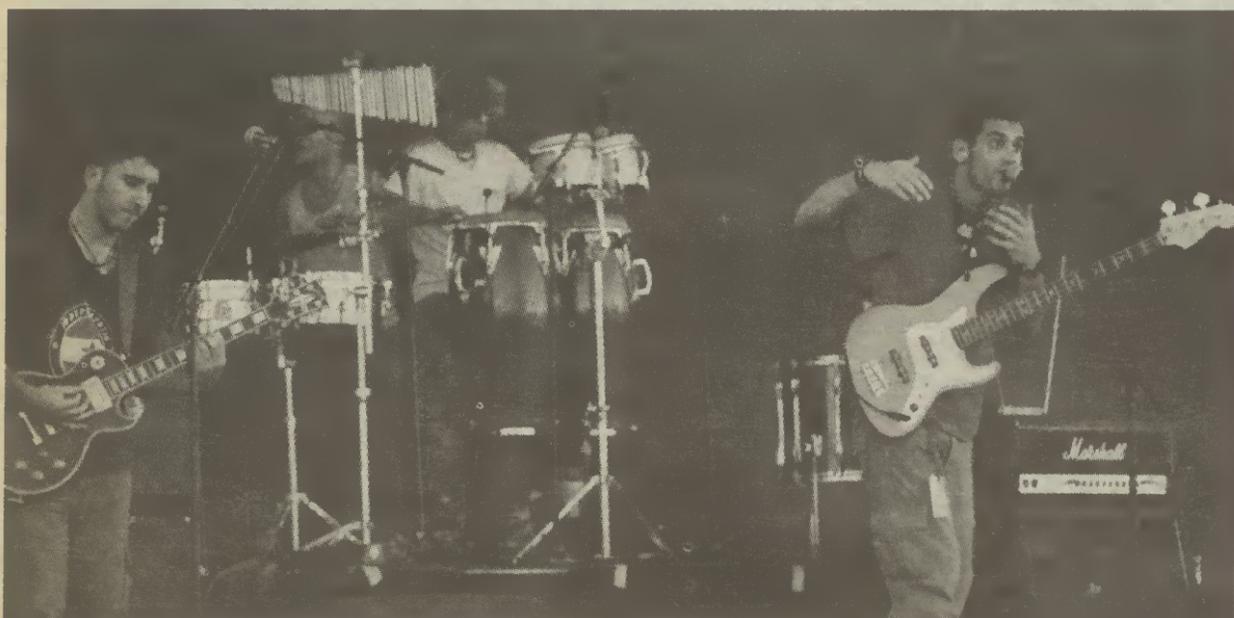
Com convidados de peso, desde a presença de um histórico como **Manuel Freire**, ao **Grupo Milidh** que da Galiza nos trouxe as suas gaitas de foles, passando pelas danças e cantares populares do **GEFAC**, **Grupo de**

Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra e por um sexteto de metais dirigido por **Tomás Pimentel**, cujos arranjos deram cores novas a alguns clássicos do grupo – a **Brigada** fez percorrer todo um repertório que ilustrou sobremaneira uma carreira feita de êxitos. *Tareio, Cana Verde, Rema, Senhor Mio e Ofícios, Cantiga do Bombo, São João Baptista, Marião, Chote, Carvalhesa* – sem esquecer a picante integração da realidade política nacional em clássicos como *Pézinho* e *Velhas* – foram os momentos maiores de um espectáculo que ainda foi dominado pelas afinadas vozes de **Aurélio Malva, Minela** e **Catarina**.

Mas novos bons momentos estariam reservados para depois do comício com a



Clã

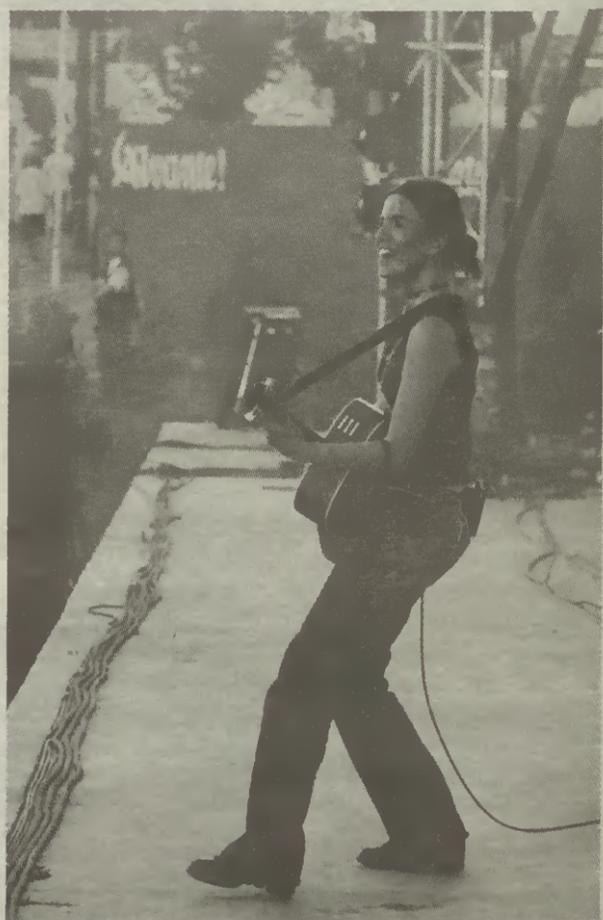


Eskorzo



Tito Paris

Vitorino e Septeto Habanero



Lúcia Moniz

actuação de outro surpreendente quanto insólito grupo espanhol – os **Eskorzo** – nascido há quatro anos em Granada e que, no Palco 25 de Abril, fez evoluir (com destaque para a voz poderosa de **Tony Moreno**) um repertório original temperado pelas colagens das muito diversificadas influências do *flamenco*, do *ska*, da *salsa* e do *raggae*, que insidiosamente se intrometeram nos cambiantes de *Pinta la Pared*, *Batucada*, *Tango*, *Bob Marley* e *Triana*.

Caía já a noite na Quinta da Atalaia e a impecável organização de palco e bastidores, bem como o excelente som que envolvia a multidão presente, cumpriam com pontualidade, bom ritmo e segura qualidade a sequência dos espectáculos, agora na sua recta final com as músicas de África e da América Latina.

No primeiro caso, todo o mundo dançou ao som de um cada vez mais internacional **Tito Paris** e da sua excelente banda, no saboroso linguajar crioulo de canções como *Maman Bia*, *Coragem Irnon*,

Pretinha, *Febre de Funana* ou *Dança Ma Mi Criola*, numa saudável mescla de sangues e de culturas, projectadas também para as movimentações dos corpos que mornas, coladeras ou funanáns faziam despontar no seio do público.

No segundo caso, foi a tranquilidade e veteranias – mas também o permanente fascínio que desperta em todo o mundo a música afro-cubana – que marcaram o belo e em alguns pontos comovente espectáculo de **Vitorino** com o **Septeto Habanero**, em versões bem castiças de um repertório tradicional que incluiu, entre outros, *La Última Noche*, *Tres Palabras*, *Desde el Día en que te Vi* ou *Un Poquito de tu Amor* – clássicos imortais de todo um povo que, como podia ler-se no programa da Festa, «*deu ao mundo alguma da melhor música que hoje preenche o nosso universo sonoro*».

E foi assim que, por entre o estrelajar do fogo de artifício, mais uma vez todos nos despedimos «até para o ano!», para a primeira festa do novo milénio.

Avanteatro 2000

● Carlos Nabais

Um programa de excepção

O Avanteatro deste ano prometia aos visitantes espectáculos de grande qualidade, num espaço renovado com melhores condições para público e actores. O esforço feito foi grande e o resultado positivo foi por todos reconhecido.

A estreia, no sábado, do espectáculo de homenagem a José Gomes Ferreira despertava natural interesse e expectativa. E este foi sem dúvida o grande acontecimento cultural naquele espaço. Mais de uma hora antes do início, já o público se concentrava no «foyer», onde estavam patentes duas exposições, uma assinalando o centenário do nascimento do poeta homenageado, outra dedicada ao actor Mário Pereira, falecido em 1996.

Por fim, com algum atraso (compreensível já que enquanto esperávamos percebemos que lá dentro estavam a ser feitos os últimos ajustes), as portas abriram-se. O cenário, simples, evocava um café, talvez o Chiado, onde se reuniam as tertúlias que o poeta frequentava.

Com encenação de Joaquim Benite e de Vítor Gonçalves, o espectáculo foi construído a partir de textos seleccionados por Colaço Barreiros, que foram magnificamente interpretados pelo actor Canto e Castro, em diálogo com a violoncelista Aida Silva, que executou peças de Bach, Lópes-Graça e Paul Hindemith.

Na assistência mais de 600 pessoas esgotavam cadeiras e escadas, explodindo no final com uma chuva de aplausos a todos quantos trabalharam para que este espectáculo fosse possível. Resta esperar que novas representações sejam em breve anunciadas.

O fenomenal carteiro

Emocionante foi igualmente a representação de sexta-feira do «Carteiro de Pablo Neruda», trazida à Festa pela Companhia de Teatro de Almada. O espectáculo, um dos maiores êxitos da Companhia, foi prejudicado pelo som de palcos mais

próximos e pela ausência de microfones de voz, falta que foi corrigida nos dias seguintes, atenuando o problema insonorização. Os actores foram obrigados a um esforço acrescido para se fazerem ouvir e o público a uma concentração suplementar para seguir a peça. Mas poucos foram os que arredaram pé e

textos sobre os zapatistas, comunicados do subcomandante Marcos e descrições do contacto que tiveram com as populações numa recente deslocação ao México.

Africanos em Portugal

A programação encerrou no domingo à noite com o «Museu do Pau Preto» - primeira peça de teatro escrita, produzida e representada em Portugal, por africanos e afrodescendentes, residentes no nosso país.



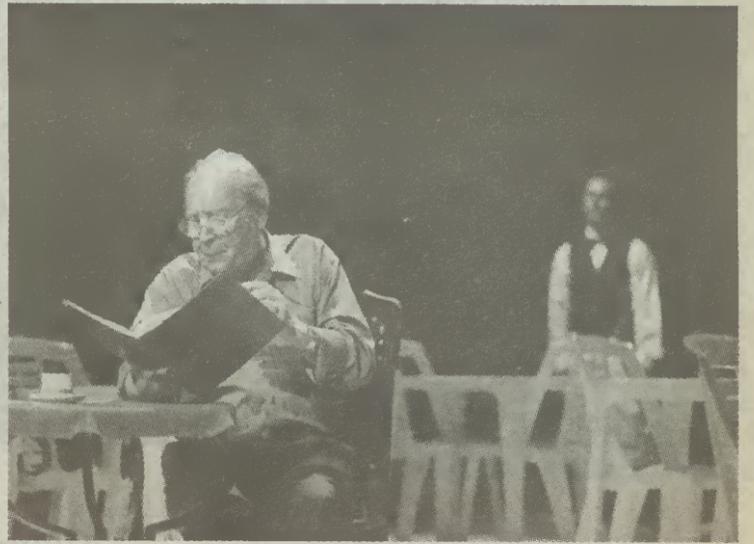
O Carteiro de Pablo Neruda - a emoção da amizade em tempo de luta

no final os actores foram chamados quatro vezes ao palco a agradecer os intermináveis aplausos que fizeram brotar lágrimas de emoção em ambos os lados. Foi a maior enchente de público dos três dias.

Na tarde de sábado, a surpresa chamou-se SubUrbe, que trouxe um original espectáculo sobre a luta dos Zapatistas no Estado de Chiapas. Sob a forma de relato jornalístico, três actores - Tiago Rodrigues, Cláudia Gaiolas e Dinarte Branco - falaram da causa daquele movimento indígena que sobrevive há seis anos refugiado na selva. Com humor e grande capacidade de comunicação, muito ao género do talk show americano, estes três jovens recorreram à peça de Beckett «À Espera de Godot», na qual enxertaram

O grupo de teatro «Pau Preto/Regresso das Caravelas» recorda a presença africana em Portugal desde 1443 e conta a história de um imigrante recém-chegado em busca de trabalho. Pelo meio são feitas alusões à instabilidade política no continente africano, ao racismo e à exploração de que os imigrantes são alvos preferenciais. Sonhos e desilusões que têm como local de acção as arcadas do D. Maria II, no Rossio, local onde há séculos os africanos se reúnem em Lisboa.

Com duas representações no domingo, o Teatro ao Largo apresentou «O Homem Que Plantava Árvores», um espectáculo muito do agrado dos mais novos que não faltaram à chamada.



José Gomes Ferreira - a estreia do Avanteatro na Festa com o actor Canto e Castro



Museu do Pau Preto - o despontar da dramaturgia africana em Portugal

Um grupo de saltimbancos transformam uma carroça num palco e contam a história verdadeira de um

pastor francês que plantou sozinho uma floresta numa região desertificada no Sul de França. Com muita música

e dança, nesta comédia no estilo de «teatro de feira» não faltou sequer um velho «teatro miniatura» inglês.



O Homem que Plantava Árvores - uma metáfora ecológica

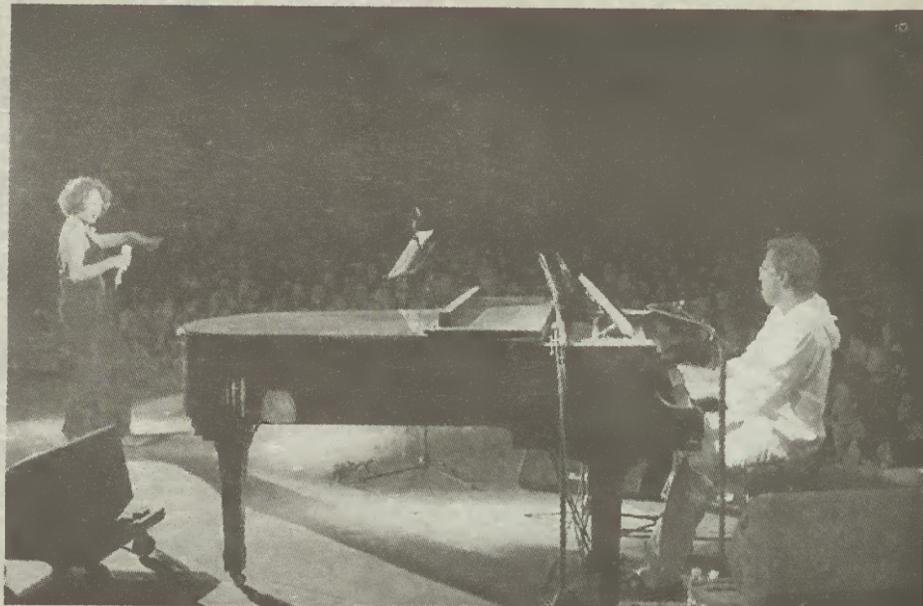


Zapatistas AM/PM - A resistência de um povo que reclama «tudo para todos e nada para nós». Um espectáculo que surpreendeu o público que até teve direito a massarocas





Orquestra Filarmonia das Beiras, na Homenagem a Bach



Maria João e Mário Laginha

Auditório 1.º de Maio

● Isabel Araújo Branco

O génio surge da diversidade

Do jazz à música clássica, passando pelo experimentalismo e os ritmos africanos, o Auditório 1.º de Maio foi palco de vários espectáculos de sucesso.

Normalmente, cada peça jornalística começa com o acontecimento principal. Mas, esta regra básica do jornalismo nem sempre é fácil cumprir. É o caso desta reportagem sobre os espectáculos do Auditório 1.º de Maio, cada um melhor do que o outro, sem que, no fim, se consiga saber quem ganha.

Dadas as circunstâncias, há que arranjar outro critério. Sigamos então o do estilo musical. E, já agora, por que não começar pela **Homenagem a Johann Sebastian Bach**, protagonizada pela **Orquestra Filarmonia das Beiras**?

A conclusão mais imediata é que Bach está vivo, 250 anos depois da sua morte. Se o corpo não está presente, o seu génio e a sua arte encheram completamente o auditório da noite de sexta-feira. A música deste compositor barroco mostrou que era intemporal e universal, atraindo centenas de pessoas, que, embevecidas, acompanharam do princípio ao fim a actuação da Filarmonia das Beiras.

As luzes do palco acendem-se suavemente. Trinta e um músicos surgem, com os seus trajos sobriamente a branco e preto. A seus pés, delicados instrumentos: violinos, flautas, violoncelos... A expectativa

aumenta. Quase com ternura, os instrumentos são levantados e colocados em posição. E faz-se... música.

Ouve-se o «Concerto para Violino e Oboé» e a «Suite n.º 1 em Dó Maior». No fim de cada sonata, as palmas eclodem e só depois de muitos agradecimentos dos artistas é que cessam. Intervalo. Que pena! Ah, é curto, é só para preparar o palco para o segundo andamento. Ninguém se mexe.

É a vez da «Sinfonia n.º 2 opus 1 em Dó Maior», do filho mais novo do compositor, Johann Christian Bach, e o «Concerto para Cravo e Orquestra de Cordas», do português Carlos Seixas. O sucesso repete-se, provando que a música clássica tem sempre lugar na Festa do *Avante!*.

Jazz em Setembro

Um dos momentos altos da programação do auditório foi sem dúvida e actuação de **Maria João e Mário Laginha**, naquele que foi o primeiro espectáculo da digressão portuguesa de «Chorinho Feliz», disco encomendado pela Comissão dos Descobrimentos Portugueses para assinalar a descoberta do Brasil.

Descalça, com duas flores a enfeitar o pescoço e um longo vestido vermelho, Maria João, de olhos nos olhos com o público, mostrou toda a garra e o talento que a tornaram uma das artistas mais aclamadas internacionalmente.

Laginha brilhou nos solos. Os seus dedos tornavam-se plásticos, percorrendo freneti-

camente as teclas do piano. Surge então a voz de Maria João e o ritmo acalma, voltando logo de seguida em crescendo. O público delira com a mestria dos cinco músicos em palco.

Maria João dança sozinha a um canto, como se fosse a primeira vez que ouvisse aquela música. Troca olhares com Laginha e os dois começam a brincar um com o outro, apesar de distarem dois metros. A cumplicidade entre os dois está patente em todo o espectáculo e será mesmo a base do seu sucesso. Ele de branco, ela de vermelho. Ele plácido, ela exuberante. Ele discreto, ela deslumbrante...

A modéstia e a simplicidade está presente em tudo, mesmo a agradecer os muitos aplausos. A comunicação com

o público é uma constante, seja a explicar que a música seguinte foi uma prenda de Laginha para Maria João no último Natal, seja para dizer que todas as músicas são da autoria do pianista. «Mas eu compus todas as letras...», diz a cantora, com um ar divertido de quem quer participar num jogo com o público.

A linguagem corporal é tão importante como a verbal e musical, com Maria João sempre a dançar e a enfeitar o auditório com a sua voz e o seu sorriso. Na verdade, ela até fica bem a cantar com pronúncia brasileira. Já para não falar dos dialectos africanos...

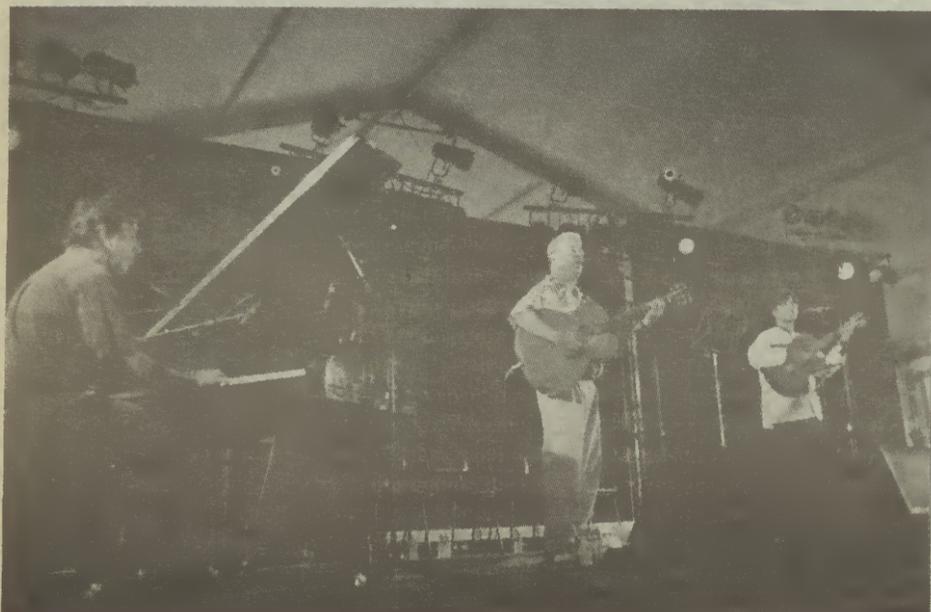
Para explicar a animação dos espectadores, basta dizer que os três *encores* não os satisfizeram. Queriam-nos a noite toda...



Djamanka



Telectu com Paul Rutherford e Ikue Mori



Steve Jones, Jon Fromer e Francisco Herrera



Francisco Ceia e a Orquestra do Íntimo Toque



Filipe Mukenga



Teca Calazans



Mafalda Arnauth

Noite de Fado

A noite de domingo foi dedicada ao fado. O primeiro espectáculo surpreendeu pela originalidade, alegria e divertimento. Contando com quatro músicos e sete cantores, o «**Julgamento do Chico do Cachéné**» foi um verdadeiro sucesso com o público a responder ao apelo de participar com comentários e «bocas» para o juiz, os advogados e as testemunhas.

Depois de ouvidas todas as partes – sempre em fados na autoria de Linhares Barbosa –, o «Chico», acusado de viver à custa da «Micas», foi absolvido. Sentença justa ou injusta? Como em tudo o que é popular, cada um tem a sua opinião.

Foi José Manuel Osório, o responsável pela reconstituição deste «auto poético-fadista» de 1945, quem apresentou o fadista seguinte. **Constantino Menino**, autor popular da margem sul do Tejo, cantou dois fados da sua autoria, numa actuação que provocou alguns protestos pela sua curta duração. «Se o fado é o poeta do país, o país é o poeta do povo», disse no fim.

Mafalda Arnauth apresentou-se uns minutos antes da hora marcada, respondendo aos apelos do público. Acompanhada por um contrabaixo, uma viola e uma guitarra de Coimbra, a fadista encontrou um auditório vibrante e participativo e fez jus à fama de cantora (ou cantadeira) talentosa e modesta que a precede.

Folk americano

No ano passado, o cantor norte-americano **Jon Fromer** foi um sucesso na Festa. E a Festa foi de tal maneira um sucesso para ele que este ano voltou para mais espectáculos e trouxe consigo quatro músicos: o pianista **Steve Jones**, o hispano-americano **Francisco Herrera** e o duo de **Susan Lewis** e **Janet Stecher**, as **Rebel Voices**.

Completamente encantados com a Festa, o ambiente e os visitantes, os músicos norte-americanos apresentaram um espectáculo no Auditório 1.º de Maio repleto de canções de protesto, focando temas tão actuais na Europa como nos EUA: o racismo, a imigração ilegal, os sem-abrigo, a fome, a injustiça e o abuso de poder e as lutas dos trabalhadores.

Os construtores da Festa foram também homenageados com uma canção sobre todos

os que erguem o mundo. «We do the work, this is our land», dizia o refrão.

«O contrário da liberdade não é a prisão, é a fome, a falta de educação, a injustiça», disse Francisco Herrera em castelhano. Este músico sentiu-se de tal forma envolvido pela Festa que, no domingo, assistiu a todo o comício na plateia, de cravo vermelho na mão, aplaudindo, gritando as palavras de ordem e mostrando o seu punho bem levantado.

O espectáculo terminou com a «Internacional», canção mítica que emocionou tanto os espectadores como os artistas. As lágrimas iam caindo, num sinal de comunhão de ideais e sentimentos.

Mais música

A Festa foi feita também de outras músicas. Os rit-

mos africanos ficaram a cabo de **Djamanka e Filipe Mukenga**. O primeiro trouxe muito boa disposição, numa actuação em que os músicos se divertiram tanto como o público. Djamanka chegou-se mesmo a descer do palco para dançar com os seus fans. Mukenga, apesar do atraso, não conseguiu deixar ninguém indiferente ao som da sua música.

De referir ainda o grande espectáculo da brasileira **Teca Calazans**, a música experimental dos **Telectu** – que se apresentaram este ano com o inglês **Paul Rutherford** e a japonesa **Ikue Mori** – e a actuação de **Francisco Ceia**, acompanhado pela **Orquestra do Íntimo Toque**, com temas baseados na poesia de José Régio.



O Julgamento do Chico do Cachéné

Palco Arraial

• João Chasqueira

Ao encontro da cultura popular

O Palco Arraial voltou a ser um espaço de animação e festa para milhares de pessoas. E foi-o não apenas para aquele que é já o seu público fiel, apreciador de música com uma matriz genuinamente popular. Quem, de modo ocasional, por lá passou, não resistiu a parar e a responder ao apelo de sonoridades convidando ao canto e à dança. Sobretudo os jovens, que, em largo número, nunca deixaram de marcar presença ao longo das 30 horas em que o palco esteve a funcionar durante a Festa.

Mas este ano a programação do palco assumiu um figurino inovador. A tradicional actuação de ranchos folclóricos oriundos das mais variadas regiões, na rica diversidade dos seus trajes e cantos, associaram-se outras expressões musicais e artísticas vindas de outras paragens além-fronteiras.

E o Palco Arraial ganhou, como propunha e era firme intenção dos organizadores, a dimensão de «Ponto de Encontro da(s) Cultura(s) Popular(es) mais Genuína(s)». Transformou-se acima de tudo num espaço multicultural e interétnico a

confirmar que a música tem na sua essência elementos que lhe conferem um carácter universal, para a qual as pessoas confluem, capaz de superar barreiras.

Foi assim com as actuações dos grupos corais, bandas filarmónicas e ranchos folclóricos, provenientes de Trás-os-Montes ao Alentejo, na sua grande maioria presentes na Festa pela primeira vez.

Mas foi-o igualmente com a actuação do grupo **Barabari**, que trouxe à Festa do «Avante!» a música e a dança das terras da Andaluzia. Foram momentos que prenderam o interesse de uma entusiástica assistência, rendida ao encanto do bailado sevilhano interpretado por quatro bailarinos acompanhados de outros tantos músicos.

Como ponto alto foi também aquele que reuniu em palco os grupos cabo-verdianos «**Batuko Rais de Cau Verde**» e «**Batuta Franca-Funaná**», constituídos, respectivamente, por oito mulheres e três homens. Também aqui foi a oportunidade para descobrir ou melhor conhecer o canto e os ritmos

da música popular da pátria de Amílcar Cabral, justamente invocado numa das composições trazidas à Atalaia por estes dois grupos criados no seio do Sporting Clube da Reboleira.

Na diversidade de géneros musicais mas também na qualidade dos seus intérpretes reside, pois, a explicação para a permanente afluência de um público vasto e heterogéneo, que se entregou à festa, ocupando toda a área envolvente do palco, em ambiente de alegria, mesmo nos períodos do dia em que o Sol se mostrou mais impiedoso.

Uma atmosfera que se repetiu em todos os espectáculos, por onde passaram mais de duas dezenas de grupos, num total de cerca de 700 elementos. A justificar plenamente, como sublinhou em declarações ao «Avante!» o camarada **Victor Sarmiento**, responsável pela equipa que assegurou o funcionamento do Palco Arraial, que em próximas edições esta «experiência seja desenvolvida e aperfeiçoada» em ordem a que «outras expressões venham enriquecer a pluralidade de culturas presentes no Palco Arraial».



Cidade Internacional

• Lígia Calapez

Mãos unidas pela paz e a amizade

Mãos unidas «Pela paz e a amizade entre os povos» como que dão as boas vindas aos visitantes do espaço internacional.

Este ano organizado em socos, o espaço articula os pavilhões dos diferentes partidos e forças comunistas e progressistas presentes na Festa. De permeio com esplanadas, cheiros de petiscos, artesanato vário, dos grandes *sombros* do Peru, às esculturas africanas, aos coloridos camisolões bolivianos.

No deambular pelos arruamentos e escadinhas da cidade, surge a troca de impressões em conversa encetada ao balcão, ou em torno do folheto informativo. Allende é lembrado no pavilhão chileno. No pavilhão do Brasil, o PT con-

voca para uma feijoada e lembra outras faces dos 500 anos da chegada dos portugueses além-mar. África brilha pela beleza do seu artesanato. De entre múltiplos painéis pintados, afirma-se a denúncia do racismo como «a lei da selva». A invocação de necessárias solidariedades surge um pouco por toda a parte. Encontros e reencontros entre amigos são pretexto desnecessário para a *caipirinha* ou a *Cuba livre*.

O Espaço da paz e da solidariedade abre-se em ampla zona de convívio. Inscritos em paredes sempre provisórias,

princípios como o respeito de todas as vidas, a rejeição da violência, a necessidade de ouvir para compreender, de preservar o planeta, a reinvenção da solidariedade. No balcão, o abaixo-assinado contra as armas nucleares. Convite a cada um para tomar posição num problema que a todos diz respeito.

Pólo de animação da cidade, o Palco da Solidariedade. Espaço onde se vão intercalando os momentos de solidariedade com a animação musical e cultural, da música folk americana ao tango argentino, passando pelos Gaiteiros da Galiza e os cantares de Timor Leste.

Em breves pinceladas – foi assim a Festa, no espaço internacional.



Pela abolição das armas nucleares

«Às 8.15 da manhã de 6 de Agosto de 1945 tudo mudou, para Hiroshima e para o mundo.» Um breve excerto introdutório da exposição política pela *Abolição das Armas Nucleares* na cidade internacional, que hoje, cinquenta e cinco anos depois, se reveste de renovada actualidade.

Sessenta mil milhões de dólares é o montante destinado ao relançamento do projecto da *guerra das estrelas*. Um facto significativo, que testemunha do prosseguimento da política armamentista, então como hoje liderada pelos Estados Unidos, como é claramente denunciado na exposição.

Desdobrando-se em três

módulos bem documentados, com texto e fotografia, a exposição recorda as dimensões do crime cometido em Hiroshima e Nagasaki, refere o actual processo de militarização, com o novo conceito estratégico da Nato, a militarização da União Europeia e o projecto da «Guerra das Estrelas», para concluir lem-

brando as propostas do PCP pela abolição das armas nucleares, o desarmamento, a paz e amizade entre os povos.

À saída da exposição, a Petição mundial *Um compromisso novo para um novo século*, foi assinada por muitos dos visitantes.

Uma experiência positiva. A repetir.



Para que a Humanidade não esqueça

■ Um segundo após a explosão da bomba de Nagasaki o calor por si libertado era de 300 000°C. Passados 2 segundos a superfície da bola de fogo com 280 metros atingia uma temperatura de 5000°C.

■ 350 000 seres humanos foram directamente afectados pela bomba de Hiroshima.

■ A bomba de Hiroshima matou 140 000 pessoas até Dezembro de 1945. Dois desta data foram muitas mais as vítimas dos seus efeitos.

■ Cerca de 69 920 edifícios foram destruídos pela bomba de Hiroshima (92% dos edifícios da cidade). A cerca de 5 Km do hipocentro a destruição de edifícios foi na ordem dos 60%.

■ A área num raio de 13 Km ficou transformada num vasto campo de ruínas.

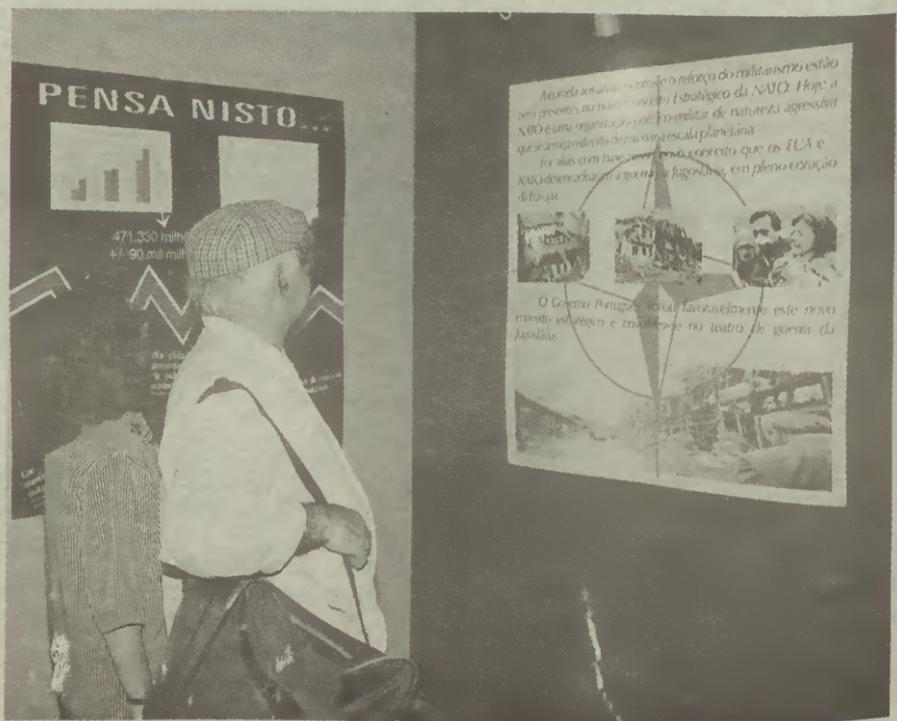
■ A 2Km do hipocentro as roupas que estavam estendidas e outros materiais como grades de madeira tiveram combustão espontânea.

■ Numa área de 1,2 Km todas as pessoas que não se encontravam dentro de edifícios morreram queimadas.

■ Em Nagasaki, 280 000 seres humanos foram expostos aos raios de calor, rajadas de vento mais forte que um tufão e radiações.

■ A bomba de Nagasaki provocou a morte a 80 000 seres humanos até ao final do ano de 1945.

■ Ainda hoje doenças resultantes da exposição às radiações continuam a afectar a vida dos sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki.





Solidariedade sempre presente

A solidariedade com o povo de Timor inaugurou os debates organizados este ano, uma vez mais, no espaço internacional.

Foi na tarde de sábado, ao som dos acordes de uma canção de solidariedade com Timor, vezes sem conta repetida quando por todo o nosso país se exigiu, dia a dia, o respeito pelos resultados do referendo e o fim do massacre.

Iriam depois seguir-se os momentos de solidariedade com os povos colombiano, cubano e saharauí, este último inesperadamente alvo de uma acção provocatória por parte da embaixada de Marrocos.

Em Dili, capital de Timor, «não ficou pedra sobre pedra», lembrou o deputado comunista Rodeia Machado,

em palavras de breve introdução que precederam a intervenção do representante da Fretilin, Manuel Coelho. Palavras para sublinhar ainda que «é hora de arregaçar as mangas», pois a ajuda é essencial para um desenvolvimento que nada tem a ver com propostas do FMI, no sentido de vender arroz a Timor em vez de apoiar a sua produção própria.

Reconstrução e reconciliação são as tarefas – nada fáceis – que hoje se colocam ao povo timorense, disse Manuel Coelho, que sublinhou que a Fretilin – cuja luta é reconhecida e acompanhada pela população em massa –, aposta na participação de todos os partidos e diferentes etnias.

Entretanto ainda não é visível o início da reconstrução. Uma necessidade essencial a exigir a solidariedade de todos.

A situação que hoje se vive na Colômbia merece particular referência. Um conflito que se arrasta, com milhares de mortos em cada ano e que agora regista um brutal agravamento como o «Plano Colômbia», que representa, de facto, uma intervenção directa dos EUA, a pretexto da luta contra a droga. Soba a designação de ajuda ao governo colombiano, inclui o fornecimento de 60 helicópteros e a formação de uma «Força de Intervenção Conjunta do Sul» de 13 mil homens.

Na verdade, o que está em causa, como frisou Juan

Antonio Rojas, representante das Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (FARC) á a política intervencionista dos Estados Unidos, quer no plano económico, pela apropriação das riquezas naturais, quer no plano político, pela imposição da sua própria política, quer ainda no plano militar, treinando e armando forças militares destinadas a reprimir a luta dos povos.

Numa luta que se desenvolve há 35 anos, as FARC estão entretanto dispostas a resistir, quer no plano político, quer psicológico, quer militar.

Os mais de 40 anos de luta para defender a revolução, foram lembrados por Gustavo Cordova Flandor, represen-

tante do Partido Comunista de Cuba, que sublinhou que, hoje como ontem, a aposta é no aprofundamento da «unidade revolucionária do povo e no desenvolvimento da solidariedade dos povos com a revolução cubana», que este ano terá uma expressão concreta, em Novembro, com a realização de um Congresso Mundial de Solidariedade com Cuba.

Gustavo Flandor considerou que o afrouxamento do bloqueio norte-americano «é uma ficção» que, na prática, se traduz em medidas dirigidas a reduzir a pressão do movimento pelo fim do bloqueio.

O paralelismo entre a luta do povo saharauí e o povo de Timor Leste foi um dos

factos destacados por Ahmed Salama, representante da Frente Polisário, que lembrou na sua intervenção alguns momentos da histórica luta dos saharauís pela independência, contra a ocupação de Marrocos desde 1975, por um referendo que vem sendo insistentemente protelado e, na prática, negado.

A presença provocatória de alguns elementos da embaixada marroquina no momento de solidariedade acabou por ilustrar, ao vivo, a falta de vontade política do governo marroquino de permitir a livre expressão da vontade do povo saharauí.

Ahmed Salama frisou, entretanto, que só há dois caminhos possíveis – o referendo ou a guerra.

Delegações estrangeiras presentes na Festa

Alemanha – Partido Comunista Alemão, Partido do Socialismo Democrático; Angola – MPLA; Argentina – Partido Comunista da Argentina; Bélgica – Partido Comunista da Bélgica; Bolívia – Partido Comunista da Bolívia; Brasil – Partido dos Trabalhadores; Partido Comunista do Brasil; Cabo Verde – PAICV; Chile – Partido Comunista do Chile; China – Partido Comunista da China; Colômbia – FARC-EP; Coreia – Partido do Trabalho da RPD da Coreia; Cuba – Partido Comunista de Cuba; Dinamarca – Partido Comunista da Dinamarca; Espanha – Partido Comunista de Espanha, Esquerda Unida, Partido Comunista da Catalunha, Bloco Nacionalista Galego; França – Partido Comunista Francês, L'Humanité; Grécia – Partido Comunista da Grécia; Hungria – Partido dos Trabalhadores da Hungria; Índia – Partido Comunista da Índia (Marxista); Iraque – Partido Comunista Iraquiano; Itália – Partido da Refundação Comunista; Japão – Partido Comunista Japonês; Laos – Partido Popular Revolucionário do Laos; Marrocos – Partido da Vanguarda Democrática Socialista, Partido do Progresso e do Socialismo; Moçam-

bique – Partido FRELIMO; Palestina – Organização de Libertação da Palestina; Peru – Partido Comunista Peruano; República Checa – Partido Comunista da Boémia e Morávia; Sahara Ocidental – Frente Polisário; Sudão – Partido Comunista do Sudão; Suíça – Partido do Trabalho Suíço; Timor Leste – FRETILIN; Vietnam – Partido Comunista do Vietnam.

Enviaram saudações à Festa

Da Áustria, o Partido Comunista da Austrália e o Partido Comunista Austríaco; da Bulgária, o Partido Socialista da Bulgária; do Camboja, o Partido do Povo do Camboja; da Federação Russa, o Partido Comunista da Federação Russa; da França, o Movimento dos Cidadãos; da Grã-Bretanha, o Partido Comunista Britânico; do Líbano, o Partido Comunista Libanês; da Jugoslávia, o Partido Socialista da Sérvia; da Síria, o Partido Baas Árabe da Síria; do Uruguai, o Partido Comunista do Uruguai.



Na manhã de domingo teve lugar uma vez mais um encontro com as delegações estrangeiras na Festa, que contou com a presença e intervenção do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalho, acompanhado de José Casanova, director do «Avante!», Manuela Bernardino, da Secção Internacional, e Virgílio Azevedo, do Secretariado do CC

Mulheres

• Margarida Folque

Discriminações persistem

A distribuição de folhetos apelando à participação na **Marcha Nacional de Mulheres contra a Pobreza e a Exclusão Social, no dia 7 de Outubro, indiciava a proximidade do Pavilhão da Mulher.**

Um pouco à frente, um pavilhão em forma de M mostrava uma esplanada com um bar que é conhecido pelos seus bolos caseiros e pelo

café, que alguém dizia ser o melhor café da Festa. Ao lado, uma banca vendia materiais e livros sobre a vida de mulheres e, atrás,

como é habitual, lá se encontrava a «Boutique Ocasião», com roupa em segunda mão que, no sábado de manhã, já havia rendido mais de 120 contos.

Na exposição política à volta do Pavilhão, as comunistas considerando que «Os direitos são para cumprir», chamavam a atenção para a «Tolerância Zero às discriminações e às desigualdades», exigiam «uma política de esquerda» e apontavam algumas iniciativas políticas do PCP — «que propõe e cumpre» — para o fim das discriminações e a participação da mulher em igualdade.

Sensibilizar

Na noite de sábado, no espaço de «O Militante», Luísa Araújo falou sobre as lutas das mulheres. Começando por lembrar que, entre os jovens trabalhadores, as raparigas são as mais discriminadas, a dirigente comunista colocou a interrogação sobre se nas acções do Ensino Secundário pela Educação Sexual as raparigas serão as mais sensibilizadas. Admite, contudo, que a campanha do Referendo, as discussões sobre educação sexual e os alertas para a gravidez precoce possam tê-las levado a uma maior sensibilização.



Referindo-se depois ao movimento feminino, Luísa Araújo recordou que, na década de 80, vários sectores de opinião consideravam desnecessária a existência de organizações femininas. A verdade, porém, é que a realidade mostrou não ser essa a vontade das mulheres, tendo surgido nesta última década diversas novas organizações, algumas delas de bastante importância, como a REMA, a Associação de Mulheres para o Desporto, a Associação de Mulheres Vítimas de Violência e a Associação de

Mulheres Agricultoras e Rurais. É que as discriminações aumentam com as políticas neoliberais, em Portugal como noutros países, como, por exemplo, a Suíça, onde a segurança social para o período da maternidade não está assegurada, e metade das mulheres do sector privado não estarem cobertas pela legislação federal que assegura a remuneração durante as actuais oito semanas de parto. São também essas políticas que as organizações femininas podem ajudar a combater.



Viver a idade

«Vem gozar inteira a tua idade» era o apelo inscrito na entrada do **Espaço Criança**. Lá dentro, as crianças seguindo o apelo, espalhavam-se por baloiços e escorregas, jogavam à bola, saltavam à corda ou, simplesmente, implicavam umas com as outras. Um verdadeiro paraíso para as crianças, muitas das quais se recusavam a obedecer aos pais que pretendiam dar com elas um passeio pela Festa.

As pinturas de cara foram também uma grande atracção neste pavilhão, cuja decoração era completada com globos terrestres, aviões e papagaios pendurados do tecto.

No interior, um grande painel - «Culturas diferentes, direitos iguais» - explicava, em linguagem muito simples, que seja qual for o país onde as crianças tenham nascido, o direito à saúde, à educação, à habitação, à alimentação e a brincar são iguais para todos. Independentemente da raça e da cor.

Noutra parede, um bonito livro pregado na parede mas que as crianças podiam folhear informava de forma ilustrada e mais exhaustiva os direitos inalienáveis das crianças.

Uma pausa no trabalho

O Pavilhão dos **Reformados** apresentava-se com grande simplicidade, que a idade não dá azo a «grandes flores». Mas deixava ver que nas mulheres e homens que hoje se encontram nesta situação persiste o sonho e a vontade de transformar o mundo.

Um sonho e uma vontade que a indignação e a revolta alimentam, pois sentem na carne a injustiça de, após uma vida inteira de trabalho, não merecerem dos sucessivos governos senão reformas de miséria que os impede viverem com condições mínimas de dignidade. Esta revolta era visível nas fotografias de manifestações que decoravam o pavilhão e, ao mesmo tempo, mostravam que o facto de ser-se reformado não significa abdicar da luta e do direito a exigir.

Numa pequena banca, jornais e materiais de propaganda alertavam para as condições de vida dos reformados e, ao lado, algumas mesas serviam para encetar conversa ou paragem para descansar e recobrar forças para uma nova «voltinha» pela Festa.

O direito à dignidade

Um Pavilhão novo surgiu este ano na Festa, o da **Imigração**. De paredes cobertas de belos desenhos, nele se via conviver fraternalmente, sem estigmas de «raça, cor, nacionalidade ou origem étnica», inúmeros visitantes da Atalaia. Uns, certamente para provar a «Kachupa» - de óptimo aspecto - e os pastéis de milho que ali se servia; a maioria, porém, para se solidarizar com a situação da comunidade imigrante, sujeita em Portugal a condições de exploração inaceitáveis e a uma política que os marginaliza e lhes fere a dignidade.

Também neste Pavilhão, uma exposição política denunciava as condições de vida dos imigrantes no nosso país e apresentava as suas principais reivindicações que passam, afinal, «por uma nova e mais justa política de imigração».

Os imigrantes «não estão a mais, nem tiram o emprego a ninguém», podia-se ler-se num placard, e é «irresponsável e criminoso, culpabilizar as comunidades imigrantes e minorias étnicas pela criminalidade e insegurança urbanas» que, afinal, não têm raça e se sustentam «da pobreza, da marginalidade e das profundas desigualdades sociais».

Defeito ou diferença?

Presente na Festa, encontrava-se também o pavilhão dos **Deficientes**, uma das camadas mais discriminadas da população. A sua exposição política expressava isso mesmo e apresentava as reivindicações por ela mais sentidas. Muitos dos que lá se encontravam via-se

que eram «habitúes» da Festa e comentavam a política de insensibilidade do Governo para com a deficiência e a falta de oportunidades que a sociedade lhes oferece. Segundo eles, desde há um ano, ou seja, desde a última Festa do «Avante!», nenhuma medida haviam sido tomadas pelo Governo no sentido de melhorar a situação dos deficientes. Por isso, apesar das dificuldades próprias, eles participam, sempre que podem, nas manifestações de protesto contra esta política ou com elas se solidarizam.

Uma carrinha situada ao lado do pavilhão, apoiava-os nas deslocações de entrada e saída da festa até aos respectivos transportes.

Ir com vontade de voltar

De ano para ano é cada vez maior o número de emigrantes comunistas que passam pelo Pavilhão da **Emigração**. Para alguns é mesmo o seu «ponto de encontro». Af matam saudades, põem em dia os últimos acontecimentos dos respectivos países de acolhimento e trocam impressões sobre a situação das comunidades portuguesas, chegando até a decidir iniciativas para o novo ano político.

Como habitualmente, uma exposição política, ao longo das paredes, referia o papel da organização da emigração do PCP junto das comunidades portuguesas, denunciava a política do Governo no que a elas diz respeito, divulgava as iniciativas dos comunistas quer na Assembleia da República quer no Parlamento Europeu e apresentava as principais reivindicações dos que, não encontrando trabalho no seu país, tiveram de emigrar e procurar sustento noutras terras.

A animar o Pavilhão, havia uma exposição de belíssimas fotografias da autoria de Zaida Alves Calvário, uma jovem de 24 anos, estudante de comunicação social (Foto Design) na Universidade de Dortmund, Alemanha, onde reside.

Uma banca e um bar completavam o Pavilhão da Emigração que este ano, para além da salsicha alemã, tinha à venda um excelente champanhe francês.



Uma festa de livros!

Pelo menos uma vez por ano há um lugar e um momento em que o livro é uma verdadeira festa. Esse momento dura três dias em Setembro e o lugar é na Festa do «Avante!». Muitos são - nem todos - os que sabem que o livro não é um objecto morto encerrando palavras, mas sim o suporte delas, sempre pronto a abrir-se e a deixá-las reviver. E que o convívio com os livros não se faz apenas no remanso das bibliotecas ou na barafunda das feiras. E que o encontro dos escritores com os leitores não é apenas um cerimonial engravatado, mas um vivo diálogo. Uma festa, portanto.



Carlos Costa fala do seu livro, apresentado por José Casanova

O espaço do livro foi assim um vasto lugar de festa. Muitos milhares o visitaram, num constante caudal de gente que corria as largas bancas repletas de novidades e de obras menos novas e nem por isso menos interessantes. Apesar do calor, os visitantes continuaram, durante os três dias, a demorar-se na estalagem, no folhear de um livro, no convívio e na conversa que a literatura - seja ela política ou de arte - sempre proporciona. E as filas junto à mesa onde numerosos escritores sentaram a autografar as suas obras eram sempre longas nos momentos em que lá fomos. A meio da tarde de sábado, por exemplo, Ana Magalhães, José Saramago e Alice Vieira não tinham mãos a medir.

No Caminho para a Liberdade

Mas foi na apresentação de livros que o diálogo terá sido mais interessante e vivo. A primeira delas foi a do livro da autoria de Lino de Carvalho, introduzida por Vítor Dias e que não deixou de dar lugar a uma troca de ideias e de memórias entre o autor e os que assistiram. Intitulado *1969 Um Marco no Caminho da Liberdade*, que recorda um importante momento da luta antifascista,

em torno das «eleições» para deputados à então chamada Assembleia Nacional.

Lino de Carvalho lembrou, a dado momento do debate que se travou com a assistência, o papel da então CEUD, formação em que os socialistas aglutinaram as forças que propunham um entendimento com os sectores liberais do regime fascista, sublinhando que não foram as correntes próximas das teses comunistas, unidas na CDE, que estiveram na base da ruptura que então se deu entre os sectores democráticos.

Segundo Vítor Dias, que apresentou e prefaciou o livro, este ensaio de Lino de Carvalho dá «testemunho directo, fundamentado e impressivo de uma orientação e intervenção claramente opostas às ilusões e expectativas benévolas que sectores da oposição democrática então alimentaram sobre o empenho do regime na sua auto-regeneração, mas que ao mesmo tempo estivessem audaciosamente voltadas para dar um novo impulso à mobilização social e política contra a ditadura».

Diálogo entre duas artes

«Não é possível fazer um quadro sobre o *Até Amanhã, Camaradas*», explica-



Vítor Dias apresenta o livro de Lino de Carvalho

va mais tarde o pintor Rogério Ribeiro, autor das 47 ilustrações para aquele romance de Manuel Tiago - aliás Álvaro Cunhal. Desta vez tratou-se de dois diálogos - o que o pintor travou, numa verdadeira «aventura», com o texto do romance, e o que as intervenções de Rogério Ribeiro e de Manuel Gusmão, que prefaciou esta publicação das *edições avante!* - que suscitaram intervenções interessadas da assistência.

Manuel Gusmão insistiria na questão do diálogo entre duas artes, que se não traduz numa «subordinação». Um diálogo que terá durado um ano antes que das mãos de Rogério Ribeiro surgissem as imagens que, apesar de se chamarem ilustrações são mais do que isso. Como disse Manuel Gusmão em expressão feliz, por vezes, a pintura «ilumina a escrita». E é o que faz a pintura deste artista.



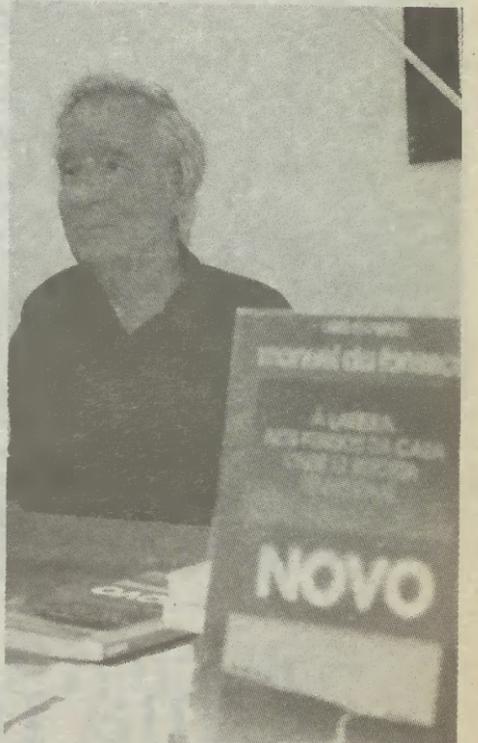
Milhares de autógrafos

Repescamos uma frase do prefácio: «Num período de intensa participação revolucionária, o pintor encontra-se com o livro que é, de certa maneira, a narração de uma pré-história da revolução. Então o pintor encontra-se, iluminando o livro.»

História do PCP

Um momento alto deste convívio entre livros, autores e leitores, aconteceu no sábado também, ao fim da tarde, com a apresentação do livro de Carlos Costa, publicado pelas *edições avante!* na sua colecção *Cadernos de História do PCP*. Trata-se de um *Relatório sobre o Algarve*, escrito em 1952 por Carlos Costa, que o assinara no original com a abreviatura Vg., do seu pseudónimo - *Viegas*.

José Casanova, que apre-



Urbano Tavares Rodrigues recorda Manuel da Fonseca

sentou este livro e abriu assim um diálogo onde passou o entusiasmo revolucionário

que ainda hoje a tantos anima, afirmou trata-se de um relatório «magnífico e exemplar».

«Magnífico pelo resultado que é de um esforço notável de aquisição de conhecimentos sobre uma dada realidade, de procura de elementos sobre essa realidade, de reflexão sobre os elementos

Pérolas preciosas

«Pérolas preciosas que Manuel da Fonseca não deu um passo para publicar», assim se referiu Zeferino Coelho, da *Editorial Caminho*, que lançou este livro na colecção da obra completa do escritor. Um livro póstumo, de textos que, tendo surgido embora em páginas de jornais, não poderiam ser lidos

hoje - e relidos - sem a iniciativa que hoje os reúne e publica. Uma oportunidade para voltar ao convívio do contador de histórias fabuloso que foi Manuel da Fonseca, que por vezes nem sequer se alinhava no papel mas tinha a bondade de as contar aos amigos, numa roda de conversa. Feliz este título que encima estas histórias - *À Lareira, nos Fundos da Casa Onde o Retorta Tem o Café*.

Urbano Tavares Rodrigues, que apresentou a colectânea e recordou a saudosa companhia do autor, diz dela que «é como colcha bordada pacientemente com figurinhas provincianas vindas da memória do Alentejo profundo, dos clubes e das sociedades recreativas, dos largos pasmados, dos vastos campos onde os chaparros sinalizam a beleza de cada hora, desde o arrebol à calma do crepúsculo».



Manuel Gusmão apresenta o livro de Rogério Ribeiro



13.ª Corrida da Festa

• Carlos Nabais

Uma prova popular

A popularidade e prestígio da Corrida da Festa do «Avante!» ficaram mais um vez demonstrados no passado domingo, quando cerca de um milhar de atletas se reuniram na partida da Medeira para um percurso de 14 quilómetros cumpridos num ambiente de alegria, convívio e festa.

Armando Aldegallega foi o atleta que a organização decidiu homenagear atribuindo-lhe o dorsal número um e encarregando-o de dar o tiro de partida, o que não o impediu de completar a prova e, até, vencer no seu escalão de veteranos V.

O atleta do Sporting, para além de um palmarés desportivo a todos os títulos invejável, tem sido um apoiante incondicional da Corrida da Festa desde a sua primeira edição, identificando-se com os ideais e princípios que lhe estão subjacentes — o desporto para todos, o convívio saudável de homens e mulheres independentemente da origem social, crenças religiosas ou convicções políticas.

O cariz aberto, democrático e popular desta prova, ainda expresso na gratuitidade das inscrições, faz com se juntem atletas de todos os escalões etários, vindos de vários pontos do país, com diversificados níveis e objetivos desportivos.

A semelhança do ano passado, a chegada de 917 atletas realizou-se dentro do

recinto da Festa, constituindo mais um grande espetáculo que entusiasma centenas de visitantes concentrados ao longo do funil da meta.

Vencedores absolutos

Luís Feiteira e Luzia Dias, ambos do Sporting Clube de Portugal, foram os vencedores absolutos em masculinos e femininos. Numa breve declaração ao «Avante!», mostraram-se satisfeitos com a organização da prova e com o percurso agradável pela Baía do Seixal.

Luís Feiteira, que se dedica à disciplina de 1500 metros, já tinha participado na entrega de prémios em edições anteriores, mas desta vez veio para correr: «entrei na prova com apenas com o objetivo de treinar e nunca pensei vir aqui dar o máximo (até porque tenho competições importantes na minha disciplina), mas aos cinco, sete quilómetros vi que a concorrência já estava mais ou menos batida e apro-

veitei e vim até ao final».

Luzia Dias veio pela primeira vez a esta Corrida. Gostou da organização e do «passeio»: «Quero dar os parabéns à organização, porque a prova é muito bem organizada, o passeio foi muito bonito. Já tinha corrido nesta terra mas nunca na Festa. Venho de férias e só treinei quatro dias. Por isso vim sobretudo para participar, embora quisesse fazer o meu melhor, respeitando as adversárias. Depois tive quase a certeza que ia ser a vencedora e a partir daí foi controlar a corrida. Ganhei e estou contente», disse esta atleta que não esconde o seu gosto particular pelas provas de estrada.

Entre outros atletas de renome, como Alfredo Brás, do Maratona Clube de Portugal, Carlos Alves, do Boavista do Pico, ou Pedro Pessoa da União Recreativa do Dafundo, este ano não faltaram ainda os vencedores absolutos da edição anterior, Alberto Chainça e Anabela Pereira. Esta última referiu ao «Avante!» o seu gosto em participar: «Sempre que posso venho. É uma das primeiras provas de início de época e serve de um teste à condição em que nos encontramos depois das férias.»

Até para o ano!

No final, dezenas de individualidades ligadas ao desporto e eleitos autárquicos, bem como centenas de atletas e familiares assistiram à cerimónia de entrega dos prémios. Entre eles, estavam Jorge Gouveia Monteiro, vereador da CM, que saudou os participantes em nome do PCP, Augusto Flor, do Executivo da festa do «Avante!», o presidente da CM do Seixal, Alfredo Monteiro, a vereadora do desporto da CM de Lisboa, Rita Magrinho, a presidente da Junta de Freguesia da Amora, Odete Gonçalves, o presidente da Federação de Atletismo, Fernando Mota, o presidente da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, Alfredo Flores, António Vilela, assessor da CML e técnico da Federação Portuguesa de Atletismo, Melo de Carvalho, inspetor-geral de educação, Fernando Fernandes, director do Anuário da Corrida, e Fernando Tavares, técnico da CM do Seixal.



Agradecimentos foram dirigidos às câmaras do Seixal, Almada e Lisboa, Bombeiros Voluntários do Seixal, Amora Futebol Clube, PSP, e GNR, bem como a centenas de outras entidades públicas e privadas que apoiaram a Corrida.

Novo encontro ficou marcado para o ano, prometendo os organizadores corrigir esta e outras eventuais falhas que no entanto não puseram em causa o êxito por todos reconhecido da iniciativa.

organização teve naturais dificuldades em elaborar a classificação final já que muitos participantes cortaram a meta sem o respectivo número.

Novo encontro ficou marcado para o ano, prometendo os organizadores corrigir esta e outras eventuais falhas que no entanto não puseram em causa o êxito por todos reconhecido da iniciativa.



Luís Feiteira conseguiu vencer apesar de normalmente correr os 1500 metros

Os melhores por escalão

Veteranos femininos

- 1.º Anabela Pereira - Marítimo Futebol Clube
- 2.º Anabela Valério - Os Plumas
- 3.º Maria Pereira - Alto do Moinho

Juniões femininas

- 1.º Neuza Leal - Unidos do Povo
- 2.º Lídia Clemente - Unidos do Povo

Seniores Femininos

- 1.º Luzia Dias - Sporting Clube Portugal
- 2.º Vanda Ribeiro - Boavista
- 3.º Maria Lucas - individual

Juniões

- 1.º Fernando Reis - GD Ferroviários Barreiro
- 2.º Hércules Baptista - SC Reboleira
- 3.º Pedro Moraes - Pais e Filhos

Seniores

- 1.º Luís Feiteira - Sporting Clube Portugal
- 2.º Alfredo Brás - Maratona Clube Portugal
- 3.º Carlos Alves - Boavista do Pico

Veteranos I

- 1.º Amílcar Duarte - Sporting Clube Portugal
- 2.º Jorge Reis - União Rec. Dafundo
- 3.º Felix Paulos - União Rec. Dafundo

Veteranos II

- 1.º Silvestre Barros - União Rec. Dafundo
- 2.º Manuel Francelim - GD do Cavadas
- 3.º José Fernandes - S. Vicente da Beira

Veteranos III

- 1.º José Conceição - Taradinhos da Corrida
- 2.º José Matos - GD Ferroviários Barreiro
- 3.º Manuel Carrudo - Mem Martins S. Clube

Veteranos IV

- 1.º Carlos Silva - União Rec. Dafundo
- 2.º João Elias - Bairro Alentejano
- 3.º José Nunes - Amigos Atl. Moita

Veteranos V

- 1.º Armando Aldegallega
- 2.º José Silvério - Mem Martins S. Clube
- 3.º Fernando Ferreira - Mem Martins S. Clube

As quinze primeiras equipas

- 1.º União Rec. Dafundo (49 pontos)
- 2.º Boavista do Pico (77)
- 3.º Alvítejo (292 pontos)
- 4.º G.D. Reboleira (305)
- 5.º G.D. Ponte Rolense (329)
- 6.º Alto do Moinho (341)
- 7.º Estrela Negra (343)
- 8.º S. Vicente da Beira (408)
- 9.º Bairro Alentejano (423)
- 10.º F. E. P. Mundial Unificação (479)
- 11.º S.C. Reboleira (491)
- 12.º Os Reis (501)
- 13.º Macedo Oculista (597)
- 14.º C.R. Cruz de Pau (669)
- 15.º O Independente (684)



Xadrez

• António Laranjeira

Simultânea com campeões

Com cada vez mais praticantes sobretudo jovens, o espaço do Xadrez contou com uma invulgar actividade este ano reforçada por alguns iniciantes inéditos, a que não faltaram inúmeros visitantes que experimentaram pela primeira vez a magia do tabuleiro.

corajosos Ana Baptista e Rafael Teixeira, respectivamente bicampeã e vice-campeão nacional de Sub-10 com apenas 10 anos de idade, auxiliados por Fábio Rebelo que é um pouco mais velho e também ele muito talentoso e já com vários títulos no

extenso currículo desportivo na modalidade.

Cada um dos jovens talentos teve de enfrentar em simultâneo cinco adversários todos eles bem mais velhos. Inicialmente nervosos, medindo com os olhos o tamanho dos jogadores quase todos adultos, onde se contavam federados e estrangeiros, os pequenos craques acabaram por alcançar um excelente resultado: Ana Baptista venceu dois jogos e empatou três, enquanto que o Rafael venceu quatro e empatou um. Fábio Rebelo perdeu um e venceu quatro.

No final, as impressões dos jovens não podiam ser melhores. Rafael Teixeira comentou que «jogar uma simultânea foi muito giro. O problema era que quando fazia um lance num jogo e eu ia para o seguinte, tinha de me lembrar do outro jogo». A jovem Ana Baptista também experimentou as mesmas dificuldades: «não me esqueci das posições, embora seja difícil jogar várias partidas ao mesmo tempo», mas acrescentou que «gostava de dar mais simultâneas». Ambos foram da opinião de que aquele momento foi inesquecível, já que é raro crianças da sua idade defrontarem tantos adultos. «Embora alguns adversários fossem difíceis, correu muito bem», afirmaram estes jovens dotados de uma memória fabulosa para tantos jogos e peças!

extenso currículo desportivo na modalidade.

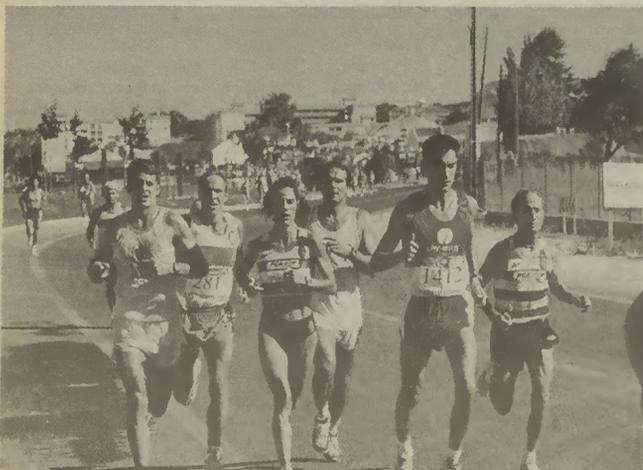
Cada um dos jovens talentos teve de enfrentar em simultâneo cinco adversários todos eles bem mais velhos. Inicialmente nervosos, medindo com os olhos o tamanho dos jogadores quase todos adultos, onde se contavam federados e estrangeiros, os pequenos craques acabaram por alcançar um excelente resultado: Ana Baptista venceu dois jogos e empatou três, enquanto que o Rafael venceu quatro e empatou um. Fábio Rebelo perdeu um e venceu quatro.

No final, as impressões dos jovens não podiam ser melhores. Rafael Teixeira comentou que «jogar uma simultânea foi muito giro. O problema era que quando fazia um lance num jogo e eu ia para o seguinte, tinha de me lembrar do outro jogo». A jovem Ana Baptista também experimentou as mesmas dificuldades: «não me esqueci das posições, embora seja difícil jogar várias partidas ao mesmo tempo», mas acrescentou que «gostava de dar mais simultâneas». Ambos foram da opinião de que aquele momento foi inesquecível, já que é raro crianças da sua idade defrontarem tantos adultos. «Embora alguns adversários fossem difíceis, correu muito bem», afirmaram estes jovens dotados de uma memória fabulosa para tantos jogos e peças!

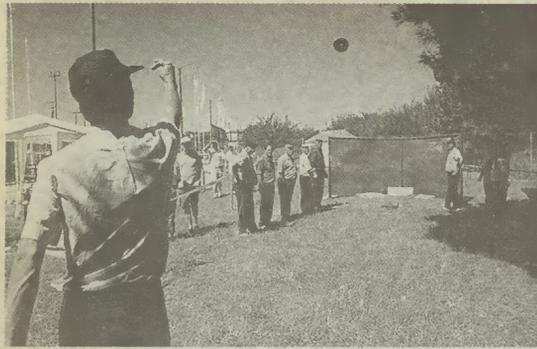
A classificação dez melhores ficou assim ordenada: 1.º Rui Marques - Mestres de S. João, (4,5 pontos); 2.º Vítor Miguel - SFR



Ana Baptista e Rafael Teixeira (de pé nas fotos) surpreenderam adversários muito mais velhos



Luzia Dias foi a primeira mulher (ao centro na foto onde se vê igualmente Armando Aldegallega)



Três dias de desporto

Convívio de modalidades

Cerca de duas dezenas de modalidades, centenas de praticantes, passaram durante três dias pelos espaços do desporto da Festa. O público não faltou para assistir e experimentar.

A noite de sexta-feira começou no polidesportivo com **Andebol**, defrontando-se duas equipas de seniores femininos do Grupo Desportivo da Quinta da Princesa, que terminou com a vitória da formação A com 17 golos contra 7 da equipa B.

Seguiram-se os juniores masculinos do Independente Torrense que foram batido pelo Alto do Moimho por 9-21. A jornada foi concluída

com boa disposição e desportivismo entrando no ringue duas equipas de veteranos - Atlético Clube de Portugal a Selecção de Lisboa, que terminou com um resultado de 15-5 com vantagem para a primeira.

No sábado multiplicaram-se as actividades e todos os espaços estavam cheios com praticantes e visitantes. O **Hóquei de Sala** esteve representado pelas



Os veteranos do andebol deram espectáculo na noite de sexta-feira. No sábado, o destaque foi para o Sarau, onde a actuação dos «Flinstones» foi uma das mais divertidas (foto da direita). O Mah-jong voltou à Festa intrigando muitos visitantes

• Carlos Nabais



Descobrir a Pétanca

A Pétanca não é das modalidades mais divulgadas no nosso país, mas já conta com cerca de uma dezena de milhar de praticantes (masculinos e femininos) e um nível competitivo interessante.

A prová-lo está o 9.º lugar alcançado no último campeonato do mundo, bem como o facto de o próximo mundial (o 36.º) se realizar em S. Brás de Alportel, de 4 a 8 de Outubro próximo.

De resto é no Algarve que existe a maior concentração de clubes de Pétanca, jogo que se popularizou em França, sendo depois transportado para o norte de África onde ganhou as populações locais. Pensa-se que terá sido no contacto entre pescadores algarvios e magrebinos que a modalidade foi inicialmente trazida para Portugal, mas a sua implantação em várias regiões deveu-se principalmente à influência de portugueses emigrados em França.

Este foi o segundo ano consecutivo em que a Pétanca esteve representada na Festa, com equipas do Clube de Campismo de Lisboa, da Baixa da Banheira e de Grândola. Não se tratou de nenhuma competição oficial mas - como disse ao «Avante!», Carlos Filipe, responsável pela modalidade no CCL -, de «mais uma iniciativa para divulgar a Pétanca e conquistar novos praticantes».

O jogo, como explicou à nossa reportagem este dirigente

associativo, pode efectuar-se em qualquer espaço mais ou menos plano e o objectivo é lançar as bolas de metal (entre 600-800 gramas de

peso) para o mais próximo possível de uma pequena esfera de madeira (*bouchon*) colocada entre seis e 10 metros da base de lançamento, um círculo com 50 centímetros previamente desenhado no solo.

Os jogadores podem tentar colocar a bola ainda mais perto do *bouchon*, arrastar este consigo, ou acertar nas da equipa adversária afastando-as dos pontos. Os jogos terminam quando uma das equipas completa 13 pontos.

As equipas são normalmente formadas por um apontador e um atirador, (cabendo a este último as jogadas de projecção e ao primeiro as de colocação). No entanto, os jogos podem realizar-se mano a mano, dois a dois (com três bolas para cada equipa), ou três a três, neste caso apenas com duas bolas para cada, de modo a que o número de esferas não seja superior a doze no total.

No torneio realizado na Festa, no 1.º lugar classificaram-se Berto e Mariano Paixão (Associação Reencontro de Emigrantes de Grândola); em 2.º Manuel Pepe e Fernando Pego (Associação de Reformados da Baixa da Banheira); 3.º Mário Castro e Vasco Ferreira (CCL) e, em 4.º Raul e Canoia (CCL).

equipas de infantis/iniciados mistos da CR Cruz de Pau que venceu por 3-3 o Clube Futebol Benfica.

Depois disputaram-se três jogos de **Futebol de Cinco**, em iniciados masculinos: Marvila Jovem/GD Miratejo - (resultado 10-1); seniores femininos: Palmeiras LC/GD Miratejo (resultado 4-1); seniores masculinos: CF Os Torpedos/Amora FC (resultado 3-4).

No **Futebol de Salão**, defrontaram-se as equipas de seniores masculinos do GDR Águias Unidas/Chinquilho Lavradiense.

O programa culminaria com a noite de **sarau gímnico** com a participação de 13 atletas da Academia Muzanza de Capocira; 25 ginastas dos Trampolins do Seixal e 20 do Clube Recreativo da Alagoa. Particularmente divertido e imaginativo foi a actuação dos 38 «Flinstones» do GDR de Vale Figueira, um espectáculo de ginástica com uma encenação a lembrar a indumentária da famosa série de animação.

Actuaram ainda 15 jovens da Dança Jazz do Fanqueiro e no final 12 participantes do Jogo do Pau de Brejos de Faria. A noite terminou com cinco pares de dança desportiva da União Setubalense.

Para todos os gostos

Ali ao lado, o segundo dia da Festa não foi menos agitado. Com torneios de Xadrez (ver página anterior), de Damas, Tiro com chumbo, Malha grande, pequena e corrida, demonstrações de

Mah-jong, para além da Escala, Slide, Preguiça e Falsa Baiana - desportos radicais que tiveram muitos adeptos e visitantes prontos a experimentar novas sensações.

No torneio de **Damas** participaram 30 concorrentes, ficando nos primeiros dez lugares os seguintes: 1.º José Pereira; 2.º Artur Gomes; 3.º António Russo; 4.º Arlindo Roda; 5.º Tavares Correia; 6.º Daniel Machado; 7.º José Pinho; 8.º António Rosa; 9.º Vítor Nêdio; e em 10.º Idalino Lopes.

No Tiro com chumbo realizaram-se torneios nas especialidades de Carabina e Pistola. A **Carabina** juntou mais adeptos, tendo corrido um total de 62 atiradores. Em masculinos, a classificação dos primeiros dez foi a seguinte: 1.º António Mendonça; 2.º Filipe Galvão; 3.º Manuel Duarte, todos dos Unidos da Recosta. Seguiram-se Carlos Caldeira, (CF Eborense); José Galvão (Unidos da Recosta); Francisco Serrano (CF Eborense); José Maruta (Unidos da Recosta); Manuel Vital (CF Eborense); Sebastião Barbosa (Estrelas do Feijó) e João Rebelo (Sp. Brejão e Benfica).

Os Unidos da Recosta que venceram por equipas, tiveram ainda três atiradoras a ocupar os três primeiros lugares na classificação de femininos: Filipa Galvão; Isabel Duarte e Francisca Maruta.

O bom desempenho dos atletas do Clube de Futebol Eborense permitiu-lhe alcançar o segundo lugar por equipas, sendo segunda no



terceiro posto pela Juventude Desportiva Cidade Sol.

No torneio de Pistola, Carlos Pereira, Paulo Parreira e Manuel Duarte, todos do Grupo Desportivo da PSP, conquistaram as três primei-

ras posições. Em femininos, a única participante foi Susana Robalo que no entanto conseguiu um pontuação importante ficando a meio da tabela da classificação geral.



O desporto para visitantes esteve sempre a par de exhibições de alto nível no polidesportivo (na foto, um par da União Setubalense)

Malha grande pequena e corrida

Presença tradicional na festa é sem dúvida a dos aficionados da malha, nas suas três variantes. Os respectivos torneios decorrem num local próprio, situado junto ao polidesportivo, onde acorreu muito público interessado no jogo e na perfeitura dos praticantes.

Na **Malha Corrida**, a classificação individual ficou assim ordenada: 1.º Joaquim Maria (Santiago do Cacém); 2.º Hugo Guerreiro (Aldeia Chãos); 3.º Joaquim Nunes (Alvalade); 4.º Augusto Sobral (Santiago do Cacém); 5.º José dos Ramos (Santa Cruz); 6.º Anastácio Pereira (Santa Cruz). Colectivamente, em 1.º ficou a equipa dos Apanhados (Santiago do Cacém); 2.º Equipa de Alvalade; 3.º Aldeia dos Chãos; e 4.º a equipa de Val Secos.

No **Chinquilho Malha Pequena**, as primeiras seis equipas foram as seguintes: 1.º AAA; 2.º Arroense; 3.º Sempre Fixe; 4.º GRF; 5.º União Pires; 6.º A Vontade do Povo.

Na **Malha Grande**, em classificaram-se em 1.º Amigos; 2.º Aldeia do Meço; 3.º Forninho; 4.º Pontes; 5.º Algeruz e em 6.º a Gâmbia.

Entretanto, está já assegurado novo torneio na próxima da festa do «Avante!», que desta vez será organizado pelos «Amigos do Chinquilho» de Setúbal.



Desmontar a Festa também é fazer a Festa!

Para que no próximo ano, na 25.ª Festa do Avante! seja tudo ainda mais belo, cuidado e acolhedor.

Participa nas jornadas de trabalho de fim-de-semana na Atalaia!

(como sempre, a Festa retribui... com juro!)

Carlos Carvalhas amanhã na Madeira

O Secretário-geral do PCP estará sexta-feira, dia 8, na Região Autónoma da Madeira, cumprindo um programa de contactos e acções de rua no **Caniçal, Machico e Funchal**, no âmbito da intervenção da CDU nas próximas Eleições Regionais.

Às 20 horas, Carlos Carvalhas participa no **jantar de apresentação dos candidatos CDU** da Madeira que se realiza no Restaurante Típico «A Parreira», no Funchal.

Plenário do Sector Público

Realiza-se na próxima 2.ª feira, dia 11, no Centro de Trabalho Vitória em Lisboa, um plenário de militantes da Organização do Sector Público da ORL (**CTT, PT, EDP, EPAL, GDP, Petrogal** e outras empresas de Correios, Telecomunicações, Energia e Petróleos) sobre a situação política e social e o XVI Congresso do Partido. A reunião tem início às 18h30.



AÇORES

Jogo de Futebol de 5 entre solteiros e casados dia 9 no Faial

ATVer

Buena Vista Social Club

(Sábado, 23.55, RTP 1)

Eis o lado mais interessante na cinematografia de Wim Wenders - o documentário - que em maior ou menor grau habita até os seus melhores filmes de ficção. Aqui, o notável cineasta alemão, na esteira de **Ry Cooder**, acompanha com vários repórteres a digressão de um grupo de veteranos músicos cubanos por vários países do mundo numa série de calorosos concertos; ou vai a Havana para que a câmara a percorra ou os micros ouçam falar os próprios músicos, no seu meio ambiente. Música excelente de **Ibrahim Ferrer**, **Compay Segundo**, **Rúben González** e tantos outros, num filme comovedor pela transparência dos depoimentos dos seus intervenientes.

Ibrahim Ferrer e Rúben González, em «*Buena Vista Social Club*», de **Wim Wenders**

Vanessa Redgrave e Edward Fox, em «*Amor à Beira do Lago*», de **John Irvin**



Amor à Beira do Lago

(Sábado, 00.55, RTP 1)

Comédia romântica, tipicamente britânica, algo académica no acabamento final mas inegavelmente eficaz e sedutora como objecto de entretenimento que nos deixa seguir os jogos de amor e sedução que ocupam, durante umas férias em Itália, um par de sol-



teirões de meia idade e uma jovem americana. Eles são, no primeiro caso, **Vanessa Redgrave** e **Edward Fox** e, no segundo caso, **Uma Thurman**, num filme escorreito de **John Irvin**.

Diogo Infante e Vítor Norte, em «*A Sombra dos Abutres*», de **Leonel Vieira**

Cartaz de «*O Arrependido*», de **Jacques Tourneur**

O Arrependido

(Segunda, 23.00, RTP 2)

A iniciar um ciclo dedicado ao filme negro norte-americano, eis um melodrama exemplar em termos de criação de uma intensa e sugestiva atmosfera fílmica na qual os sentimentos (mais do que os diálogos) estão implícitos nesta história bizarra - obra-prima do flashback - de um detective que é contratado por um jogador profissional para descobrir o paradeiro da uma jovem que o alvejara... Interpretações brilhantes de **Robert Mitchum** e **Kirk Douglas** para uma realização modelar de **Jacques Tourneur**.

Encruzilhada

(Terça, 23.00, RTP 2)

Após a guerra, um soldado judeu desmobilizado é assassinado e o graduado que conduz o inquérito descobre que, pouco tempo antes da sua morte, o soldado se encontrara com outros três soldados, entre os quais um que era conhecido pelo seu anti-semitismo. Um outro clássico do filme negro, desta vez realizado por **Edward Dmytryk**, com **Robert Young**, **Robert Mitchum** e **Robert Ryan**.

Forças Secretas

(Quarta, 23.00, RTP 2)

Dois detectives são encarregados de escoltar a viúva de um gangster que vai testemunhar contra uma organização mafiosa. Entretanto, durante a viagem de comboio... (fiquemos por aqui). Só vendo! Porque este é um dos mais fascinantes filmes série B de sempre, realizado por **Richard Fleischer** com **Charles McGraw** e **Marie Windsor** nos papéis principais.

E ainda...

Sem Palavras, de **Ron Underwood**

(Quinta, 01.10, SIC)

2001, Odisseia no Espaço, de **Stanley Kubrick**

(Sexta, 02.00, SIC)

Lutando com Ernest Hemingway, de **Rand Haines**

(Domingo, 17.45, RTP 1)

A Sombra dos Abutres, de **Leonel Vieira**

(Domingo, 23.00, RTP 1)

Cabo e Satélite Regressa Jô Soares

Os admiradores de **Jô Soares**, esse grande *entertainer* brasileiro, podem agora voltar a vê-lo, de segunda a sexta, às 22.30 (com repetição no dia seguinte às 18 horas), num novo *talkshow* intitulado «*Programa do Jô*». É no canal brasileiro **GNT** e, no meio da conversa, terá música animada por um sexteto com **Derico**, **Bira**, **Miltinho**, **Osmar**, **Chico** e **Tomate**. A não perder! (**GNT**, segunda a sexta, das 22.30 às 24.00)



GNT

Um nome da arquitectura

Entre outros projectos excepcionais, talvez ele seja mais conhecido pela célebre **Pirâmide** que inventou para o espaço fronteiro ao **Museu do Louvre** em Paris. Mas se vir o documentário que o **People & Arts** lhe dedica, ficará a saber muito mais acerca de **I. M. Pei**, um dos grandes da arquitectura moderna. (**People & Arts**, quinta, às 21 horas)



PT

Quinta, 7

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
21.45 Bacalhau com Todos
22.45 Parque Maior
00.15 24 Horas
00.55 - Os Campeões do Surf (The Endless Summer, de Bruce Brown, EUA/1994, com Robert Wingnut Weaver, Patrick O'Connell. Aventuras/Documentário)
02.50 «Contagem Final para o Caos» (de Dick Lowry, EUA/1999, com Ken Olie, Joe Morton. Acção)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 15.00: Volta à



Billy Wilder, que fez «*Sunset Boulevard*» e mais de 50 outros filmes numa trintena de anos, no «*Artes e Letras*»

Espanha; às 16.30 Informação Gestual)
17.30 Comunicação Entre Animais
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
19.50 Hóquei em Patins: Portugal-Itália (Europeu de Júniores)
21.10 Tempos da Ciência
22.00 Jornal 2
23.00 «Independência ou Morte» (de Carlos Coimbra, Brasil/1972, com Tarcísio Meira, Glória Meneses. Drama Histórico)
01.05 «Adeus Princesa» (de Jorge Paixão da Costa, Port.-Esp.-Fr./1991, com Miguel Molina, Inês de Medeiros, Diogo Infante, Cucha Carvalheiro. Drama)

▼ SIC

08.00 Buérré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 História de Amor
15.00 Fátima Lopes
17.00 Mulher
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Febre do Dinheiro
21.30 Laços de Família / Aguarela do Brasil
23.30 Cuidado com as Aparências
00.10 Sai de Baixo
00.50 Último Jornal
00.25 «Sem Palavras» (Speechless, de Ron Underwood, EUA/1994, com Michael Keaton, Geena Davis, Christopher Reeve. Comédia Dramática)
03.10 Viper

▼ TVI

08.30 Animação
11.30 Dinheiro à Vista
12.10 «Big Brother»
12.55 TVI Jornal
13.50 O Direito de Nascer
14.55 «Big Brother»
15.15 Batatoon
18.00 «Big Brother»
18.15 Asas nos Pés
19.15 Dinheiro à Vista
19.55 Jornal Nacional
20.45 «Big Brother»
21.30 As Pupilas do Sr. Doutor
21.40 Investigação TVI
22.20 A Bola é Nossa
01.00 TVI Jornal
01.40 Seinfeld

Sexta, 8

▼ RTP 1

07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
21.50 No Limite
22.30 Companhia do Riso
23.05 «Hackers - Piratas Cibernéticos» (de Jaim Sofley, EUA/1995, com Johnny Lee Miller, Angelina Jolie. «Thriller»)
00.50 24 Horas
01.20 «Missão Força Ataca» (de Yin-Ping Chu, Hong Kong/1984, com Jackie Chan. Acção)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 14.00: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)
17.30 A Paixão dos Santos



Retrato de Viana da Mota, o ilustre pianista e compositor português: sábado na RTP2

18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
19.50 Hóquei em Patins: Camp. Europeu de Júniores (Final)
21.20 Jornal d'África
22.00 Jornal 2
23.00 «Sermões - A História de António Vieira»
00.35 Vítimas Inocentes

▼ SIC

08.00 Buérré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 História de Amor
15.00 Fátima Lopes
17.00 Mulher
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Febre do Dinheiro
21.30 Laços de Família / Aguarela do Brasil
23.30 Sai de Baixo
00.10 Jogo Limpo
01.40 Último Jornal
02.00 2001, Odisseia no Espaço (2001, a Space Odyssey, de Stanley Kubrick, Gr.Br./1968, com Keir Dullea, William Sylvester, Gary Lockwood. Ficção Científica)

▼ TVI

08.30 Animação
11.30 Dinheiro à Vista
12.10 «Big Brother»
12.55 TVI Jornal
13.50 O Direito de Nascer
14.55 «Big Brother»
15.15 Batatoon
18.00 «Big Brother»
18.15 Asas nos Pés
19.15 Dinheiro à Vista
19.55 Jornal Nacional
20.45 «Big Brother»
21.30 Errar é Humano
22.40 Reis da Música Nacional
00.50 TVI Jornal
01.30 Seinfeld

Sábado, 9

▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
11.15 Jet Set
12.00 Automobilismo: GP Itália (Fórmula 1)
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.10 Destinos de Sofia
16.10 Tesouros de Damasco
17.00 «Como Pescar uma Italiana» (de Howard Deutch, EUA/1995, com Jack Lemmon, Walter Mathau, Sophia Loren, Ann-Margret. Comédia)
18.55 Futebol: Jogo da 1ª Liga
21.00 Telejornal
22.00 Santa Casa
23.55 «Buena Vista Social Club» (de Wim Wenders, Alem/1998, com Ry Cooder, Compay Segundo, Rúben González, Ibrahim Ferrer. Ver Destaque)
01.25 24 Horas
00.45 «Homicídio nos Montes Perdidos» (de Matthew Harrison, EUA/1997, com Kevin Corrigan, Linda Fiorentino, James Woods. Telefilme/Comédia)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.00 Iniciativa

«Cuidado com as Aparências», a nova sitcom portuguesa da SIC

14.00 Desporto
19.10 Mau Tempo no Canal
21.10 Viana da Mota (Documentário)
22.00 Jornal 2
22.45 Magazine 2001
23.25 Sim, Sr. Ministro
23.55 Valha-me Deus
00.20 Coupling
00.55 «Amor à Beira do Lago» (A Month by the Lake, de John Irvin, Gr.Br./1995, com Vanessa Redgrave, Edward Fox, Uma Thurman. Ver Destaque)

▼ SIC

07.30 Zip Zap
12.00 Muita Lôco
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Maior Cabaret do Mundo
15.00 Big Show Sic
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 O Cravo e a Rosa
22.00 Mundo VIP
22.30 HermanSic
00.20 Último Jornal
00.40 «O Silêncio dos Acusados» (de Mick Jackson, EUA/1995, com James Woods, Mercedes Ruehl, Lolita Davidovich. Drama)

▼ TVI

09.00 Animação
10.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
10.30 O Sótão do Pedro
11.00 Top Rock
12.55 TVI Jornal
13.25 Contra-Ataque
14.25 4ª. A Fundo
14.45 «Difícil Esquecer» (de Vic Sarin, EUA/1999, com Tim Dutton, Polly Shannon. Drama)
16.45 Nightman II
17.45 «Indiscrições» (de Nare Biemstock, EUA/1998, com Lake Perry, Richard Rosenborg, Gabriella Hall. Telefilme/Thriller)
19.55 Jornal Nacional
20.50 Jardins Proibidos
22.10 Bora Lá Marina
22.50 Lux
23.40 «A Dor do Segredo» (de Norman Bailey, EUA/2000, com Sean Young, Rhea Perlman. Drama)
01.40 «Projecto Genesis» (de Philip Jackson, EUA/1993, com David Ferry, Olga Prokhorova, Ken Lemaire. Ficção Científica)

Domingo, 10

▼ RTP1
07.00 Infantil / Juvenil
11.35 3ª. Calhou a Contar do Sol
12.00 Jornal da Tarde
13.00 Automobilismo: GP Itália (Fórmula 1)
15.00 Made in Portugal
16.30 Tesouros de Damasco
17.45 Lutando com Ernest Hemingway (de Randa Haines, EUA/1993, com Robert Duvall, Richard Harris, Piper Laurie, Sandra Bullock, Shirley MacLaine. Drama)
20.00 Telejornal
21.00 Os Imparáveis
21.40 Domingo Desportivo
23.00 A Sombra dos Abutres (de Leonel Vieira, Port/1996, com Vítor Norte, Diogo Infante, José Wallentein, Fátima Belo. Drama)
00.45 Automobilismo: GP Itália (Fórmula 1)
01.00 24 Horas
01.20 «Você Tem Sex-Appeal?» (Longa Metragem)

▼ RTP2
07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
11.15 Sobrevivência
12.20 Tesouros Escondidos do Mundo Antigo
13.20 Quem Sai aos Seus
14.00 «Geening the Olympics»
15.00 Desporto
19.15 As Ilhas da Bruma
19.45 Um Americano em Tanger
20.30 Artes e Letras: «Billy Wilder»
21.30 Horizontes da Memória
22.00 Jornal 2
23.00 Kingdom
23.45 Faenas
00.15 Artes de Palco - Teatro: «O Sr. Portugal em Tokushima»

▼ SIC
07.30 Zip Zap
12.00 BBC Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Maior Cabaret do Mundo
15.00 «Os Baby-Sitters» (de John Paragon, EUA/1994, com Peter Paul, David Paul. Comédia)
17.00 Xena, A Princesa Guerreira
18.00 «Matilda, a Espalhafadas» (de Danny De Vito, EUA/1996, com Danny De Vito, Rhea Perlman, Embeth Davitz. Comédia)
20.00 Jornal da Noite
21.00 O Cravo e a Rosa
22.10 A Febre do Dinheiro
00.30 Último Jornal
00.50 «Duelo Imortal - Parte II» (de Russel Mulcahy, 1991, com Christopher Lambert, Virginia Madsen. Acção/Ficção Científica)

▼ TVI
09.00 Animação
11.00 Espaço Religioso
11.10 Missa
12.55 TVI Jornal
13.25 Portugal Português
14.15 Caras Lindas
15.50 «O Falinhas Mansas» (de Michael Jenkins, EUA/1992, com Bryan Brown, Chris Haywood. Drama)
18.00 Cocktail Nacional
19.55 Jornal Nacional
21.00 Futebol: U. Leiria-Benfica
23.00 Big Brother (Compacto)
01.10 ABC da Morte (Mini Série)



Segunda, 11

▼ RTP1
07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Mr. Bean
21.45 Serviço de Urgência
22.50 Jogo Falado
00.30 24 Horas
01.00 «Torturada» (de Jonathan Sanger,



O «big brother» dos Simpsons continua a tentar submeter Springfield...

EUA/1995, com Raul Julia, Laura Dern, Vanessa Regrave. Drama)

▼ RTP2
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 15.00: Ciclismo: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)
17.30 Austrália Selvagem
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
21.00 Rotações
21.30 Bombordo
22.00 Jornal 2
23.00 «O Arrependido» (Out of the Past, de Jacques Tourneur, EUA/1947, com Robert Mitchum, Kirk Douglas, Rhonda Fleming. Ver Destaque)
01.00 Trinity

▼ SIC
08.00 Buéréré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 História de Amor
15.00 Fátima Lopes
17.00 Mulher
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
21.00 A Febre do Dinheiro
20.00 Jornal da Noite
21.40 Laços de Família / Aquarela do Brasil
23.10 Roda dos Milhões
01.40 Sai de Baixo
02.40 Último Jornal
03.00 «Uma Rapariga Como as Outras» (de Michael Keusch, EUA/1992, com Corey Haim, Nicolas Eggert. Comédia)

▼ TVI
08.30 Animação
11.30 «Big Brother»
13.00 TVI Jornal
13.50 O Direito de Nascer
14.55 «Big Brother»
15.15 Batatoon
18.00 «Big Brother»
18.15 Asas nos Pés
19.15 Dinheiro à Vista
20.00 Jornal Nacional
21.00 «Big Brother»
21.30 Jardins Proibidos
22.40 Ficheiros Secretos VII
23.40 Causa Justa
00.40 TVI Jornal
01.10 Seinfeld
01.50 Profiler

Dinheiro: dois profissionais consagrados e uma revelação recente comandam as tropas de cada canal na guerra dos concursos que dão dinheiro, a grande aposta de todos eles

Terça, 12

▼ RTP1
07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem Não é Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.45 Futebol: Sporting-Real Madrid (Liga dos Campeões)
21.45 Telejornal
22.45 Mr. Bean
23.30 Mãos à Obra
00.30 Grande Repórter
01.00 Desporto
01.50 Strangers
02.45 24 Horas

03.05 «A Cidade dos Gémeos» (de Kevin Allen, Gr.Br./1997, com Llyr Evans, Rhys Ifans, William Thomas. «Thriller»)

▼ RTP2
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 15.00: Ciclismo: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)
17.30 Leões do Kalahari
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Os Simpsons
20.30 Cidade Louca
21.00 O Lugar da História
22.00 Jornal 2
23.00 «Encruzilhada» (de Edward Dmytryk, EUA/1947, com Robert Young, Robert Mitchum, Robert Ryan, Gloria Grahame. Ver Destaque)
00.45 Mau Tempo no Planeta

▼ SIC
08.00 Buéréré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 História de Amor
15.00 Fátima Lopes
17.00 Mulher
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Febre do Dinheiro
21.40 Laços de Família / Aquarela Brasileira
23.20 Cuidado com as Aparências
24.00 Sai de Baixo
00.40 Último Jornal
01.00 «Reportagem Fatal» (Press Runde, de Robbie Ditchburn, EUA/1998, com Patrick Bergin, Annie Dufresne. «Thriller»)
03.00 Toda a Verdade

▼ TVI
08.30 Animação
11.30 «Big Brother»
13.00 TVI Jornal
13.50 O Direito de Nascer
14.55 «Big Brother»
15.15 Batatoon
18.00 «Big Brother»
18.15 Asas nos Pés
19.15 Dinheiro à Vista
20.00 Jornal Nacional
21.00 «Big Brother»
21.30 «Big Brother» em directo
23.45 Os Homens do Presidente (Série)
00.45 TVI Jornal
01.25 Seinfeld

Quarta, 13

▼ RTP1
07.00 Hora Viva
10.00 Praça da Alegria / Culinária
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.00 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
18.30 Roseira Brava
19.30 Futebol: Barcelona-Leeds (Liga dos Campeões)
21.45 Telejornal
22.30 Mr. Bean
23.10 Estrelas do Mar
00.25 Desporto
01.30 24 Horas
02.00 «Todas as Amantes

o Fazem» (de Jan Verheyen, EUA/1994, com Brent Fraser, Pamela Gidley. «Thriller. Erótico»)

▼ RTP2
07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30: Os Principais; às 12.30: Euronews; às 15.00: Ciclismo: Volta à Espanha; às 16.30: Informação Gestual)
17.30 Grandes Mistérios e Mitos do Séc. XX
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Os Simpsons
20.25 Cidade Louca
21.00 Jornal 2
22.00 Sinais do Tempo
23.00 «Forças Secretas» (The Narrow Margin, de Richard Fleischer, EUA/1952, com Charles McGraw, Marie Windsor, Jacqueline White. Ver Destaque)
01.25 Ser Ou Não Ser Génio (Documentário)

▼ SIC
08.00 Buéréré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 História de Amor
15.00 Fátima Lopes
17.00 Mulher
18.00 Malhação
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Febre do Dinheiro
21.40 Laços de Família / Aquarela do Brasil
23.10 Sai de Baixo
00.10 Último Jornal
00.30 «Marés Brancas» (de Serge Rodnunsky, EUA/1995, com Roddy Piper, Tawny Kitaens. Aventuras)

▼ TVI
08.30 Animação
11.30 «Big Brother»
13.00 TVI Jornal
13.50 O Direito de Nascer
14.55 «Big Brother»
15.15 Batatoon
18.00 «Big Brother»
18.15 Asas nos Pés
19.15 Dinheiro à Vista
20.00 Jornal Nacional
21.00 «Big Brother»
21.30 «Big Brother» em directo
23.45 Os Homens do Presidente (Série)
00.45 TVI Jornal
01.25 Seinfeld

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TVisto
Correia da Fonseca
A troca

O prof. Marcelo Rebelo de Sousa, com cátedra de analista político na TVI, fez saber na que por acaso foi a última emissão do «Directo XXI»: não gostou da intervenção de Carlos Carvalho na Festa do «Avante!». É bom sinal. Infelizmente, porém, o senhor professor não se ficou por ali e alongou-se em considerações acerca do PCP. Bem sei que, para além do gosto pessoal que tem em dizer coisas, é para isso que lhe pagam. Mas o caso é que desta vez o que o professor Marcelo disse teve laivos de insulto para não dizer de infâmia, o que talvez fosse excessivo até porque, que diabo!, Marcelo Rebelo de Sousa não me parece dos que praticam um anticomunismo dos mais odiosos, se me engano peço desculpa. Disse ele que o actual PCP lhe lembra cada vez mais a ditadura do tempo do marcelismo e que as palavras de Carlos Carvalho apontaram, como em tempos as de Marcelo Caetano, para uma «renovação na continuidade». É um bocado de mais. Por natural que seja estabelecer algumas confusões, há confusões que a mínima lucidez e a correcção elementar impedem, e uma delas é que se confunda a continuidade de uma ditadura fascista, empenhada na repressão interna e numa guerra colonial criminosa, com a continuidade na luta contra uma sociedade injusta e pela defesa de todos os explorados, que é a inquebrantável continuidade em que o PCP se mantém, hoje como sempre. É claro, eu compreendo o prof. Marcelo: por razões políticas e

assim, que até parecia mal. Então, vá de disparar sobre a intervenção de Carvalhas e de lhe falsificar o sentido. A mim, que não sou analista diplomado nem pretendo sequer ficar perto disso, o discurso do secretário-geral do Partido até me pareceu dos melhores que já lhe ouvi no difícil equilíbrio do rigor e função esclarecedora com o cuidado bastante para manter aberta a militância comunista a todos os militantes comunistas. Mas é claro que este êxito não podia agradar a Marcelo Rebelo de Sousa, eu compreendo, aliás estamos aqui para nos compreendermos todos uns aos outros, e é o que eu faço.

A melhor da lição

Seria excessivo e injusto escrever que a totalidade da cobertura televisiva da Festa foi de hostilidade aberta ou de estratégico semi-silenciamento. Não foi. Mas foi um facto, que por diversas vezes se tornou chocante, a frequente tentação de trocar as notícias da Festa com «informações» e especulações a partir da «carta». Mas é obrigatório registar o que as TV's fizeram dela e como a substituíram como tema central de reportagens que a mera correcção informativa ensinaria não terem nada a ver com o caso. Foi uma troca reles motivada por móbeis não menos reles: o desejo de usar os serviços noticiosos como arma na guerra ideológica contra o Partido Comunista, de atizar supostos fogos, de intrigar, de mentir pelo empolamento de certos aspectos ao lado da minimização de outros.

Para mais, muitas vezes a ignorância dos repórteres foi tão óbvia que era uma vergonha. Lembro-me, por exemplo, do jovem jornalista que a propósito do lançamento de «Um risco na areia» falou da «manifestação silenciosa» de Setembro de 74, coisa que não aconteceu senão naquela cabecinha mal informada e confusa. Mas vale a pena voltar à lição televisiva do prof. Marcelo para lembrar como ele, amigo, reiterou habituais conselhos ao PCP para que se torne bom menino, pois se se portar bem ainda pode chegar ao Governo. E, incauto, deu o exemplo



do PCI e de D'Alema, que até foi primeiro-ministro há pouco tempo. Apetece dizer: Importa-se de repetir? É que toda a gente sabe que os comunistas italianos estão na Refundação, não no partido de D'Alema que aliás já não se chama «comunista» nem o é. Mas cá se recebeu o recado: é esta a «renovação» que Marcelo deseja ao PCP. Obrigado, senhor professor. Nós já sabíamos, mas é sempre simpático que o confirme.

A talhe de foice

• Leandro Martins

A Festa respondeu

Foi uma grande Festa. Mais uma vez. Disso pretende o «Avante!» dar hoje fé, e a Festa, acontecimento maior na vida partidária, atravessa toda a nossa edição, da primeira à última página. E ficamos todos na redacção com o sentimento de que, se mais páginas houvesse, e mãos, e gente para fotografar e escrever, mais diríamos e mostraríamos sem nunca

conseguirmos dar mais do que um vislumbre do que na realidade esta festa é, do que ela foi neste ano 2000, à beira do século XXI. Para se ficar a saber da Festa é preciso ir lá. Como para se ficar a saber realmente que partido somos é preciso contactar com ele, saber da sua justiça, da sua generosidade, da fraternidade que o anima, da firmeza de princípios que o enforma, da capacidade de resistência e de luta que o move, da juventude que atrai e integra.

Poderia pensar quem não nos conhecesse que o verdadeiro bombardeamento a que se assistiu, visando tirar dividendos ou promover divisões do debate que entretanto o Partido leva a cabo na preparação do seu Congresso, bombardeamento feito a partir de uma natural diversidade de opiniões mas organizado como uma intriga, poderia pensar quem não nos conhecesse que tal bombardeamento poderia envenenar a nossa Festa, fragilizar a nossa postura, diminuir o nosso espírito combativo.

É certo que tal operação tinha com efeito esse objectivo. E por isso a Direcção do PCP divulgava na passada quinta-feira (ver pág. 2) um esclarecimento em que fazia notar o propósito de, com a divulgação de uma opinião endereçada ao Partido, «prejudicar o êxito da Festa e a intervenção e afirmação políticas do PCP».

Era esse certamente o objectivo. Mas uma coisa é uma intenção, outra é a capacidade do grande colectivo partidário que é o PCP. Os comunistas, que não ignoram opiniões, posturas ou ideias, não se deixam facilmente abalar pela intriga, pelas operações de diversão, por apelos a que sejamos outros que não aquilo que queremos muito livremente continuar a ser.

Ainda há dias, pensando certamente lançar achas para uma fogueira que em tempos pretendeu ele também acender, acabando encharcado, um jurista foi ao ponto de brandir a pena magistral em ameaça. Esborrifando tinta não daquela, generosa e militante com que em tempos ajudou a erguer o edifício constitucional que instituiu a liberdade e a democracia — ameaça agora o PCP com os «princípios constitucionais da «transparência e da organização e gestão democráticas».

A antiga tinta secou-lhe e mergulha agora no pote do anticomunismo de fachada socialista para ameaçar o PCP. Invoca ele os «princípios da transparência e da gestão democráticas» para criticar os partidos que se revezam na política de direita? Para apontar a pouca democracia dos seus congressos onde passeiam barões, notáveis e outros «boys» à cata de consensos de poder? Para exigir contas claras aos partidos da burguesia? Para indagar a origem dos seus subsídios? Não. O que pretende é que, por temor à «transparência», amputássemos o leninismo e os princípios democráticos que dele decorrem e pudéssemos, assim desarmados, servir facilmente de muleta aos partidos que servem a direita.

O grande colectivo partidário — que construiu na Festa um vislumbre de um mundo de fraternidade, de igualdade, de cultura, pelo qual combate — respondeu-lhe já. O grande colectivo partidário ali representado fez questão de afirmar, na grande diversidade de iniciativas, a sua identidade comunista. A Festa respondeu.

CGTP também quer negociar horários, férias, qualificação e valorização

Não ficar pelos salários

A CGTP garantiu anteontem que não pretende limitar as negociações com o Governo e os representantes patronais apenas ao referencial salarial.

Manuel Carvalho da Silva defendeu, num encontro com jornalistas, a necessidade de ser feita uma reflexão mais profunda em torno da negociação colectiva. «O referencial salarial é muito importante, mas temos que o enquadrar num conjunto de outras reivindicações», defendeu o secretário-geral da *Inter*, nomeando o aumento do salário mínimo nacional, a redução do horário de trabalho, a consagração de 25 dias de férias, a formação e qualificação dos

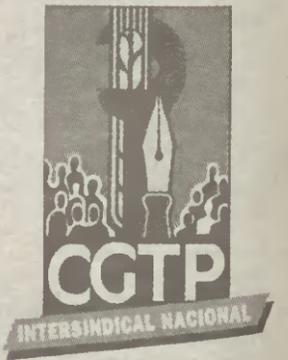
trabalhadores e a correspondente valorização do trabalho.

O Conselho Nacional da CGTP reúne-se hoje para debater a política reivindicativa para o próximo ano, designadamente o referencial de actualizações salariais, que deverá ter um valor percentual e outro nominal (que funcionará como um mínimo).

Para o dirigente da central, citado pela Lusa, é também importante discutir o modelo de desenvolvimento

económico do País, que considera esgotado, bem como lembrar que grande parte do patronato é responsável pela actual situação económica, que os trabalhadores portugueses foram defraudados por aumentos salariais calculados com base em pressupostos de inflação que já foram ultrapassados e que os trabalhadores portugueses continuam a ser muito mal pagos.

A CGTP está também empenhada em comemorar condignamente o seu 30.º aniversário, sob o lema «30 anos com os trabalhadores — um sindicalismo de classe no Século XXI». A partir de dia 15, e durante um mês,



vão realizar-se plenários, prioritariamente nas empresas com mais de 100 trabalhadores, com o objectivo de assinalar o aniversário e de discutir a acção reivindicativa. As comemorações vão ter o seu ponto alto no dia 30.

«Embaixada» antijugoslava

Para o Partido dos Trabalhadores da Hungria, a actividade do novo «departamento de assuntos jugoslavos» na embaixada dos EUA em Budapeste deve ser proibida pelo governo magiar.

O departamento, segundo o correspondente em Washington do «Népszabadság», é chefiado pelo embaixador americano na Croácia, terá entre o seu pessoal funcionários da agência USAID, e destina-se a apoiar «toda a oposição jugoslava». O jornal refere que especialistas americanos em questões dos Balcãs vêem a abertura do departamento de Budapeste como uma medida para procurar encorajar acções con-

certadas da oposição, designadamente Vuk Draskovic, figura que normalmente prefere linhas separadas.

O Partido dos Trabalhadores da Hungria, num comunicado da sua presidência, manifestou indignação e condenou as autoridades dos EUA, «que usam a embaixada em Budapeste para interferir nos assuntos internos de outros países», violando a Convenção de Viena de 1961. «A República da Hungria é um país soberano e não um Estado federado americano», protesta a presidência do PTH.

O «Népszabadság» recorda que «desde o início dos anos 90, consecutivos gover-

nos húngaros não se limitaram a praticar uma política abertamente hostil para com o governo da Jugoslávia legalmente eleito, não ofereceram apenas o território, o espaço aéreo e infra-estruturas do país para a actividade da Nato contra a Jugoslávia antes de entrar para a aliança militar, mas com actos concretos têm contribuído para actividade subversiva destinada a derrubar o governo e o sistema político-social de um país vizinho». Aquele novo «departamento» veio inaugurar «um estádio qualitativamente novo na política intervencionista do Ocidente contra a Jugoslávia».

CDU em acção nos Açores e Madeira

Terminou na segunda-feira o prazo para entrega de candidaturas às eleições de 15 de Outubro nas Regiões Autónomas dos Açores e a Madeira, começando a 1 de Outubro as respectivas campanhas eleitorais.

Crítica

A CDU acusou anteontem o governo regional da Madeira de ter «desbaratado» a agricultura madeirense, nomeadamente a produção de banana. Mário Tavares, cabeça-de-lista da coligação em Câmara de Lobos, durante contactos com

«mais de 10 milhões de contos e o bananal ficou pelo caminho», ou seja, a produção baixou consideravelmente. «Agora vê-se com amargura que a pouca banana produzida vai caminhando para a Estação de Lixo da Meia Serra às toneladas por semana» enquanto, «em vésperas de eleições, o governo ainda paga mais ao produtor (70 escudos) para, depois, a banana ir para o lixo».

Confiança

Nos Açores, uma das questões que vai estar mais em debate vai ser a reconstrução da ilha, após o sismo de Julho de 1998. José Decq Mota, coordenador do PCP/Açores e cabeça-de-lista da CDU pelo Faial, já fez depender um eventual apoio da coligação ao próximo Governo Regional das

exigências que tem apresentado para a reconstrução das zonas mais afectadas.

Por sua vez, Paulo Valadão, deputado do PCP, que de novo encabeça a lista da CDU pelas Flores, seguro do trabalho realizado desde as últimas eleições e da equipa que com integra a lista, está confiante na sua reeleição. Há quatro anos, a CDU conseguiu no círculo das Flores cerca de um terço dos votos, situando-se a seguir ao PSD e acima do PP e do PS.

À Agência Lusa, após a entrega da respectiva lista de candidatos, Mário Abrantes, cabeça-de-lista em S. Miguel, admitiu que é possível a constituição na Assembleia Legislativa de uma representação parlamentar da CDU.

Censura do PSD passa ao lado

«A moção de censura anunciada pelo PSD, à semelhança daquela que há pouco mais de um mês foi apresentada pelo PP, parece inserir-se essencialmente na competição que se trava dentro da direita portuguesa, entre o PSD e o PP», afirmou anteontem Octávio Teixeira.

Num comentário divulgado pelo Gabinete de Imprensa do PCP, aquele membro da Comissão Política nota que, «por aquilo que até agora foi tornado público, o PSD não questiona as orientações centrais e essenciais da política governativa, apenas a questão de nomes e de estrutura organizativa». O líder parlamentar do Partido acrescenta que «um dos pretextos pré-anunciados, o relativo à descriminalização dos toxicod dependentes, reveste-se de grande demagogia, visando confundir e enganar a opinião pública».

«Não me parece, pois, que, pela nossa parte, estas razões sustentem politicamente uma moção de censura ao Governo, mas esperamos pelo conhecimento concreto do requerimento do PSD», conclui Octávio Teixeira.



agricultores, afirmou que o executivo de Alberto João Jardim, já gastou

acores REGIONAIS 2000



00251